

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

Juliana Chica Lopes

O Vínculo e sua Relevância no Trabalho Terapêutico Fonoaudiológico com
Grupos

MESTRADO EM FONOAUDIOLOGIA

SÃO PAULO

2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

Juliana Chica Lopes

O Vínculo e sua Relevância no Trabalho Terapêutico Fonoaudiológico com Grupos

MESTRADO EM FONOAUDIOLOGIA

Tese apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Fonoaudiologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob orientação da prof.a, Doutora Silvia Friedman.

SÃO PAULO

2008

Banca Examinadora

Data: __/__/__

Aos meus pais, Adelaide e Alfredo,
pela presença constante, apoiando e
incentivando meu desenvolvimento pessoal
e profissional.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Prof.^a Silvia Friedman, orientadora e amiga, pela valiosa orientação, presente dedicação e por tudo o que me ensinou durante essa caminhada.

Às Professoras Doutoras Ivone Panhoca e Cecília Moura pelas valiosas contribuições na banca de qualificação.

Ao Raul pelo companheirismo, compreensão e fortalecimento nos momentos mais difíceis desse processo.

Às amigas de longa data, Tatiana e Mármara, pela compreensão da minha ausência.

A minha família pelo incentivo e paciência sem limite que amenizaram as dificuldades encontradas.

RESUMO

Partindo da definição de Berenstein (2001) que entende vínculo como uma “estrutura inconsciente que une um ou mais sujeitos (...) em base a uma relação de presença”, o objetivo da presente pesquisa foi o de compreender a configuração de vínculos no processo terapêutico grupal, para, a partir daí, refletir sobre como o vínculo pode ser relevante no trabalho fonoaudiológico.

Foram filmados dois grupos terapêuticos formados por 4 e 3 adolescentes respectivamente, uma vez por mês, durante um período de 5 meses, perfazendo um total de 10 filmagens. Os filmes foram analisados a partir da sua transcrição em ortografia regular somada ao registro de informações sobre a cena.

Os resultados mostraram que os vínculos se configuraram a partir: de elementos que funcionam como conectores do grupo, no nosso caso jogos e temas de conhecimento comum; de papéis assumidos pelos participantes do grupo; do compartilhamento de vivências comuns experimentadas nos grupos externos ao da terapia; da ascensão de um projeto vital compartilhado.

Concluiu-se que o processo de configuração de vínculo no âmbito terapêutico é também um processo de desenvolvimento tanto de atitudes socioculturais como de linguagem.

Palavras chaves: grupo terapeutico/ fonoaudiologia/ vínculo

ABSTRACT

Starting from Berenstein's (2001) definition about linkage as an "unconscious structure that connects one or more subjects (...) based on a relationship on presence", the objective of this research was to understand the configuration of linkages in therapeutic group process. It led us to reflect about how the linkage can be relevant for phonological work.

We filmed two therapeutic groups formed by 4 and 3 adolescents respectively, once per month, during 5 months, bringing up 10 shots. The films were analyzed from its regular spelling transcript, added to the registration of scene information.

The results showed that linkages were formed through: elements acting as group connectors, in our case: games and topics of common knowledge; roles assumed by the participants of the group; sharing common experiences about groups external to the therapy context; the bringing up of a shared vital project.

We concluded that the linkage process within therapy is also a development process both of sociocultural attitudes as language.

Key Words: therapeutic group/ phonological/ linkage

SUMÁRIO

Introdução _____	01
Capítulo 1: dissertando sobre grupo _____	05
Capítulo 2: o vínculo _____	17
Capítulo 3: método _____	30
coleta de dados _____	31
análise de dado _____	32
dados da instituição _____	33
dados do sujeito _____	36
Capítulo 4: análise e discussão _____	47
grupo 1 _____	48
grupo 2 _____	67
Conclusão: _____	96
Bibliografia: _____	99
Anexos _____	102

INTRODUÇÃO

Nosso interesse por estudar a terapia em grupo surgiu durante o curso de graduação, quando conhecemos essa modalidade de atendimento fonoaudiológico ao realizar estágios clínicos. Desde cedo, interessou-nos saber como era possível realizar o atendimento clínico de grupos e que vantagens isso traria. Assim, depois de muito refletir e debater o assunto com colegas e professores, acabamos escolhendo este tema para realizar nosso trabalho de conclusão de curso, no qual, por meio de entrevistas com profissionais, pudemos entender melhor a dinâmica do atendimento grupal e saber como os profissionais entrevistados atuavam neste tipo de enquadre terapêutico.

Um resultado do estudo levou-nos a constatar que a terapia em grupo, para a maioria dos profissionais entrevistados, estava sendo utilizada apenas para poder atender a um contingente maior de pacientes. Isso vai ao encontro das afirmações de Corrêa (1997:17), quando a autora diz que a terapia de grupo na Fonoaudiologia surgiu devido à grande demanda de pacientes, assim como ocorreu na Psicanálise.

Outro resultado desse trabalho apontou que os profissionais entrevistados não justificavam teoricamente o atendimento em grupo. Talvez isso esteja relacionado ao fato de terem manifestado questionamentos quanto à efetividade do grupo terapêutico.

Desses resultados passamos a entender que o atendimento em grupo na clínica fonoaudiológica poderá ganhar sentido à partir da explicitação teórica das bases que o sustentam, bem como da demonstração da compatibilidade destas com uma clínica dos problemas de linguagem. A partir disso, se poderá estabelecer aquilo que distingue o trabalho

fonoaudiológico em grupo do de outros grupos terapêuticos; Sendo assim, cumpre assumir que a Fonoaudiologia é por nós entendida como clínica dos problemas de linguagem, clínica da linguagem em sofrimento e o atendimento fonoaudiológico grupal entendido como forma possível de tratar desses problemas, direcionando-nos assim, para o caminho de construção de sua especificidade.

Sobre grupo apoiamos-nos no argumento de Kaës (1997), para quem o sujeito ao nascer já está inserido em diversos grupos. Nesses, constituem-se vínculos que são entendidos como elos entre os sujeitos, sendo assim vínculos intersubjetivos assumidos como constitutivos da subjetividade.

Assim, para autor, um sujeito se constitui como tal, à medida que os grupos por ele vivenciados passam a ser parte integrante de sua subjetividade. Dessa forma, o sujeito tem sempre uma dimensão grupal intrapsíquica. Ela se refere a todas as suas vivências parentais, escolares e religiosas, dentro dos grupos nos quais o sujeito está inserido desde sua infância. Quando um indivíduo chega a um novo grupo, que pode ser entre outros o grupo terapêutico, ele traz, intrapsiquicamente, os seus grupos e passa a compartilhar o seu psiquismo com os outros integrantes. Conforme explica Kaës, é o compartilhamento dos psiquismos no espaço grupal que possibilita a emergência de um novo psiquismo: o psiquismo do grupo. Este é, portanto, ao mesmo tempo coletivo (interconecção de vários grupos de diferentes sujeitos) e singular (cada grupo tem sua especificidade).

Todos os movimentos grupais que fazem parte da vivência do sujeito envolvem vínculos, visto que, como dissemos, vínculo se refere à relação entre uma subjetividade e outra o que é preponderante na vivência grupal. Diferentes tipos de relações podem gerar diferentes tipos de vínculo como por exemplo, os conjugais, filiais, de amizade, educativos e inclusive

terapêuticos, e que revela a dimensão simbólica do vínculo e portanto a centralidade da linguagem para o seu estabelecimento.

Com base nesse ponto de vista, nos estágios clínico vivenciados na rede pública de saúde, observamos que crianças com dificuldade de linguagem também apresentavam dificuldade de relacionamento com os outros – incluindo a terapeuta. Ao longo da terapia, com a criação de vínculos de amizade, acolhimento e compartilhamento passava a ser possível realizar as atividades terapêuticas propostas. e, a partir delas, a linguagem fluía, mostrando que o estabelecimento de vínculos no grupo terapêutico, tem potencial para afetar a produção de linguagem. Foi essa percepção que trouxe o interesse em focar a questão dos vínculos interpessoais na terapia em grupo como aspecto significativo para sustentar a construção teórica da terapia fonoaudiológica na dimensão grupal.

Nessa direção, Kaës (1997) argumenta que o estabelecimento de vínculos no grupo terapêutico permite e favorece as trocas intersubjetivas, o conhecimento de si e dos outros e as expressões de afeto. Apoiadas nele Friedman e Passos (2007), afirmam que os vínculos tem um efeito produtivo para a constituição da subjetividade e portanto, de linguagem dos pacientes.

A partir do que foi dito sobre grupos e sobre vínculos, configura-se o objetivo desta pesquisa: compreender a configuração de vínculos no processo terapêutico grupal, para a partir daí refletir sobre como o vínculo pode ser relevante no trabalho fonoaudiológico.

CAPÍTULO 1:

DISSERTANDO SOBRE GRUPO

O tema terapia de grupo tem sido, até o momento, pouco discutido pelos fonoaudiólogos pesquisadores. Como se sabe, entretanto, na prática clínica terapêutica os grupos tem sido cada vez mais utilizados, principalmente nos setores públicos de saúde. Como essa prática vem sendo desenvolvida sem, necessariamente, ter uma base em grandes discussões teóricas, consideramos importante compreender melhor a teoria sobre terapia em grupo, para poder configurar melhor esse campo no âmbito específico da terapia Fonoaudiológica. (FRIEDMAN e PASSOS, 2007)

Para construir algumas noções que nos permitam entender a constituição do espaço grupal, é necessário interpelar áreas afins ao campo fonoaudiológico, nas quais esse saber tenha sido construído, de modo a focalizar contribuições que possam auxiliar o fonoaudiólogo na fundamentação teórica e na prática relativa ao trabalho grupal. Desse modo, como diz David (2000), evita-se a atuação profissional baseada exclusivamente nas próprias experiências.

É nessa direção que nos apoiamos principalmente nos psicanalistas Zimmerman (2000) e Osório (1989) para apontar algumas vertentes de trabalho grupal oriundas de teorias Psicanalíticas e das Ciências Sociais, através dos ramos da Sociologia, Antropologia Social e Psicologia Social. Essas vertentes são: empírica, psicodramática, sociológica, filosófica - existencial, grupo operativo, institucional, grupo comunitário, comunicacional - interacional, gestáltica, teoria sistêmica, cognitivo-comportamental e teoria psicanalítica.

A vertente empírica tem como autor principal J. Pratt, um fisiologista americano que a partir de 1905, em uma enfermaria com mais de 50 pacientes tuberculosos criou, intuitivamente, o método de *classes coletivas*, as quais se consistiam em uma aula prévia ministrada pelo próprio autor. As aulas tinham como conteúdo a higiene e problemas da tuberculose. Após a exposição ocorria uma livre discussão com o médico. A contribuição desta vertente se deu, então, através da intuição e experimentação e não por bases científicas. Constatou-se por esse método bons resultados baseados na identificação dos pacientes com o médico. Essa foi a primeira experiência em grupo registrada (Zimmerman, 2000).

A vertente psicodramática surgiu na década de 1910. Esta vertente foi criada por Jacob Levy Moreno, médico, que tinha grande interesse por atividades teatrais (Zimmerman, 2000). Seus trabalhos com grupos ocorriam através de discussões e dramatizações. O psicodrama consiste em tratar as relações interpessoais e os problemas psíquicos em grupo a partir de encenações. (Osório, 1989)

A vertente sociológica é inspirada em Kurt Lewin. Esse autor, a partir de 1936, trabalhou no sentido de integrar as experiências do campo das ciências sociais à dos grupos. Para isso procurou estudar, em campo, as leis grupais que regem a vida dos grupos humanos. Para Kurt Lewin todos os indivíduos fazem parte do contexto de seu grupo social. Cada indivíduo influencia o seu grupo social e é por ele influenciado e modelado. (Zimmerman, 2000)

Na vertente filosófica-existencial conta-se com as contribuições de filósofos e literatos. O representante dessa vertente é J.P. Sartre. Sartre ocupou-se com questões ligadas a liberdade, responsabilidade individual e coletiva e com os jogos dialéticos entre ambos. Sartre estudou a formação

de grupo, em especial procurou estudar a formação da totalidade grupal. (Zimerman, 2000)

A concepção da vertente dos grupos operativos foi sistematizada por Pichon- Riviére. Pichon é psicanalista e foi ele quem aprofundou o estudo sobre grupos. Para ele a finalidade dos grupos é a de operar numa tarefa objetiva. Em 1945, Pichon construiu, a partir de fatores conscientes e inconscientes do campo grupal, o que ele chamou de *esquema conceitual referencial operativo* (Osório, 1986). Nessa edificação teórica, o autor enumerou alguns conceitos, tais como: vínculo, papéis, verticalidade - o que diz respeito ao individual - e horizontalidade - o que diz respeito ao grupal - entre outras. Pichon entende grupo como um cruzamento entre individualidade e grupalidade (Zimerman, 2000), idéia que se aproxima da de Lewin.

A vertente institucional tem como representante o psicanalista inglês de formação Kleiniana, Elliot Jacques. Para Jacques as instituições se estruturam como defesas contra as ansiedades, assim como os sistemas sociais. O autor enfatiza a importância das identificações introjetivas e projetivas entre os membros das instituições que são responsáveis pela distribuição dos papéis e posições (Zimerman, 2000).

A vertente grupo comunitário tem como representante Maxwell Jones. Essa vertente caracteriza-se pelo aproveitamento de todo o potencial terapêutico, ambientoterapia, que há dos diferentes grupos presentes no ambiente de uma mesma instituição assistencial.(Zimerman, 2000).

A vertente comunicacional-interacional caracteriza-se pelos muitos estudiosos que têm esclarecido a semiótica, a sintaxe e a semântica da normalidade e da patologia da comunicação, tanto verbal como não verbal. Destaca-se nessa vertente D.Liberman, psicanalista argentino que estuda os

diferentes estilos lingüísticos que permeiam as inter-relações humanas (Zimmerman, 2000).

O fundador da vertente gestáltica foi Frederix Perls. Essa vertente baseia-se no fato de que um grupo se comporta como um catalizador, no qual a emoção de um, desencadeia emoções nos outros e cada emoção é amplificada pela presença dos outros. A gestáltica trabalha com a possibilidade de percepção e de comunicação interacional (Zimmerman, 2000).

A vertente da teoria sistêmica estuda a família como um sistema no qual seus componentes se dispõe em combinações e hierarquização de papéis (Zimmerman, 2000), sendo que uns influem sobre os outros, de tal modo que o problema de um membro do grupo tende a mexer com a estrutura de todo o grupo.

A vertente cognitivo-comportamental trabalha com a consciência do indivíduo sobre sua conduta em relação ao seu grupo social. Nessa vertente, a realização do trabalho é feita por meio da aplicação de técnicas de reeducação (Zimmerman, 2000).

A vertente psicanalítica possui representantes psicanalistas de diferentes escolas e, sendo assim, apresenta diferentes concepções. Na escola inglesa a referência principal é Bion. Na escola francesa têm-se como referência os trabalhos realizados por Anzieu e Käes. Na escola argentina destaca-se Puget e Berenstein e na escola brasileira destacam-se autores como Zimmerman, Osório e Fernandes.

O trabalho em grupo com uma visão apoiada nas concepções da psicanálise enfatiza os vínculos familiares (fraterno, filial, conjugal); como o sujeito lida com a intersubjetividade; qual a posição que cada sujeito ocupa no grupo (líder, porta voz, entre outros); bem como as leis

que organizam os grupo e a mediação que fazem entre o eu e o social. (Osório,1989).

Zimerman (2000) diz que foi a partir da contribuição de autores psicanalistas de grupo, que o estudo relativo às grupoterapias passou a ter um movimento renovador, no qual passou-se a estudar as configurações vinculares. Por ser o vínculo nosso tema de estudo, o trataremos com mais detalhes no capítulo seguinte.

A seguir, veremos que, a teoria Psicanalítica contem elementos que podem inspirar a teoria e a prática terapêutica em grupo na Fonoaudiologia.

Segundo a fonoaudióloga Corrêa (1994) o atendimento terapêutico fonoaudiológico em grupos teve início nos anos 80 na Saúde Pública. Essa modalidade terapêutica emergiu, inicialmente, para suprir a grande demanda de pacientes e, até hoje, tem sido utilizada na clínica meramente na perspectiva de somatória de indivíduos, como já dissemos na introdução. Assim, diz a autora, a modalidade grupal em Fonoaudiologia vem sendo bastante utilizada apenas como estratégia de agregação, na qual um conjunto de pessoas somente compartilha o mesmo espaço para a realização da terapia. Embora seja importante considerar a necessidade de dar conta do grande contingente de pacientes na saúde pública, é também importante ressaltar que o grupo terapêutico não pode ser utilizado simplesmente nessa perspectiva, pois como afirma o psicanalista Safra (1993), “a clínica sem conceituação teórica pode perder-se na indisciplina de uma prática onipotente e sem rigor metodológico” (SAFRA, 1993:13)

Entrando na perspectiva teórica sobre grupo, segundo o psicanalista Zimerman (2000) à construção do conceito de grupo, deve levar em conta a existência de alguma forma de interação afetiva entre seus membros. Essa interação, diz ele, é o que possibilita aos sujeitos estarem inseridos em

grupos sociais, e ela acontece através de um permanente jogo dialético entre a busca de identidade individual e de identidade grupal e social.

De modo coerente com a visão de Zimmerman, o psicanalista Kaës (1997), conforme referido na introdução, afirma que desde o nascimento os seres humanos estão inseridos em grupos sociais e no decorrer do seu desenvolvimento e crescimento vão se organizando em novos e diferentes grupos. Esses modelam a constituição da subjetividade. O autor propõe, assim, que a grupalidade é característica essencial à constituição de todos os indivíduos.

Referindo-se à abordagem terapêutica grupal Kaës diz:

“(...) o trabalho intersubjetivo em situação de grupo faz-nos deparar com a pluralidade das formas, dos conteúdos, e dos processos psíquicos que se conjugam no espaço psíquico individual, no espaço psíquico interindividual e no espaço psíquico do grupo. Temos que tratar da articulação entre sistemas psíquicos complexos, regidos por níveis de organização e de funcionamento heterogêneos. O fato de essa heterogeneidade ser parcial torna possíveis as continuidades entre as formações e processos de um espaço psíquico para outro” (KAËS,1997:99).

Concorda, assim, mais uma vez com Zimmerman, ao assumir uma dimensão individual ou singular na grupalidade que compõe cada subjetividade, bem como uma dimensão coletiva, grupal ou social, compartilhada entre as subjetividades, explicitada quando aponta que a heterogeneidade da subjetividade é parcial. Aponta ainda a complexidade inerente ao processo terapêutico grupal por exigir o manejo de processos psíquicos individuais, interindividuais e grupais.

A respeito da heterogeneidade do grupo a fonoaudióloga Passos (2004) ressalta seu valor produtivo quando refere que na constituição do grupo não basta que todos os integrantes apenas se assemelhem por um aspecto qualquer, porque é necessário que ocorram trocas e estas se

enriquecem com a diversidade num contexto em que também há homogeneidade.

Com base no dito acima concordamos com as fonoaudiólogas Freitas e Castro (2006) em que o atendimento terapêutico em grupo favorece a interação, a integração social e o desenvolvimento de habilidades interpessoais. O grupo, afirmam as autoras, configura-se como uma possibilidade de atuação fonoaudiológica que permite a troca de experiências e as negociações.

A fonoaudióloga Costa (2001), coerentemente com as idéias expostas, também propõe que a interação entre os sujeitos ocorre quando há no grupo a possibilidade de reflexões e identificações, o que, segundo entendemos, remete às dimensões heterogêneas e homogêneas das subjetividades.

Para aprofundar essa visão, retomamos Kaës que desenvolve sua teoria sobre o espaço grupal considerando que nele há uma dimensão inconsciente. Sobre a dimensão inconsciente, Kaës afirma que ela se constitui no grupo a partir do jogo de identificações e projeções que mobiliza todos os membros. Esse jogo organiza as operações e o funcionamento integrado das subjetividades.

A partir daí, Kaës se refere à força propulsora do outro que advém dos desejos inconscientes, dos recalques. Esses desejos e recalques constituem os vínculos intersubjetivos e a força permite que os sujeitos no grupo se reconheçam mutuamente e invistam afetivamente.

Nessa perspectiva, a rede que se forma no trabalho grupal, por intermédio das identificações e projeções, permite a apreensão de elementos da subjetividade relacionados às manifestações sintomáticas de cada sujeito. Para que isso ocorra, é necessário que haja uma espécie de conector como elemento que organiza a dispersão dos conteúdos

manifestos pelos sujeitos. O conector opera na ligação e integração entre os elementos do grupo, ou seja, no vínculo que se estabelece entre as subjetividades dos seus membros. Tal processo será exemplificado no capítulo 4 a partir da análise de dados.

A fonoaudióloga Santos (1993) relata que na clínica fonoaudiológica a construção do enquadre de grupo terapêutico relaciona-se com o objeto de intervenção dessa clínica, ou seja, a linguagem. Por ser a linguagem como uma atividade de caráter intersubjetivo, possibilita a instauração de relações com o outro. O contexto grupal se configura, assim, como propício para a constituição da linguagem.

A fonoaudióloga Lores (2000) afirma que na fonoaudiologia o trabalho com grupos terapêuticos constitui um espaço potencializador do funcionamento de linguagem, um espaço que permite ao sujeito deslocar-se em relação a posições discursivas estagnadas. Assim, o grupo favorece a circulação de novos sentidos, que muitas vezes estão encobertos pela manifestação do sintoma de linguagem.

Na mesma direção a fonoaudióloga Friedman e a psicóloga Passos (2007:139) afirmam que na clínica fonoaudiológica os grupos tem um caráter imprescindível como dispositivos de mobilização das dinâmicas inter e intra subjetivas, o que, por sua vez, é importante para a superação de problemas de fala e linguagem. A isso, de acordo com as idéias de Panhoca (1999), pode acrescentar-se o desenvolvimento de atitudes socioculturais.

“O grupo é um rico contexto sociolingüístico que ajuda a criança a adquirir ações socioculturais e linguagem, já que nele a criança está embebida em ações mediadas cujos agentes usam recursos culturais e veiculam grande diversidade de experiências e conhecimentos.” (PANHOCA, 1999:53).

Na direção de entender o grupo como contexto favorável ao desenvolvimento de linguagem e de atitudes socioculturais a fonoaudióloga David (2000) diz:

“O grupo, como modalidade de atendimento, pode expandir a capacidade de interação do paciente com outros interlocutores. A possibilidade do paciente se relacionar, não apenas com o terapeuta, pode permitir uma modificação também em suas outras relações. O encontro com novos interlocutores, em um espaço privilegiado, como é o espaço terapêutico, sinaliza para os possíveis benefícios na linguagem do paciente” (DAVID, 2000:110).

Lores (2000) enfatiza que o grupo para a Fonoaudiologia configura como um contexto poderoso para a dimensão clínico-terapêutica que se propõe a tratar da linguagem em sofrimento. Argumenta que o trabalho em grupo se torna terapêutico quando os componentes do grupo podem apropriar-se dos conteúdos de linguagem e sócio culturais abordados, sentindo-se envolvidos e incluídos. Isso propicia, segundo a autora, que as dificuldades, necessidades e expectativas possam emergir, o que poderemos apreciar adiante, em nossa discussão.

A propósito Freitas e Castro (2006) afirmam que

“no contexto terapêutico grupal, além do sujeito estar envolvido por ações mediadas, nas quais é veiculada grande diversidade de experiências e conhecimentos, são acionados e manifestados processos internos que revelam a complexidade do ser humano, na e pela linguagem” (FREITAS E CASTRO, 2006: 49).

Nesse contexto, como diz Santos (1993), o processo terapêutico de grupo possibilita que cada paciente se perceba como produtor de linguagem verbal. Essa possibilidade ocorre através da relação entre os integrantes do grupo, na qual cada paciente vai conhecendo suas possibilidades de comunicação e a dos outros.

Tudo quanto foi dito até aqui, com base nos autores referidos, a respeito de linguagem e da clínica de linguagem em grupo, explicita nossa filiação à posição interacionista de linguagem, atravessada por teorias psicanalíticas, que sustentam a possibilidade de uma clínica fonoaudiológica que acolhe a subjetividade e, portanto, a linguagem em sofrimento.

Para a realização da terapia fonoaudiológica de grupo como modalidade de atendimento clínico terapêutico é necessário, portanto, que o trabalho esteja baseado em concepções que permitam a focalização de uma clínica ampliada, ou seja, uma clínica que vai além da patologia para considerar o sujeito em suas manifestações de linguagem, em sua posição no mundo em suas maneiras de relacionar-se com os outros (FRIEDMAN e PASSOS, 2007).

Também David (2000), refere que quando a clínica fonoaudiológica está voltada para a concepção de clínica ampliada, o foco da terapia fonoaudiológica não está na eliminação de uma patologia. O fonoaudiólogo passa a se preocupar com um processo terapêutico, baseado na possibilidade de transformações na linguagem e a partir de relações entre os sujeitos.

Assim, no atendimento em grupo na Fonoaudiologia, o terapeuta, atento aos acontecimentos, pode dar sentido significativo para a fala dos integrantes do grupo e promover mudanças na e pela linguagem (PASSOS, 2004). A propósito Santos (1993:28) considerou que “o terapeuta tem o papel de facilitar, através de suas intervenções, a compreensão [dos] processo de constituição de linguagem”, sendo que isto implica na percepção de si e do outro como sujeitos.

Nessa direção Lores (2000) afirmou:

“O fonoaudiólogo compartilha sua função de intérprete com os outros membros do grupo. No entanto cabe a ele a responsabilidade maior no papel de capturar os sentidos, evitando a dispersão provocada pelas alterações de fala/linguagem. A [pessoa] tratada em grupo, por sua vez, encontra-se frente ao outro-terapeuta e ao outro [paciente], podendo ora refletir-se, ora diferenciar-se” (LORES, 2000: 50).

Encerramos o capítulo sintetizando, a partir do dito até aqui, as vertentes teóricas sobre grupo que, segundo entendemos, ajudaram a dar sentido à visão de clínica fonoaudiológica grupal aqui delineada. Foram estas:

- a vertente sociológica por considerar que todos os indivíduos fazem parte do contexto de seu grupo social e que cada indivíduo influencia e é por ele influenciado e modelado.
- a vertente dos grupos operativos por ter como finalidade operar em uma tarefa objetiva como é o nosso caso ao focar a superação dos problemas de linguagem. Além disso, porque entende grupo como cruzamento entre individualidade e grupalidade.
- a vertente psicanalítica por elucidar a importância dos vínculos no contexto da intersubjetividade, bem como a forma como eles se estabelecem, elucidando também, para isso, a importância da posição que cada sujeito ocupa nos grupos, idéias que tomamos das proposições de Zimmerman e Kaës.

CAPÍTULO 2:

O VÍNCULO

Reafirmando o dito no capítulo anterior: por não existirem ainda muitos estudos sobre as relações intrasubjetivas em grupo no campo fonoaudiológico procuramos a área em que este assunto está mais desenvolvido, qual seja: a Psicanálise.

Na teoria psicanalítica encontramos uma visão bastante aprofundada sobre a questão do grupo e do vínculo terapêutico, a qual, muitas vezes, não fomos capazes de entender, por não termos o aprofundamento teórico necessário para tal. Entretanto, a riqueza dos textos nos permitiu encontrar elementos nos quais foi possível ancorar a terapia fonoaudiológica em grupo.

Segundo Berenstein (2000:246) o termo vínculo tem sido usado por diversos autores com significações sensivelmente distintas. Inicialmente retomamos Kaës (1997) de onde nos vieram as primeiras contribuições sobre o conceito de vínculos dentro da literatura fonoaudiológica (LORES, 2000; FRIEDMAN e PASSOS, 2007). Sinteticamente essas contribuições são as de que todos os sujeitos, desde seu nascimento, estão inseridos em grupos. Nesses, ocorrerem relações entre os sujeitos de modo a configurar os vínculos intersubjetivos, a partir daquilo que os sujeitos compartilham, que leva um sujeito a se identificar com outro. Tais vínculos reforçam a coesão do grupo e com isso permitem que as diferenças e os antagonismos promovam trocas de lugares produzindo, desse modo, investimentos na subjetividade:

“traços de semelhança entre os sujeitos são geradores de identificações comuns, de representações partilhadas, de processos utilizados por várias pessoas. Por sua vez, esses traços comuns funcionam como elementos que atraem os sujeitos para o grupo, enquanto estes representam para eles seus vínculos e o objeto que têm em comum; reforçam seus vínculos e a coesão do grupo. Traços de

diferença e de dessemelhança são geradores de antagonismo e de complementariedade, tornam possíveis os intercâmbios, as permutas de lugares e os investimentos. A combinação desses dois tipos de traços é necessária à organização, à economia e à dinâmica dos vínculo e do grupo enquanto tal.” (KAËS, 1997:103).

Outros autores que também desenvolveram a questão do vínculo e que compõe com as idéias de Kaës são: Berenstein (2001), Puget e Berenstein (1993) e Pichon-Riviere (1982).

Seguindo as idéias de Berenstein (2001) no artigo *O vínculo e o outro*, o vínculo é uma “estrutura inconsciente que une um ou mais sujeitos (...) em base a uma relação de presença” (idem:246). Isso corrobora a proposta de Kaës que explicita que são as identificações e projeções entre os sujeitos que constituem a dimensão inconsciente do espaço grupal, conforme já referimos na página 11.

Aprofundando sua noção de vínculo, Berenstein, inicialmente, para precisar seu sentido, apresenta sua tradução para o inglês e o francês: “the linkage” “ce que est du resort du lien” e a partir daí aborda vários pontos de desdobramento da noção, dos quais tomamos aqueles os que nos pareceram fazer sentido com o trabalho terapêutico fonoaudiológico. Embora nem sempre esses desdobramentos estejam relacionados com nossos dados, entendemos que seria útil abordá-los aqui, pensando na clínica fonoaudiológica como um todo.

Um desses pontos aprofunda que o vínculo entre sujeitos opera sob o mecanismo da identificação ou imposição. A identificação se refere ao “desejo de ser como você é” (BERENSTEIN, 2001: 246). Se refere a configurar o próprio eu à semelhança do outro usado como modelo”¹; Já a imposição se refere a “você tem que ser como eu sou”, como exemplo é dada a relação entre os pais e o recém-nascido em quem aqueles “estabelecem marcas inconscientes na fundação do psiquismo empurrado

¹ Oelsner, 2000 em Berenstein, 2001: 246-

na direção de uma forma de ser” (idem:246). Esclarece ainda que os pais não são os únicos com quem se estabelecem vínculos significativos na direção da configuração do próprio eu. A esse respeito dá como exemplo o vínculo significativo que se estabelece entre adultos na relação de casal, na qual, também se produzem marcas inconscientes que estabelecem uma “suplementação do seu Eu – sujeito constituído na infância e instituído novamente como um sujeito na relação de casal” (ibid: 247)

Outro ponto abordado pelo autor se refere à característica do alheio no vínculo. Segundo o autor “apesar da identificação, alguma coisa do outro resiste, não pode ser incorporada (...), uma parte não pode se inscrever como própria, isto é permanece desconhecida” (ibid: 248). É isto que caracteriza o alheio, a parte do outro que não posso captar. Assim “em uma relação significativa o sujeito não consegue inscrever todo o registro do outro como se fosse próprio. No entanto, o sujeito acredita que é possível e tenta fazê-lo” (ibid:248) e por isso o vínculo se constitui. Vemos aqui, novamente, uma conexão destas idéias com as de Kaës quando este refere complexidade dos sistemas psíquicos “regidos por níveis de organização heterogêneos. Associamos a heterogeneidade a “aquilo que do outro resiste e não pode ser incorporado e quando Kaës refere que essa complexidade é parcial vemos conexão com a idéia de indentificação que apesar do “alheio” permite o vínculo.

Outro ponto, ainda, sobre a questão do vínculo, postulada por Berenstein (2001), se refere à sua origem. A origem é o encontro significativo com o outro no qual está implicada uma novidade “para a qual não há inscrições prévias às produzidas nesse encontro” (idem:250). Explica ainda que “um encontro significativo modifica a quem o recebe e também aquele que o produz” (ibid:250) e, sendo assim, “em cada vínculo significativo é gerado um pouco do sujeito e este suplementa o sujeito constituído na época da infância” (ibid:250).

Seguindo agora as idéias de Puget e Berenstein (1993) no livro *Psicanálise do Casal* vimos que a questão do vínculo também foi abordada desde sua constituição. Segundo os autores o estabelecimento de vínculos está, de alguma forma regido por modelos socioculturais que implicam elementos constantes e pressupostos que dão sentido ao campo do permitido, como oposto ao proibido. São parâmetros que definem as relações vinculares e que embora provenham do mundo sócio-cultural possuem um registro no mundo psíquico infantil. Ao redor desses parâmetros estabelecem-se verdadeiras relações contratuais, chamadas por Puget e Berenstein de acordos e pactos inconscientes. Estas idéias novamente nos remetem à Kaës (1997) a respeito da heterogeneidade parcial entre os sistemas psíquicos, que torna possível as continuidades entre as formações e processos de um espaço psíquico para o outro.

Os parâmetros socioculturais definitórios dos vínculos, continuam Puget e Berenstein (1993), podem ser entendidos por meio da cotidianidade. A cotidianidade se refere ao tipo de estabilidade do vínculo baseado em uma unidade temporal-espacial caracterizada pelos intercâmbios diários. Essa cotidianidade vai além da simples relação diária. Ela é um lugar simbólico do vínculo, cumpra-se ou não de modo concreto no dia a dia. Nesse sentido a cotidianidade se refere a existência de lugares vinculares mentais de certa forma fixos, como por exemplo os lugares estáveis em que colocamos as roupas no armário. “São a projeção no espaço daquelas relações já estabelecidas e sem necessidade de redefinir dia a dia” (idem: 7). A cotidianidade ativa ritmos dentro de uma certa estabilidade. “Observam-se as pessoas a dizer: “bem, eu sou assim, “eu gosto assim” (ibid:7).

Essa compreensão:

“(...) deriva dos primeiros momentos da vida do bebê, quando alguma alternância de ritmos estáveis, por partes das figuras parentais introduz o ego em uma estabilidade que serve como marco para a aquisição da

identidade que, junto com a aparição de novos ritmos e de certo tipo de instabilidade, permite aceder ao crescimento e ao conhecimento” (ibid:7).

A estabilidade do vínculo pode ter, segundo os autores, sentido de vida e de morte. De vida quando o ritmo de estabilidade gerado sustenta a possibilidade de crescimento e a abordagem de situações novas, como exemplificado acima. De morte quando a sua estabilidade ao contrário da anterior, é cerceante.

Um outro parâmetro sócio cultural definatório do vínculo, segundo os autores, é o projeto vital compartilhado. Refere-se a ação de unir representações de realizações e conquista situadas na dimensão de tempo futuro. A sua realização depende da aquisição de uma linguagem com um significado compartilhado que ocupará um tempo espaço na mente de cada um, sendo que o projeto evolui para o futuro e é representado como a organização de um projeto pensado para diante. O projeto vital compartilhado tem como característica a passagem permanente ao cotidiano.

Segundo Puget e Berenstein (1993), vínculo é um termo que designa união ou atadura de uma pessoa a outra. Todo o vínculo tem características extraterritoriais, e componentes intraterritoriais. Os sujeitos, inseridos nas relações interpessoais, compartilham ou pactuam aspectos individuais de maneira simultânea e sucessiva.

A constituição da representação de vínculos de cada sujeito, ocorre a partir do contato com o outro. Esse contato, segundo os autores, pode ocorrer a partir de 3 instâncias:

a)

“mediante uma maneira de representar-se o mundo sobre um modelo corporal, prévio à palavra e que nunca poderá ser traduzido em comunicação falada. (...). Realiza-se em contato corporal, primeiramente estabelecido através dos órgãos

sensoriais, sem o que não se poderia sustentar nenhum vínculo”
(PUGET E BERENSTEIN,1993:23).

b) a outra instância vincular “ocorre com o reconhecimento da existência de um outro”. Sua presença está marcada pelo que o sujeito deseja que o outro seja (idem:23).

c) o terceiro “é o das palavras intercambiadas, paradigma da comunicação (...). Neste nível, as palavras intercambiadas estarão sujeitas a serem bem –entendidas ou mal-entendidas” (ibid:23).

Esses acordos “são o resultado de um tipo de combinação entre aqueles aspectos compartilháveis, partindo de cada um dos espaços mentais dos sujeitos” (ibid: 21). Os pactos inconscientes

“apesar de poderem reforçar os acordos, tendem a especificar elementos diferentes, provenientes do espaço mental incompartilhável de cada ego. Compartilhar o incompartilhável obriga os egos a realizar uma série de concessões, para dessa maneira pactuar, satisfazer o desejo do outro(...)” (ibid:21).

Puget e Berenstein referem algumas modalidades de vínculo: vínculos de sangue, vínculo de aliança, vínculo adesivo, vínculo de posse, vínculo de controle e vínculo amoroso.

Os Vínculos de sangue “são definidos como (...) as relações nas quais a transmissão se opera através do fato biológico, ligando a mãe e o pai aos filhos ou aos irmãos entre si”. (ibid:27). O vínculo de aliança “se baseia em compromissos recíprocos entre as pessoas, sendo seu paradigma a relação matrimonial” (ibid:28). O vínculo adesivo é “àquele no qual predominam fantasias e emoções relacionadas com o medo de ficar isolado diante da ameaça de separação ou de perda do outro” (ibid:28). O vínculo de posse é o vínculo que visa reduzir a distância dos sujeitos componentes do vínculo “neutralizando as angústias relacionadas com o reconhecimento das diferenças” (ibid:29). Na modalidade do vínculo de posse predomina o

contato corporal e concreto. Nessa modalidade “(...) procura-se anular a distância, mediante o controle visual e, depois, auditivo. O olhar desempenha um papel semelhante à leitura dos lábios para o surdo” (ibid:29). O vínculo de controle é semelhante ao vínculo de posse, “(...) embora tolere uma maior diferenciação entre um e outro ego” (ibid:29). No vínculo amoroso leva-se em conta o interesse pelo outro. Há reciprocidade entre os sujeitos. “Refere-se à aceitação plena da inclusão” (ibid:30).

As idéias de Pichon- Riviére e de Fernando Taragano (1982) propostas no livro *Teoria do vínculo* abordam o indivíduo considerando-o como resultante de uma relação de interação dialética. Essa interação dialética é um interjogo que se estabelece entre o sujeito e os objetos. Com isso o autor desenvolve o estudo do vínculo e das relações interpessoais, o estudo da relação do indivíduo com o grupo e/ou com a sociedade (PICHON RIVIÉRE, 1982). É uma proposta concebida a partir de uma articulação entre teoria psicanalítica e teoria social. Isso, segundo Taragano, fez com que houvesse um salto qualitativo de uma teoria psicanalítica predominantemente intrapsíquica para uma investigação social, na qual o indivíduo é visto dentro de um grupo, de modo semelhante aos autores anteriormente abordados.

Para Pichon-Riviére (1982) vínculo, é “uma estrutura dinâmica em contínuo movimento, que engloba tanto o sujeito quanto o objeto (...)” (TARAGANO, 1982:12). É a relação de cada indivíduo “com outro ou outros, criando uma estrutura particular a cada caso e a cada momento” (PICHON-RIVIÉRE, 1982:24).

Segundo Pichon–Riviére (1982) a investigação social de cada indivíduo dentro de um grupo pode ocorrer em três dimensões: a investigação do indivíduo; a investigação do grupo; e a investigação da

instituição ou sociedade. A investigação do indivíduo permite uma análise psicossocial que se relaciona com o que é do âmbito do individual, com o que parte do indivíduo para fora; a investigação do grupo permite a realização de uma análise sociodinâmica, que observa o grupo como estrutura; e a investigação da instituição ou sociedade permite uma observação institucional a qual toma todo o grupo como objeto de investigação, ou seja, estuda a “inclusão e significação que esse grupo tem dentro da sociedade na qual está inserido” (TARAGANO, 1982:13).

Para o autor a investigação das relações interpessoais permite o entendimento do modo de ser de cada sujeito. Devido a isso para estudar vínculo propõe ser necessário entender como cada indivíduo esta-se relacionando com o outro, e para compreender a maneira como isto se dá nomeia alguns modos de vincular-se. Para isso parte do conceito de normalidade e estuda, também, o que chama de patologia dos vínculos. Destes apresentamos os vínculos normal, depressivo, obsessivo, hipocondríaco e histérico.

O vínculo normal é “aquele que se estabelece entre o sujeito e um objeto quando ambos têm possibilidade de fazer uma escolha livre de um objeto, como resultado de uma boa diferenciação entre ambos” (TARAGANO, 1982:14). O vínculo paranóico “caracteriza-se pela desconfiança, pela exigência que o sujeito experimenta em relação aos outros” (PICHON-RIVIÉRE, 1982:24). O vínculo depressivo tem como característica estar “permanentemente carregado de culpa e expiação” (idem:24). O vínculo obsessivo está relacionado com o controle e com a ordem. No vínculo hipocondríaco o indivíduo estabelece uma relação com os outros a partir de seu corpo, sua saúde e sua queixa. O vínculo histérico “é o vínculo da representação, sendo sua principal característica a plasticidade e a dramaticidade” (ibid:24).

Visto que, como dissemos, Pichon-Riviére aborda o conceito de vínculo como relação interpessoal e relação de objetos, explicitamos o que o autor entende sobre estas relações. A relação interpessoal é a inter-relação entre sujeitos entendendo-se como objeto um outro sujeito. Essa relação de objeto é considerada “uma estrutura dinâmica em contínuo movimento, que funciona acionada ou movida por fatores instintivos, por motivações psicológicas” (ibid:37). Na relação de objeto implica-se a personalidade de cada sujeito. Os objetos referidos pelo autor podem, entretanto, ser tanto animados como inanimado. Os objetos inanimados são, por exemplo, um livro, uma caixa de fósforo, um isqueiro, uma casa. Já os objetos animados são, por exemplo, o seio da mãe para o seu bebê, as outras pessoas que o cercam.

Segundo Pichon (1982) relata, a relação de objeto é a estrutura interna do vínculo. O vínculo pode, então, ser

“uma relação particular com o objeto. Esta relação particular tem como conseqüência uma conduta mais ou menos fixa com esse objeto, formando (...) uma pauta de conduta que tende a se repetir automaticamente, tanto na relação interna quanto na relação externa com o objeto” (ibid:37).

O autor descreve, assim, dois campos psicológicos no qual o vínculo se expressa: o interno e o externo, de modo que o vínculo pode ser estabelecido com um objeto interno e com um objeto externo. O vínculo interno é a

“forma particular que o eu tem de se relacionar com a imagem de um objeto colocado dentro do sujeito. Esse vínculo (...) está condicionando aspectos externos e visíveis do sujeito” (ibid:37).

Ou seja, o objeto interno é a representação senso perspectiva de um objeto.

Ainda em relação ao conceito de vínculo o autor afirma que ele é sempre um vínculo social e que se concebe através da repetição de uma história da relação interpessoal do sujeito, composta por vínculos antes determinados em um certo tempo e espaço. Ou seja, as relações interpessoais estabelecem-se a partir de uma história individual de cada sujeito e de uma história social. É importante dizer ainda que, segundo o autor relata, é a partir do vínculo que a personalidade do sujeito se comunica, sendo que cada relação se configura de maneira particular. Essa configuração dependerá, além de cada sujeito, do contexto social. (PICHON-RIVIÉRE, 1982). Estas idéias, entendemos, aproximam o autor de Kaës, Berenstein e Puget e Berenstein.

Além disso, para o autor em tela, em toda situação vincular é necessário que se inclua a noção de papel. A noção de papel caracteriza-se por ser transitória e por ter uma função determinada, que aparece em uma situação determinada e em cada pessoa em particular. Todos os indivíduos apresentam possibilidades de desempenhar diferentes papéis em suas vivências sociais. Assim um sujeito pode, de acordo com a situação, assumir papel de professor, de terapeuta, de pai, entre outros. Nas relações interpessoais há um intercâmbio entre a assunção e a adjudicação de papéis. Assunção quando se assumem papéis de maneira consciente e voluntária e adjudicação quando um determinado papel é assumido inconscientemente. A assunção e a adjudicação de papéis podem ocorrer por meio de dois mecanismos: identificação projetiva e identificação introjetiva. A identificação projetiva é como se uma parte do sujeito se mantivesse “como [sendo] da outra parte da pessoa, que se atreve a misturar-se na cena, entre os personagens, e na ação” (Pichon-Riviére, 1982:82). Isto é, a possibilidade de assumir papéis no exterior, colocando-se no mundo. A identificação introjetiva é a identificação na qual “ocorre a

associação com a história pessoal da pessoa, que reforça o emocional do momento” (idem:82), é a “identificação dentro de si mesmo”. Esta, por sua vez, transforma-se parcial ou totalmente quando ocorre a identificação com o outro. (ibid:80)

Segundo Pichon (in WEFFORT, 1996) o grupo constitui-se de cinco papéis: Líder de mudança; líder de resistência; bode expiatório; representantes do silêncio e porta voz.

O líder de mudança é aquele que se encarrega de levar adiante as tarefas, enfrentando conflitos, buscando soluções, arriscando-se sempre diante do novo; o líder de resistência freia os avanços, sabota as tarefas que estão sendo desenvolvidas pelo grupo; o bode expiatório é quem assume as culpas do grupo; o representante do silêncio é aquele que assume as dificuldades dos demais para estabelecer a comunicação, fazendo com que o resto do grupo se sinta obrigado a falar; o porta voz é aquele que consegue expressar verbalmente os sentimentos, as ansiedades e os conflitos do grupo.

Encerramos o capítulo sintetizando, a partir dos autores e conceitos que foram apresentados, os aspectos que podemos trabalhar na discussão desta dissertação. São eles:

- Em Kaës (1997) a noção de inconsciente grupal, constituído a partir das identificações e projeções que organizam operações e o funcionamento integrado das subjetividades; nesse funcionamento, a noção de heterogeneidade parcial que “torna possíveis as continuidades entre as formações e processos de um espaço psíquico para outro”; a noção de conector do grupo.
- Em Puget e Berenstein (1993) a noção de constituição de vínculos regida pelo parâmetro sócio cultural do projeto vital compartilhado; a

noção de acordos e pactos inconscientes, que são relações contratuais estabelecidas ao redor desses parâmetros.

- Em Pichon Rivière (1982) a noção de assunção e adjudicação de papéis que é estabelecida pelo mecanismo da identificação introjetiva.

CAPÍTULO 3:

MÉTODO

O presente estudo é de natureza exploratória e visa entender aspectos da vinculação entre sujeitos no atendimento terapêutico em Fonoaudiologia a luz das teorias explicitadas no final dos capítulos 1 e 2.

Para explorar a questão do vínculo trabalhamos na dimensão da pesquisa participativa visto que os dados foram obtidos de atendimentos clínico-terapêuticos fonoaudiológicos realizados pela própria pesquisadora. A proposta foi a de analisar o atendimento em dois grupos terapêuticos, com a finalidade de compreender a configuração de vínculos no processo terapêutico grupal, para a partir daí refletir sobre, entender como o vínculo pode ser relevante no trabalho fonoaudiológico.

COLETA DE DADOS

Os atendimentos foram realizados uma vez por semana em um posto de saúde no município de Carapicuíba – SP, tendo cada sessão a duração de trinta minutos.

Para obtenção de dados, após a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido pelos responsáveis pelas crianças participantes da pesquisa (anexo 1) e do consentimento assinado pela supervisora do posto de saúde (anexo 2), passamos a filmar as sessões dos dois grupos ao longo do processo terapêutico. Foram realizados portanto 5 filmagens, uma a cada mês, durante 5 meses, totalizando 10 filmagens, 5 para cada grupo. O processo iniciou-se em outubro/2006 e foi até fevereiro/2007.

Para a realização destas filmagens usou-se uma câmera posicionada em um ponto fixo da sala, de onde era possível captar inteiramente a cena. Logo após as filmagens realizaram-se anotações sobre as sessões, com elementos que pareceram importantes para completar ou esclarecer a cena, tais como registrar que havia papel, lápis e jogos na mesa, visto que a câmera não captou essa imagem.

ANALISE DE DADOS

Para levantar os dados que serão apresentados e discutidos no presente estudo os 10 filmes foram assistidos diversas vezes pela pesquisadora, ao longo dos próprios cinco meses de atendimento para familiarização com o material.

As 10 sessões filmadas foram transcritas em ortografia regular mantendo os erros de pronuncia e de concordância, para não descontextualizar o modo de falar do sujeito, que revela tanto aspectos culturais, como as dificuldades de fala. Os 2 exemplos que se seguem visam ilustrar essas condições: “*você não pode falar na sala porque já chama as mães ou pai*”; “*Eu fico pafo e tiste*”. Todas as transcrições encontram-se no anexo 3. à transcrição usada para análise (capítulo 4) somaram-se informações sobre a cena, tais como: qual participante não estava; qual chegou atrasado; que a interação se fez a partir de um jogo. Visou-se com isso ser o mais fiel possível a cada cena de modo a poder captar e reconstituir o contexto clínico com o máximo de nuances possível. No processo de análise cada sessão permitiu à terapeuta obter dados relevantes sobre os vínculos os quais nortearam/informaram a sessão seguinte. A análise e a discussão dessas transcrições foram

realizadas como já dissemos à luz das teorias sobre grupo terapêutico e sobre vínculo, explicitadas no final dos capítulos 1 e 2.

DADOS DA INSTITUIÇÃO

A instituição em que foi realizada a presente pesquisa é a Casa do Adolescente de Carapicuíba. Essa é uma instituição pública vinculada a secretaria municipal de saúde e medicina preventiva do município de Carapicuíba, responsável por atender pessoas na faixa etária entre 10 a 19 anos e 11 meses de idade. A Casa apresenta 5 mil pacientes matriculados.

Conforme consta no texto do projeto da Casa do Adolescente assinado pelo coordenador da saúde da criança e adolescente do município Dr. Roberto Dunkel, a adolescência é uma fase peculiar do desenvolvimento humano, que se caracteriza por um intenso crescimento e desenvolvimento que resulta em transformações acentuadas tanto em termos físicos, como psicológicos e sociais. São transformações que ocorrem não somente no corpo físico, mas também nas relações com a família, com os outros e ainda com si mesmo.

Em relação a saúde dos adolescentes, sabe-se que os maiores índices de morbidade e mortalidade são devidos a suicídios, acidentes, homicídios, dst/aids, gravidez precoce, drogas e distúrbios de conduta. Para lidar, com isso, é preciso que haja profissionais que tenham atenção voltada as peculiaridades da saúde desses adolescentes e a sua integridade biopsicosocial.

O trabalho realizado na Casa do adolescente tem como objetivo promover o atendimento a saúde integral do adolescente, tanto em relação aos aspectos físicos, quanto psíquicos e sociais, através de uma abordagem

diferenciada que leve em conta as características específicas desta fase do desenvolvimento humano. Esse atendimento é fornecido por uma equipe interdisciplinar de atenção à saúde. Na Casa adota-se duas estratégias de atendimento: a individual e o grupo. A equipe interdisciplinar é composta por: hebiatra (médico de adolescente), ginecologista, psicólogos, psicopedagoga, fonoaudióloga, neurologista, assistente social, pedagoga, endocrinologista, nutricionista.

A Fonoaudiologia na Casa do Adolescente

Quando ingressei na Casa do Adolescente como fonoaudióloga contratada, não havia nenhum profissional da área fonoaudiológica para realizar atendimentos terapêuticos. Eram realizados apenas triagens, uma vez por semana, por uma fonoaudióloga concursada pela secretaria de saúde do município, que foi deslocada para a Casa, e que prestava 4 horas de serviço semanal. Os pacientes que realizavam essa triagem eram encaminhados para postos de saúde próximos de suas casas, para realizarem atendimento fonoaudiológico, ou eram elencados num documento constituindo uma fila de espera. Quando havia necessidade de outras especialidades os pacientes também eram encaminhados. Com a minha entrada passei a assumir o serviço de triagem e avaliação fonoaudiológica, bem como o atendimento terapêutico dando andar à fila de espera.

Sobre a formação dos grupos

Todos os integrantes dos grupos que fazem parte do presente estudo, de acordo com as regras da instituição, passaram por uma triagem inicial, realizada pela fonoaudióloga acima referida e, portanto, estavam na fila de

espera. Em agosto de 2006, 12 pacientes da fila foram por mim chamados para passarem por avaliação fonoaudiológica, na expectativa de formar 3 grupos de 4 pessoas para o estudo. O critério de formar grupos de 4 pessoas foi pessoal, por sentir que não daria conta de trabalhar com grupos maiores.

De acordo com as fichas de triagem, dos 12 pacientes chamados 8 estavam com 10 a 11 anos de idade, sendo esta a faixa etária de maior demanda fonoaudiológica para a Casa do Adolescente e 4 estavam entre 12 e 14 anos de idade, que é a segunda maior faixa etária de demanda para terapia fonoaudiológica na Casa. Sendo assim, a faixa etária dos participantes do estudo não foi escolha da pesquisadora. A pesquisadora fez o estudo com a faixa etária a que teve acesso.

Dos 8 pacientes de 10 à 11 anos de idade triados só compareceram para a entrevista inicial em setembro de 2007 3. Dos 4 pacientes de 12 à 14 anos de idade também só compareceram 3. Em dezembro compareceu para avaliação um quarto paciente da faixa etária entre 12 a 14 anos de idade.

O primeiro passo para efetivar a constituição dos grupos foi entrevistar os pais e fazer uma avaliação fonoaudiológica com os adolescentes, o que se deu no mesmo agendamento para cada adolescente. Esse trabalho inicial forneceu os dados para compor o próximo item e mostrou que todos os adolescentes tinham condições para participar de modo produtivo de um atendimento grupal.

Assim, foram formados dois grupos: um com três integrantes entre 10 a 11 anos de idade e outro com quatro integrantes entre 12 a 14 anos de idade, sendo estes os grupos terapêuticos alvos desta pesquisa.

Aos integrantes do grupo 1 demos os nomes fictícios de: Leandro; Laura, Luiz Fernando, Lucas. Aos integrantes do grupo 2 demos os nomes fictícios de Gabriel, Gustavo e Giovana.

A avaliação feita antes do início do atendimento grupal constou de provas de linguagem oral, linguagem escrita e de funcionamento do sistema sensorio motor oral.

DADOS DOS SUJEITOS

Grupo 1

Leandro chegou para a avaliação fonoaudiológica na Casa do Adolescente com 14 anos de idade. Ele tem mais três irmãos, 2 meninas, com 12 e 13 anos de idade e 1 menino com 15 anos de idade.

Procuraram a fonoaudióloga a pedido da escola, porque ele esta com dificuldade na aprendizagem e, além disso, segundo a mãe, Leandro possuía uma fala enrolada.

A mãe de Leandro, de 41 anos, relata que quando engravidou de Leandro já havia realizado uma operação para não ter mais filhos e que o marido não gostou da gravidez.

Segundo a mãe, o pai de Leandro, de quem está separada há 3 anos, era muito bruto, batia nela e nos filhos. Ela não trabalha e vive com o que ganha da bolsa família.

A mãe, ainda, relatou que desde que Leandro estava na quarta série as professoras já vem solicitando que procurasse atendimento fonoaudiológico e psicológico, pois ele apresenta muita dificuldade na aprendizagem e porque sua fala é difícil de se entender. Leandro frequenta a sexta série e está em reforço escolar.

Sua triagem fonoaudiológica na Casa do Adolescente ocorreu há um ano e ele estava aguardando atendimento. Faz acompanhamento com a psicopedagoga e se recusa a passar na psicóloga pois diz “ quem precisa de psicólogo é louco, eu não sou” (sic pac.)

Segundo sua mãe, Leandro é tímido e não tem amigos. Não se relaciona com ninguém que já não conheça, além disso, ela diz que ele não conversava com ninguém.

A avaliação de Leandro mostrou-nos que ele apresenta uma dificuldade quanto a leitura e escrita. Sua leitura é silábica. Ele apresenta dificuldade de compreender e interpretar o que está lendo. Quanto a sua linguagem escrita nota-se que seus textos não possuem coesão. Além disso, Leandro apresenta uma dificuldade em relação as regras da escrita, principalmente, no que diz respeito a segmentação de palavras e ortografia. Em relação ao sistema sensório motor oral foi observado que Leandro tem uma articulação travada. Quanto a dentição Leandro tem oclusão tipo III e uma mordida aberta. Apresenta tônus de língua baixo, seu lábio superior é encurtado, seu lábio inferior apresenta tônus baixo e é invertido. Leandro apresenta ceceo lateral. Por conta disso, em sua fala os fonemas /s/ e /z/ apresentam-se distorcidos. Seu discurso é organizado e correspondente a sua opinião. Para realização de seu discurso faz uso de frases complexas, com uma linguagem simples.

Laura chegou para a avaliação fonoaudiológica na Casa do Adolescente com 12 anos de idade. É a filha do meio. Segundo sua mãe (39 anos) nos conta, ela tem mais duas irmãs uma de 13 anos de idade e outra de 9 anos de idade. Segundo a mãe relata a filha mais velha foi adotada após ela realizar tratamento para engravidar durante 6 anos. Como não engravidava ela e o marido resolveram adotar uma criança. Após 1 mês que haviam adotado ela ficou grávida de Laura. A filha mais nova é de um segundo casamento da mãe.

Procuraram atendimento fonoaudiológico por solicitação da escola por apresentar muita dificuldade de escrita e leitura. A mãe relatou que ela

não sabia dessa dificuldade, mas que após ser chamada na escola começou a acompanhar a filha e percebeu que ela não sabe ler e nem escrever nada. Além disso, ela afirma que Laura tem outra dificuldade muito grande que é a de falar. Para a mãe, Laura fala muito rápido e errado, o que torna impossível entendê-la. Disse ainda que Laura fica brava quando não é entendida e então não fala mais.

A mãe de Laura está no seu segundo casamento que dura há 10 anos. Relata que Laura não aceita o seu casamento até hoje. O pai biológico de Laura morreu quando ela tinha um ano e quatro meses. Segundo a mãe ela não tem como se lembrar dele, mas ela o “endeusa”. A mãe de Laura trabalha em casa de família e seu padrasto trabalha em uma firma.

A mãe afirma que Laura quando era pequena não teve problema: “ela nunca foi atrasada, ela ficou atrasada agora, depois de grande” (sic mãe). Há seis anos realizou tratamento fonoaudiológico porque apresentava trocas fonêmicas, mas parou porque a mãe teve outro filho e não tinha mais quem a levasse. Laura frequenta atualmente a sexta série.

Ela realizou triagem fonoaudiológica na Casa do Adolescente há aproximadamente um ano e esperava por atendimento.

Segundo sua mãe, Laura é muito agressiva, não gosta de conversar e tem muito ciúmes dela com as outras duas filhas.

A avaliação de Laura mostrou que ela apresenta uma leitura silábica. Apresenta boa compreensão de textos ou regras de jogos. Suas questões em relação a linguagem escrita relacionam-se a segmentação de palavras. Laura apresenta dificuldade de reconhecer o que ela própria escreveu. Quanto ao sistema sensorio motor oral Laura apresenta desvio de mandíbula, oclusão dentária tipo III e tônus de língua baixo. Sua respiração é oral e superior. Quanto à fala apresenta velocidade de fala aumentada. Na avaliação de Laura o aspecto de sua qualidade vocal, me chamou bastante

atenção. Ela apresenta uma qualidade vocal rouca. Quanto ao discurso observa-se que Laura consegue defender um ponto de vista. Não apresenta concordância verbal e nominal. Para realização de seu discurso usa linguagem simples.

Luiz Fernando chegou para avaliação fonoaudiológica na Casa do Adolescente com 13 anos de idade. É o irmão mais velho e tem um irmão de 12 anos de idade.

Procuraram atendimento fonoaudiológico porque apesar de Luiz já ter realizado esse tipo de tratamento antes, sua mãe ainda acha que ele precisa e a escola também está pedindo. O tratamento fonoaudiológico prévio foi realizado no município de Carapicuíba sendo que, recebeu alta. Isso ocorreu há 1 ano.

A mãe de Luiz Fernando (34 anos de idade) trabalha como costureira. O pai (41 anos de idade) é pedreiro.

Segundo a mãe, com 2 anos de idade, Luiz Fernando ainda não andava e falava poucas palavras tais como: “mamãe”, “papai”, “não” e “dá”. Por não andar aos 2 anos Luiz Fernando passou por acompanhamento neurológico, realizou tomografia e eletroencefalograma. Todos os resultados dos exames foram normais.

A mãe ainda afirma que Luiz Fernando: “é devagar para tudo é muito lento, fala tudo errado e escreve como fala (...), fala de um jeito estranho, as vezes acho que ele está ficando gago”.

Luiz Fernando realizou triagem fonoaudiológica na Casa do adolescente há aproximadamente um ano e esperava por atendimento.

A mãe relata, ainda, que ele não se dá bem com o irmão e segundo ela, Luiz Fernando acha que todas as pessoas são chatas, ele não gosta de ninguém e é muito difícil de ter amizades.

A avaliação de Luiz Fernando mostrou-nos que ele apresenta uma leitura silábica. Ele tem dificuldade de interpretação e compreensão de textos. Sua dificuldade de escrita está relacionada principalmente com as trocas grafêmicas e com os erros ortográficos. Seus textos apresentam-se sem coesão. Quanto ao seu sistema sensorio motor oral pode-se dizer que seus órgãos fonoarticulatórios apresentam um tônus baixo, língua protusa e tensão no queixo. Quanto a sua linguagem oral nota-se a presença de trocas fonêmicas do tipo /r/ - /l/. Como nota-se, estas trocas fonêmicas ocorrem devido o critério de classificação de modo articulatório dos fonemas. Suas trocas são asistemáticas. Seu discurso é desorganizado. Observo que não há ordem temporal. Além disso, Luiz Fernando inicia outros relatos sem antes dar término ao antes já citado e os relatos novos não fazem conexão com o antes já citado. Luiz Fernando apresenta disfluência, associadas a movimentos de tensão facial.

Lucas chegou para avaliação fonoaudiológica com 13 anos de idade. É o primeiro filho do segundo casamento da mãe. Ele tem uma irmã mais nova de 5 anos de idade que segundo a mãe: “fala tudo e muito melhor do que ele”. Além dessa tem um irmão, de 19 anos, só por parte de mãe que não mora com eles. Segundo a mãe este está envolvido com drogas.

Procuraram pelo tratamento fonoaudiológico porque, como disseram, a escola está solicitando muito. A mãe relata acreditar que deveria ter procurado uma fonoaudióloga antes, pois desde de pequeno achava que ele tinha preguiça de falar, mas achou inicialmente que ia passar.

A mãe de Lucas, de 37 anos, nunca trabalhou fora. O pai, de 39 anos, trabalha como porteiro de um prédio.

A mãe relata que levou Lucas ao neurologista há 1 ano, porque começou a achar pelo jeito dele falar, que era “mongolóide”. O médico não confirmou essa hipótese. Na mesma época realizou a triagem fonoaudiológica na Casa do Adolescente.

Lucas faz acompanhamento psicológico. A psicóloga acredita que ele tem hiperatividade.

Lucas está na sexta série. Segundo a mãe é muito ciumento e não se dá bem com a irmã. Segundo ela ainda, tem poucos amigos na escola e não gosta de fazer novas amizades.

A avaliação de Lucas mostrou-nos que sua leitura é silábica, que apresenta compreensão do que lê, conhece gêneros de escrita, como receitas, histórias narrativas, histórias em quadrinhos, regras de jogo. Seu texto apresenta-se sem coesão. Quanto a coerência textual podemos dizer que está presente, pois sempre apresenta-se de acordo com a proposta. Ainda em relação a sua escrita observa-se que Lucas apresenta trocas gráficas do tipo “j” por “ch”; “g” por “k”; “z” por “s”; “b” por “p”, “t” por “d” e “v” por “f”. Quanto ao sistema sensorio motor oral ele apresenta tônus baixo para todos os órgãos fonoarticulatórios. Lucas apresenta trocas fonêmicas do tipo:

/ʒ/ - /s/

/b/ - /p/

/g/ - /k/

/v/ - /f/

/z/ - /s/

/d/ - /t/

As trocas são sistemáticas. Além disso, Lucas omite /R/ e /L/ em encontros consonantais. Seu discurso é organizado.

Grupo 2

Gabriel chegou para avaliação fonoaudiológica com 11 anos de idade. É o filho mais novo. Ele tem uma irmã mais velha de 19 anos de idade. Segundo a mãe ela também apresentou dificuldade na fala, quando era mais nova. A irmã de Gabriel é casada e mora com o marido. Gabriel mora com sua mãe, no mesmo quintal moram seus avós maternos.

Procuraram pelo tratamento fonoaudiológico porque segundo sua mãe afirma “ele fala estranho”. Ela relata que ele teve o mesmo problema de fala que a sua filha mais velha. Com ela, não se preocupou, nem procurou ajuda porque a fala melhorou conforme ela foi crescendo. A de Gabriel, entretanto, não estava tendo melhora e a mãe de afirmou que procurou atendimento porque estava com receio de “mais tarde, dar um problema pior” (sic mãe).

A mãe de Gabriel, de 37 anos de idade, nunca trabalhou fora. O pai, de 38 anos de idade, mora em Minas Gerais e trabalha em uma empresa. Segundo a mãe conta, ele ganha muito bem, mas ela não sabe dizer, ao certo, o que ele faz.

Segundo a mãe de Gabriel ele começou a falar com um ano e meio. No início ele trocava letras e depois começou a falar “chiado”.

Gabriel realizou triagem fonoaudiológica na Casa do adolescente há aproximadamente um ano e esperava por atendimento.

Gabriel está na sexta série. Segundo a mãe ele é muito ciumento e as vezes briga com sua irmã. Segundo ela ainda relata, ele se dá bem com seus amigos de escola, mas não faz amizade fácil.

A avaliação de Gabriel mostrou-nos que ele não apresenta dificuldade para leitura e escrita. Sua leitura é fluida. Apresenta entendimento do que

lê. Conhece gêneros de escrita. Sua escrita apresenta-se com coesão e coerência. Quanto ao seu discurso observou-se que é organizado, expressa bem a suas opiniões e consegue defender seus pontos de vista. Para realização de seu discurso faz uso de frases complexas, com uma linguagem simples. Mostra ter conhecimentos de mundo relacionados às suas vivências.

Em relação a mastigação e ao sistema sensório motor oral foi observado que Gabriel apresenta apreensão central para os alimentos, que não há movimento de rotação em sua mastigação, ele a realiza por meio de movimentos verticais. Apresenta desvio de mandíbula para o lado direito durante a mastigação. Os resíduos alimentares fixam-se na língua e no vestibulo lateral esquerdo. Durante a deglutição a língua apresenta-se no espaço interdental. Gabriel apresenta uma articulação imprecisa, travada e com ceceo lateral. Por conta disso, em sua fala os fonemas /s/ e /z/ apresentam-se distorcidos. Seu palato é em ogiva. Apresenta uma hipotonia de língua, esta se posiciona no solo da boca. Possui marcas em suas laterais. Suas bochechas também possuem marcas laterais. Gabriel tem uma respiração superior, oral. Quanto a sua dentição tem uma oclusão classe II associada a uma mordida cruzada.

Graziela chegou para avaliação fonoaudiológica com 11 anos de idade. É uma das filhas do meio. Ela tem mais 4 irmãos. Mora com a sua mãe, pai, irmãos e avó materna.

Procuraram pelo tratamento fonoaudiológico porque Graziela “fala errado” (sic mãe). Segundo sua mãe afirma há palavras que ela não sabe falar.

A mãe de Graziela, de 32 anos de idade, trabalha como caixa em um supermercado. O pai, de 36 anos de idade, trabalha como auxiliar em uma

firma. Segundo a mãe de Graziela ela sempre teve problemas com o marido, desde a gestação, na qual passou por muito nervosismo. Já tentou se separar do marido por 2 vezes e atualmente moram em casas separadas, entretanto, segundo referiu, o contato dos dois com os filhos continua intenso.

Segundo a mãe relata, Graziela andou cedo (com 8 meses), mas falou apenas com 5 anos de idade.

Graziela realizou triagem fonoaudiológica na Casa do adolescente há aproximadamente um ano e esperava por atendimento.

Graziela está na sexta série. Segundo a mãe ela é muito irritada. Qualquer coisa bate e xinga. Afirma que tudo tem que ser da maneira como ela quer que seja. Briga muito com o irmão mais velho.

A avaliação de Graziela mostrou-nos que ela não apresenta dificuldade para leitura e escrita. Sua leitura é fluida. Apresenta entendimento do que lê. Conhece gêneros de escrita. Sua escrita apresenta-se com coesão e coerência. Quanto aos se discurso observamos que é organizado. Consegue defender o seu ponto de vista. Para realização de seu discurso faz uso de frases complexas, com uma linguagem simples. Mostra ter conhecimentos de mundo relacionados às suas vivências

Em relação a mastigação e ao sistema sensório motor oral foi observado que Graziela apresenta apreensão central para os alimentos, não há movimento de rotação, em sua mastigação, ela a realiza por meio de movimentos verticais. Os resíduos alimentares fixam-se no dorso da língua e nos vestibulos laterais. Durante a deglutição a língua apresenta-se no espaço interdental. Graziela apresenta articulação imprecisa e ceceo lateral. Por conta disso, em sua fala os fonemas /s/ e /z/ apresentam-se distorcidos. Apresenta língua volumosa e flácida. Graziela tem uma

respiração superior e oral. Quanto a dentição ela tem uma oclusão classe II associada a uma mordida aberta.

Gustavo chegou para avaliação fonoaudiológica com 11 anos de idade. É o filho do meio. Ele tem mais 3 irmãos. Mora com os pais.

Procuraram pelo tratamento fonoaudiológico encaminhado pela psicopedagoga da Casa do Adolescente. Gustavo estava com problemas na escola e por orientação desta, estava tendo o atendimento psicopedagógico já há 1 ano. Segundo a mãe, ela não tinha procurado uma fonoaudióloga antes pois não sabia que a fonoaudióloga tratava de problemas de escrita e leitura e de fala, também.

A mãe de Gustavo, de 38 anos de idade, trabalha para a igreja. O pai, de 46 anos de idade, trabalha como vendedor. A mãe relatou que estava com problemas com o marido, os quais, segundo seu entendimento, envolviam diretamente Gustavo. Isso levou-o a um tratamento psicológico, também indicado pela psicopedagoga durante esse ano de tratamento já referido.

Somente após 3 meses de tratamento fonoaudiológico a mãe solicitou uma conversa em particular comigo. Contou que o problema a que havia se referido anteriormente dizia respeito às suspeitas do marido em relação ao seu caso com o irmão dele e ao fato de Gustavo ser filho dele. A mãe confirmou esse caso e disse não saber de quem Gustavo era filho.

Sobre a saúde de Gustavo a mãe relatou que ele tinha refluxo e pneumonias de repetição e realizou a cirurgia de refluxo só o ano passado, pois até então não tinha peso suficiente para tal. No período pós cirúrgico realizou tratamento fonoaudiológico, para essa demanda.

Gustavo realizou triagem fonoaudiológica na Casa do adolescente e há aproximadamente oito meses esperava por atendimento.

Quanto a escolarização, Gustavo está na sexta série. Segundo a mãe ele tem poucos amigos.

A avaliação de Gustavo mostrou-nos que ele apresenta dificuldade de leitura e escrita. Sua compreensão para a leitura ocorre para frases simples. Quando lê textos ou frases complexas não compreende. Não conhece gêneros da escrita. Sua escrita apresenta-se sem coesão e sem coerência. Quanto ao discurso observamos que é desorganizado. Mostra ter conhecimentos de mundo relacionado às suas vivências

Em relação a mastigação e ao sistema sensório motor oral foi observado que Gustavo apresenta apreensão central para os alimentos, não há movimento de rotação na mastigação, ele realiza movimentos verticais. Os resíduos alimentares fixam-se na língua. Durante a deglutição a língua apresenta-se no espaço interdental. Apresenta lábio superior encurtado, língua flácida. Gustavo é respirador oral. Apresenta respiração superior. Quanto a sua dentição, apresenta oclusão classe III.

CAPÍTULO 4:

ANÁLISE E DISCUSSÃO

GRUPO 1

1º relato (1ª sessão terapêutica)

O primeiro atendimento em grupo ocorreu na primeira semana de outubro. Nessa sessão inicial compareceram ao grupo todos os integrantes. O tema abordado foi o conhecimento mútuo a respeito de cada um. Sugeri que eles se apresentassem dizendo nome, idade e motivo pelo qual estavam no grupo de terapia fonoaudiológica. Todos se apresentaram, disseram seus nomes e idades e nada além disso. Sendo assim a questão de porquê estavam ali não foi abordada por ninguém, embora isso tenha sido abordado na conversa com suas mães à qual estavam presentes. Eu também nada fiz a respeito e propus que jogássemos um jogo. Sugeri que escolhessem um dos jogos que estavam em cima de uma mesa. Os integrantes ficaram em silêncio olhando para mim sem expressar nada. Afirmei que eles poderiam se levantar e escolher o jogo. Laura solicitou que eu mesma fizesse a escolha. Motivei o grupo na escolha conjunta. O primeiro dos integrantes a colocar sua opinião quanto ao jogo a ser jogado foi Luiz Fernando. Em seguida Laura e Leandro reforçaram a escolha. O jogo escolhido foi o dominó. Retomei com os integrantes as regras desse jogo e iniciamos. Essa atividade permitiu a primeira interação entre os adolescente, conforme se segue:

Leandro: não tenho (se referindo a peça do jogo)

(Luiz Fernando olha para ele. Em seguida olha para Laura).

(Laura olha para Luiz Fernando e para Leandro)

Laura: então compra, ué! (Laura olha para terapeuta)

(Leandro compra uma peça, ao invés de encaixá-la nas

laterais com a regra pede, encaixou em uma peça do meio do jogo)

Terapeuta: essa peça cabe ai?

(Luiz Fernando balança a cabeça dizendo que não)

Laura: não

(Leandro, pega sua peça de volta. Na rodada seguinte ele repete o gesto)

(Laura pega a peça, olha para Leandro e empurra a peça em direção a ele)

Laura: está errado essa (neste momento seu olhar esta voltado para a terapeuta)

(Luiz Fernando novamente acabou o jogo. Mostrou as duas mão e as abanou)

Após o término do jogo, a terapeuta perguntou aos integrantes do grupo o que mais eles gostavam de fazer. Laura respondeu dizendo que gostava de desenhar, Luiz Fernando disse que gostava de desenhar, jogar futebol e vídeo game e Leandro disse gostar de jogar bola e de desenhar. A terapeuta perguntou se todos queriam fazer um desenho. Após os integrantes do grupo se olharem, Laura afirmou com a cabeça que sim. Iniciaram seus desenho. Quando terminaram de desenhar a terapeuta solicitou que cada integrante contasse o que haviam desenhado, o que fizeram e então, a sessão foi finalizada.

Comentários e Discussão:

Podemos considerar que nesse primeiro encontro a evitação sistemática dos adolescentes em falar sobre o motivo pelo qual estão em terapia fonoaudiológica criou algo em comum entre eles e, portanto, um vínculo. Coerentemente com a evitação em falar sobre porque estão numa

terapia e sugerindo um estado de inibição em relação à situação, nesses momentos iniciais, eles pouco se olharam e olharam bastante para a terapeuta, mas só se dirigiam verbalmente a ela quando ela lhes pedia uma informação. Assim, não houve, nesse início, qualquer conversa entre os integrantes do grupo. Pareciam pouco a vontade para falar sobre seus problemas talvez, exatamente, porque tinham um problema.

A partir do início do jogo de dominó o grupo começou a compartilhar uma mesma atividade e surgiu uma iniciativa de vinculação entre eles pelo olhar mútuo.

Acredito que nesse primeiro encontro o jogo tenha desempenhado a função que Käes chama de conector, sendo o principal elemento que integrou o grupo.

2º relato (6ª sessão terapêutica)

*Nessa sessão compareceram ao grupo apenas dois dos integrantes:
Laura e Luiz Fernando*

Propus aos integrantes do grupo que escolhessem uma atividade. Na mesa havia jogos, papel, canetas esferográficas, canetas hidrográficas e lápis de cor. Luiz Fernando toma a iniciativa e expõe sua vontade de jogar algo. Laura acata a decisão. Então eu propus que escolhêssemos o jogo. Laura novamente preferiu que a decisão ficasse com Luiz Fernando e foi ele quem escolheu o jogo Imagem em Ação. Era um jogo que nenhum dos dois conhecia. Assim, as regras foram lidas por mim, a pedido deles. O objetivo do jogo era o de que se alcançasse o fim do tabuleiro. Para isso os jogadores se dividem em equipes e tentam adivinhar por mímica ou desenho a mensagem que um integrante de sua equipe tenta passar. Após a leitura conversamos sobre como iríamos jogar, já que nas regras o jogo

propunha a formação de no mínimo duas equipes, cada uma com pelo menos dois integrantes, sendo que nós, naquele dia, éramos apenas três. Nenhum dos dois integrantes colocaram sua opinião, ficaram em silêncio. Então, optei por ir questionando pontos que deveriam ser discutidos por nós para que chegassemos em um acordo. Propus que a cada rodada o jogador que estava tentando andar com seu peão, teria para isso que adivinhar o que os outros dois integrantes, juntos, estavam mimetizando. A cada rodada os jogadores iriam se revesar. Quem acertasse andaria as casas. Luiz Fernando e Laura acataram a proposta.

Terapeuta: Aaaah, e como vamos jogar?

(Silêncio)

Terapeuta: fazendo mímica ou com desenho?

Luiz Fernando e Laura: mímica (falam simultaneamente)

(Luiz Fernando olha para Laura e ela olha para ele)

Após duas rodadas do jogo Laura afirmou que não gostaria mais de jogar e Luiz Fernando concordou com ela e num instante os dois solicitavam a mudança de jogo.

Antes de acatar a mudança procurei entender o porquê do pedido. Laura colocou, primeiramente, que o jogo era muito difícil e que ela não sabia fazer mímica, Luiz Fernando colocou que tinha vergonha de fazer mímica, Laura reforçou essa idéia de Luiz Fernando. Em seguida, Laura questiona se eu não havia ficado brava.

Laura: você não está braba?

Terapeuta: não

Luiz Fernando: achei que ia ficar também

Terapeuta: não, esse espaço é do grupo e o grupo junto resolve o que é melhor. Se vocês não gostaram da atividade não tem problema.

Laura: ai que bom!

Comentários e Discussão:

Mais uma vez, observamos o jogo escolhido pelos participantes como conector inicial da sessão. A terapeuta pede ao grupo para que escolha a atividade, para que, com isso, possa saber as preferências que surgem, e assim, inferir sobre os interesses dos integrantes do grupo. No caso desta sessão, entendemos que a escolha pelo jogo desconhecido, mostra curiosidade e vontade de apreender.

Nessa escolha observamos que a fala de um membro do grupo (Laura) já produz efeito sobre o outro (Luiz Fernando) a medida que o último aceita a sugestão de Laura para fazer a escolha do jogo e Laura aceita o que foi escolhido, portanto, compartilham essa escolha. Num momento posterior vemos que é Laura quem toma a iniciativa de suspender o jogo e Luiz Fernando acata. Além de compartilharem novamente uma decisão de um deles, vemos surgir uma certa liderança de Laura para definir o que se fará a seguir.

Na seqüência descrita os dois membros mostraram uma atitude sociocultural, a de fazer acordos sobre o jogo. Sobre isso Panhoca (1999:53) refere a riqueza do grupo como contexto sociocultural que “ajuda a criança a adquirir ações socioculturais e de linguagem”. A respeito de fazer acordo, ainda Puget e Berenstein (1993) consideram que

parâmetros socioculturais possuem registro no mundo psíquico infantil, e é ao redor dos quais se estabelecem acordos e pactos inconscientes.

3º relato (10ª sessão terapêutica)

Essa sessão terapêutica iniciou-se com apenas dois dos integrantes Leandro e Laura. Eles começam a conversar:

Leandro: tô de férias

Laura: eu também, graças a Deus!

Terapeuta: e deu tudo certo?

Leandro(balançou a cabeça verticalmente e em seguida afirmou): deu! Sem nota vermelha

Laura: eu também, até disseram pra minha mãe que eu melhoiei muito

Como esta sessão era a última do final do ano de 2006, perguntei aos integrantes o que esperavam para o ano seguinte. Laura, sugere repetir em 2007 as atividades que já estavam sendo realizadas. Ela obtém a concordância de Leandro. Essa opinião de Laura e Leandro sugere que estão gostando do trabalho em grupo.

Após alguns minutos o integrante Luiz Fernando chegou. Lucas integrante que entrou no grupo durante o último mês de trabalho não compareceu. Quando Luiz Fernando chega e pelo lado de fora bate na porta da sala, temos o seguinte diálogo:

Terapeuta: pode entrar!

(Luiz Fernando abre a porta)

Luiz fernando: pó, pó, pó...posso entrar?

(Laura, Leandro e terapeuta olham para Luis Fernando na porta).

Terapeuta: pode

Leandro: você tá atrasado!

(Laura riu e olhou para Luiz Fernando)

Luiz Fernando (ofegante): é, é, é. O, o...ônibus demorou chegar.

Como se pode ver nesta sessão utilizamos apenas o recurso do diálogo. Os temas flutuaram inicialmente entre escola e férias

Esta foi a primeira vez, que um dos integrantes (Laura) ao se referir sobre o trabalho que estava sendo realizado em terapia gerou uma conversa sobre os efeitos de estarem nesse grupo o que também significa que, de algum modo, se referiram pela primeira vez aos seus problemas com a linguagem.

Laura: agora a gente tava falando daqui da fono

(Silêncio)

Laura: assim... como é ta aqui

Luiz Fernando: é eu achando o melhor bom

Laura: tem que dizer o porquê é bom

Luiz Fernando: ah. pol, pol...porque tá me ajudando. Na fala

A seguir surge, no grupo o assunto das diferenças sócias econômicas quando se falava das festas do fim do ano e dos pedidos que cada um gostaria de fazer se pudessem.

Terapeuta: e o por que você queria ganhar na loteria para ser rico?

Luiz Fernando: não sei

(Laura e Leandro olharam atentamente para Luiz Fernando)

Laura: mas você não ia fazer nada?

Luiz fernando: e, e ...eu ia estudar numa escola de rico!

(Leandro riu. Laura Ficou olhando para Luiz Fernando)

Terapeuta: Por quê?

Luiz Feranndo: não sei

Terapeuta: não sabe?!

Luiz Fernando: é ma, ma..mais glande

Terapeuta: e vocês o que acham? (Terapeuta olhou para Leandro e Laura)

Laura: a, eu acho que é igual. As mesma matéria, professores. Mas muda...

Terapeuta: como assim?

Laura: a eles são ricos e, nós, somos diferentes

(Laura caiu na gargalhada. Leandro e Luiz fernando também riram. Terapeuta sorriu)

Laura: a minha escola é grande

Leandro: a minha também

Laura: a também muda o nome

Terapeuta: Tudo bem o nome muda mesmo, mas muda de escola para escola, cada uma tem o seu nome. Quero saber por que vocês acham que há diferença? Que diferença é essa? (Silêncio)

Laura: fala ai (aponta para Leandro)

Leandro: eu já falei bastante, fala você (olha e aponta para Laura)

Laura: eu também já falei, então fala você (aponta para Luiz Fernando)

(Luiz Fernando abaixa a cabeça)

Laura: a é justo vai...porque você chegou depois. Você falou menos. E foi você que falou que queria ser rico

Luiz Fernando: Ta, ta, ...tá. É que sei lá. Mi, mi, mi...minha mãe diz que as outras escolas são melholes. Que a que eu tô, tem muita bagunça e bliga.

Laura: isso tem mesmo. A minha também

Leandro: Também

Luiz Fernando: é isso.

Terapeuta: é, vocês viram como a gente sabe o porquê a gente coloca um assunto

Luiz Fernando: é ...é. viu eu sei polquê.

Terapeuta: vocês querem dizer mais alguma coisa ou podemos encerrar por hoje?

Luiz Fernando: podemos! Agola que eu falei podemos. Acho que eu tava tímido

Comentários e Discussão:

Entendemos que ao abordar a melhora na fala e no desempenho escolar, Laura e Luiz Fernando revelam consciência de que o trabalho fonoaudiológico está tendo efeito favorável para eles. Mostram, assim, a exemplo do que dizem Puget e Berenstein, que ascenderam a um projeto vital compartilhado compreendendo o sentido da terapia em suas vidas.

Nessa sessão, como na anterior, ocorreram acordos sobre quem deveria falar. O diferencial foi que nesta sessão a mediação não foi mais realizada só pela terapeuta, mas também por Laura. A vinculação entre os integrantes já lhes permite questionar uns aos outros e realizar esses acordos sem ter a interferência de um adulto. Um outro aspecto que se destacou foi que a terapeuta, assumindo seu papel de capturar os sentidos e

evitar a dispersão (Lores 2000), valoriza a negociação para esses acordos. E, como se pode ver, o efeito positivo para a linguagem foi de que, no momento seguinte, Luiz Fernando mostrou entusiasmo em ter concluído um pensamento e assumiu perante os outros dois integrantes seu sentimento de timidez. Isso sinaliza o surgimento da capacidade de lidar com seus sentimentos no grupo e permite alguma forma de interação afetiva entre os membros: segundo Zimmerman (2000) é isso o que possibilita aos sujeitos estarem inseridos em grupos sociais num jogo dialético entre suas próprias identidades a identidade do grupo e a identidade social.

Vemos nessa sessão, ainda, que atitudes socioculturais continuam a se desenvolver, como por exemplo, quando Luiz Fernando chega atrasado e pede permissão para participar do grupo. Além disso, pode-se apreciar nos temas de conversação transcritos o desenvolvimento de linguagem.

Vemos nesta sessão também, confirmação das idéias de Santos (1993) que afirma que o grupo possibilita, através da relação entre todos os integrantes, que cada paciente se perceba como produtor de linguagem verbal a exemplo do que ocorreu com Luiz Fernando.

4º relato (13ª sessão terapêutica)

Essa sessão ocorreu após duas semanas de férias. A ela compareceram três dos integrantes do grupo: Laura, Leandro e Lucas, sendo que num primeiro momento estavam presentes apenas Laura e Leandro, portanto, Lucas chegou atrasado.

Nesse início Laura e Leandro não se olharam e nem se comunicaram verbalmente, como na primeira sessão do grupo. Eles apenas se dirigiam a terapeuta quando essa os questionava quanto a alguma coisa. Essa

situação prosseguiu até que Laura começou a contar algo que havia acontecido com ela nesse tempo.

Laura: eu tava jogando lá e tem umas mulher lá que fala que só porque eu e minha irmã joga bola e anda com os menino ela fala que nós somos sapatão.

(Terapeuta e Leandro olham para Laura atentamente).

Laura: é, só por isso, eu muquetei ela

Terapeuta: como?

Fernando riu

Laura: eu bati nela, ela vem zuar eu

Leandro: nem tem nada ver isso aí

Laura: é eu falei que tinha muita mulher que jogava futebol. E disse que mesmo que eu fosse ela não tinha nada vê com a minha vida. Preconceito né?!

Isso definiu o tema dessa sessão, que foi o preconceito. A esse respeito Laura e Leandro disseram:

Laura: a pra mim preconceito é tudo, até falarem da minha fala é.

Leandro: para mim também. E não pode.

Em cima disso foi proposto, por mim, uma atividade de escrita. A proposta foi aceita imediatamente por eles, diferentemente de outras vezes em que propostas de escritas foram colocadas para o grupo.

O integrante Lucas, chegou só após os textos estarem prontos. Desse modo, ele não realizou essa tarefa. No entanto, assim que ele chegou e solicitou permissão para participar, a terapeuta disse a ele que o tema que estava sendo abordado era o preconceito e explicou a tarefa que Laura e Leandro haviam realizado. Laura, então, expôs porque o tema havia emergido. Na seqüência os integrantes leram seus textos e após a leitura, novamente, ocorreu uma discussão sobre o tema, da qual Lucas participou ativamente.

Leandro lê seu texto em voz alta:

Leandro: “eu não gosto de provocar outro. Pessoa preconceituosa quer xingar de veado e bolota e travesti”.

Lucas: então me chamá de polinha também é preconceito.

Laura: é

Interfiro neste ponto e pergunto como se pode reagir diante de pessoas que se mostram preconceituosas:

Terapeuta: e como a gente conversa com as pessoas que tem preconceito?

Laura: eu bato

Lucas: tepentento de quem é eu pato

Leandro: e se a gente conversasse com as pessoas?

Laura: Ah! eu falei pra mulher que não era só porque eu jogava bola que eu era

Terapeuta: é. E como você se sentiu depois?

Laura: aaah, aliviada

(Silêncio)

Leandro: talvez ela se sentiu melhor não porque bateu mas porque falou

Comentários e Discussão:

Nos primeiros minutos, quando só estavam Leandro e Laura, nenhuma conversa ocorreu, todos, parecendo depender da minha intervenção. Pareceu-me inicialmente, que as semanas em que não havíamos nos visto tinham produzido um retrocesso nas interações, sendo necessário, talvez, um movimento de adaptação. Mas eu estava enganada, estava apenas vivenciando minha ansiedade diante do silêncio, pois logo Laura começou a contar um interessante episódio por ela vivido, envolvendo uma situação de preconceito.

Esse tema possibilitou que os membros do grupo compartilhassem e portanto se vinculassem a partir de um aspecto que descobriram ser comum na sua vivência em sociedade, o preconceito. Como vimos Laura o vivenciou no âmbito da sexualidade e Lucas no âmbito da fala. Pelas suas reações mostraram seu sofrimento diante de ações sociais que consideram inadequadas. Nesses contextos Lucas e Laura se vinculam ainda por uma vivência comum: a reação física de querer bater em quem os faz sofrer. A esse respeito vale lembrar Rodrigues (2005, IN FRIEDMAN e PASSOS), quando diz que no grupo, compartilhar o sofrimento tem a capacidade de diminuí-lo. A esse respeito vale considerar o mecanismo de identificação introjetiva proposto por Pichon Riviére (1982:82), que se refere ao fato de que situações exteriores permitem associações com a história pessoal da pessoa, e reforçam o emocional do momento, para transformar-se parcial ou totalmente quando ocorre a identificação com o outro. Tudo isso nos mostra o funcionamento integrado das subjetividades, que como diz Kaës

(1997) organiza-se de modo inconsciente, por intermédio de identificações aqui explicitadas.

Como vemos, nessa sessão, o tema preconceito funcionou como um conector do grupo (KAËS, 1997)

Leandro ao lembrar aos demais participantes a possibilidade de reagir conversando propõe uma posição mediadora para as emoções agressivas geradas nessa discussão sobre o preconceito (querer bater no outro). Isso ocorre a partir da intervenção da terapeuta que pergunta de que outro modo se pode reagir diante de uma situação como a descrita. Tal situação trás para a cena as idéias de Lores (2000), quando afirma que os membros do grupo podem assumir papéis de co- terapeuta.

5º relato (16ª sessão terapêutica)

Nessa sessão todos os integrantes do grupo compareceram no horário. Logo no início da sessão Lucas coloca que sua mãe havia ido a uma reunião escolar

Lucas: (...) Minha mãe foi na reunião de escola

Terapeuta: já está tendo reunião?

Lucas: é pa começar. Eu fui com ela. Está tudo bem

Laura: aah eu sempre vou com minha mãe. É senão os professor mente. Eles invetam um monte de coisa. Mas eu fui da última vez. Ai, quando tô, eles não inventam nada. Falaram que eu fui bem.

Leandro: eu não vô não

Lucas: eu fô, porque se não minha mãe não me conta tuto

Terapeuta: porque Leandro você não vai?

Leandro: Porque eu gosto de ficar dormindo

Luiz Fernando: eu vou também. Pra ver o que falam. Mas às vezes eu fico[em casa]

Laura: nessa ultima eu também fui porque eu queria ver minhas amigas, porque umas vão sair.

Desencadeia-se assim no grupo uma conversa sobre as escolas de cada participante

Terapeuta: a [suas amigas] mudaram de escola?

Laura: é porque falam que lá na escola não é boa, porque fumam e bebem.

Terapeuta: e você o que acha?

Laura: eu gosto. Porque assim, uns vão para o Manoel [nome da outra escola]. O Manoel Didito. A Didito você não pode falar na sala porque já chama as mães ou pai. Ai eu prefiro ficar na minha mesmo. Vou para uma pior?

Lucas: Eu kosto da minha, mas tem umas pessoa que eu não kosto.

(Leandro balança a cabeça repetitivamente para os lados.

Luiz Fernando olha para Lucas)

Terapeuta: ãh?

Lucas: é que tem uns que me zoam

(Leandro olha para o Lucas)

Lucas: aí, destes eu não kosto

(Lucas e Laura olham para Leandro)

Leandro : eu?!?! Eu gosto mais ou menos. Porque tem briga lá, ai chamam o conselho tutelar.

(O grupo olha para Luiz Fernando)

Luiz Fernando: aaah na minha também me zoam, também

Laura: na minha também tem briga. Mas chama o pai com a mãe, ai não resolve chama o conselho.

O tema escola e briga acaba por englobar a questão da fala.

(...)

Lucas: eu priko também porque falam do meu cheito de falar. Ai eu fico prafo.

Laura: a o meu também. Elas provocam de todo o jeito

Luiz Fernando: dão, dão...dão apelido

(Luiz Fernando junta as mãos e cruza os dedos. Leandro se ajeita na cadeira levantando mais seu corpo)

Leandro: é a mesma coisa

Terapeuta: dão apelido? Como assim?

Lucas: é falam que eu sou burro, que eu não sei fala, ou que eu sou criança... a um monte mesmo.

Luiz Fernando: é também. Lá alguns falam que eu tenho problema.

Procurando conhecer os sentimentos que podem estar presentes nesses contextos de modo a trabalhá-los a T diz:

Terapeuta: e como é isso para vocês?

Laura: é ruim. Mas eu ponho outro

Lucas: eu também

Luiz Fernando: é isso

(Leandro balança a cabeça concordando)

Laura: é mas que nem a gente já falou, eu as vezes falo para eles verem que eu não tô nem aí, porque esse é meu jeito

(O grupo olhou para Laura)

Laura: não era isso, que falamos?

Terapeuta: sim. Vocês se recordam?

Lucas: é ,mas ainda não consiko só confersar, ou pala falar que não é, mais sem ofender, ou pra mostrar que eu não to nem ai. Eu fico pafo e tiste.

Laura: mas você tem que fazer. Porque se não você ta concordando com eles

Lucas: eu fou tentar...

Por esse caminho a conversa desliza para questões de desempenho de fala e desempenho escolar em casa, bem como falar sobre o efeito de participar do grupo

Terapeuta: Por quê? Como é em casa?

Laura: igual, ou até pior.

Lucas: até minha irmã me zoa.

Leandro: é agora ta melhor. Mas minha mãe reclamava do meu jeito até para ler.

Terapeuta: a O Leandro está dizendo que agora está melhor. Por quê?

Leandro: por que antes a minha mãe reclamava e ai eu não lia mais. Agora ela já entendeu que é assim que eu leio. E ela até fala que eu tô lendo melhor

Luiz Fernando: a, a...a minha mãe falou que eu não posso deixar de vir. Pó, pol...l que ela já esta vendo que eu melhorei
Laura: minha mãe falou que eu melhorei, porque parei de atropelar as palavras. Só de vez em quando, quando eu tô nervosa que eu falo assim, muito rápido.

Comentários e Discussão:

O primeiro tema abordado – o interesse de ir a reuniões escolares junto com suas mães – mostrou um vínculo entre Laura, Lucas e Luiz Fernando pela necessidade comum de evitar ser enganado.

Com o desenrolar da sessão, observamos que todos os integrantes do grupo se vinculam em torno do fato de serem notados por outros pelo modo de falar.

A esse respeito em um primeiro instante Laura, Lucas, Luiz Fernando e Leandro compartilham reação de revidar na mesma moeda: se alguém põe apelido neles, fazem o mesmo com os outros. Na seqüência da conversa, entretanto, assumem uma nova posição que mostra estarem em processo de aceitação de si mesmos e de seu modo de falar. Esse caminho foi mediado por Laura que, funcionando como co-terapeuta, lembra ao grupo o que foi trabalhado em sessões anteriores a respeito de modos mais assertivos de reagir aos outros.

Nesta sessão é Lucas quem vai assumir suas emoções perante o grupo compartilhando e, abrindo espaço para lidar com elas, ao enfrentar o fato de não conseguir reagir de modo mais assertivo perante o outro que o discrimina.

Nesta sessão observa-se como a partir dos pontos em comum entre os integrantes a respeito de suas vivências de fala, na escola e em casa, que

sucitam reações dos outros, aparecem também suas singularidades, visto que a vivência de cada um se dá num contexto particular. Fica claro o quanto todos os integrantes compartilham uma dor pela discriminação ao seu modo de falar e também o quanto o contexto grupal começa a dar acesso a possibilidade de transformar os modos como os integrantes se relacionam com os grupos externos, no caso de Lucas que reconhece ser importante conversar sem ofender.

A vivência escolar e familiar funciona nessa sessão como um conector (KAËS, 1997)

GRUPO 2

1º relato (1ª sessão terapêutica)

O primeiro atendimento do grupo ocorreu na primeira semana de outubro. Nessa sessão inicial compareceram ao grupo todos os integrantes. Inicialmente solicitei que eles se apresentasse uns aos outros

Terapeuta: vocês todos já me conhecem e então, vou pedir que vocês se apresentem um para os outros.

(silêncio)

Terapeuta: quem quer começar?

(Gustavo abaixa a cabeça; Graziela sorri e balança a cabeça horizontalmente, apontando negatividade. Gabriel levanta o braço direito)

Gabriel: Eu. Eu começo vai. Meu nome é Gabriel.

(Gabriel olha para o seu lado esquerdo onde estava sentada Graziela. Ela sorri e leva suas duas mãos ao rosto)

Graziela: Eu?? Ai meu Deus! Ahhhh... meu nome é Graziela, mas gosto que me chamem de Grazi.

(Graziela olha para seu lado esquerdo onde estava sentado Gustavo. Gustavo ajeita-se na cadeira)

Gustavo: eu sou o Gustavo.

(Silêncio)

Terapeuta: Porque vocês não falam um pouco mais de cada um?!

Graziela: Como assim? De quê?

Terapeuta: Do que vocês quiserem falar, o que preferirem.

Gabriel: Ahhh... pode ser assim, pode ser do que eu gosto?

Terapeuta: pode (afirmando também com a cabeça)

Gabriel: Eu gosto de jogar vídeo game e mexer no computador.

Gustavo: Eu gosto disso também.

Graziela: Gosto de computador e, e de vídeo game também

Após se apresentarem dizendo nome e do que gostavam, perguntei se eles não teriam mais nada para dizer. Graziela começou a contar que ela e Gabriel estudavam na mesma escola. Cada integrante do grupo falou o nome do colégio em que estudava. Gustavo, que estava em uma escola diferente da de Graziela e Gabriel, me perguntou se os dois estavam na mesma sala e eu devolvi essa pergunta a Graziela e Gabriel. Gabriel contou, então, que eles não se conheciam e Graziela acrescentou que eles nunca haviam se falado.

Introduzi uma nova pergunta a todos:

Terapeuta: Vamos conversar sobre o porque estão aqui na fono?

(Graziela balança a cabeça verticalmente mostrando que concorda, Gabriel olha para terapeuta e sorri e Gustavo abaixa a cabeça e desliza seu corpo pela cadeira, afundando)

Terapeuta: Bom todos vocês estão aqui por um motivo, não é?

Graziela: É ..eu tô.

Gabriel: Eu tô

(Gabriel balança a cabeça verticalmente, confirmando)

Terapeuta: Então... e por quê estão aqui?

Graziela: Minha mãe diz que eu falo rápido e errado e que não da pra entender nada.

Gabriel: A minha... ela diz que eu falo estranho...e... e....

(Silêncio)

Gustavo: Lá em casa dizem que eu sou burro! Porque não sei ler direto e escrever também. Também falam que eu falo embolado as vezes.

Eu perguntei como agiam nessa situação. Gustavo afirma que para ele era ruim. Graziela concorda com a opinião de Gustavo. Após serem, novamente, questionados sobre o que significava esse ruim, Gabriel afirma que esse era um motivo para ser “zoadado”. Gustavo acrescenta dizendo que “jogavam isso na cara dele”. Graziela concorda com Gustavo. Perguntei-lhes quem eram as pessoas que faziam isso. Graziela afirmou que eram seus irmão e a sua mãe. Gustavo acrescentou dizendo que o pai também. Com isso emergiu um novo tema de conhecimento mútuo: os irmãos. Graziela afirmou que batia em e xingava seus irmãos. Gabriel contou que sua irmã era mais velha é menina e que por esse motivo não podia bater nela. Gustavo contou que tinha 2 irmãos e que não se dava bem com eles, mas que se dava bem com o seu cunhado.

Após os integrantes do grupo relatarem sobre as relações que tinham com seus irmãos e parentes, a terapeuta retomou o motivo que levou cada integrantes do grupo a estar em terapia fonoaudiológica. E questiona:

Terapeuta: E me contem outra coisa... Vocês acham que vocês tem mesmo alguma dessas dificuldades as mães de vocês falaram que vocês tem?

Graziela: eu acho que não...acho que minha mãe fala pra implicar comigo. Porque ela só protege os outros, eu não

Gustavo: ahhh todo mundo fala não é só minha mãe.

Gabriel: pra mim eu falo que nem todo mundo. Mas minha mãe fala que não que eu pareço uma criança falando, que é estranho e feio...

Terapeuta: Bom vocês que não acham.... o que vocês acham que vão fazer aqui?

Graziela: aqui....

Terapeuta: é aqui na fono?

Graziela: ahhh... é minha mãe falou que eu vou melhorar

Gabriel: é

Gustavo: a minha também

Terapeuta: Como é ter que melhorar algo que a gente não percebe?

Gabriel: sei lá....

Graziela: ahhhh....

(Gustavo abaixa a cabeça e sorri)

Terapeuta: primeiro acho que precisamos perceber isso né?!

Precisamos entender o que está acontecendo...

Graziela: pensando bem... é isso

Comentários e Discussão:

Vemos nesse primeiro momento que o tema abordado como principal foi o conhecimento mútuo dos integrantes do grupo e o motivo de estarem iniciando uma terapia fonoaudiológica.

Do mesmo modo como ocorreu no grupo 1:

- nos momentos iniciais os participantes do grupo não interagiam verbalmente um com o outro, a terapeuta era a mediadora das questões;
- Conforme a sessão foi ocorrendo os integrantes começaram a trocar olhares entre si, sendo essa a primeira iniciativa de vinculação entre eles;
- Todos compartilham que suas mães percebem dificuldades de linguagem neles e compartilham a vontade de bater naqueles que zombam destas, mostrando, assim os aspectos comuns das subjetividades.

2º relato (6ª sessão terapêutica)

Nessa sessão a terapeuta vai chamar os integrantes na sala de recepção e nota que todos estavam juntos. Ao entrar para a sala de terapia a terapeuta coloca isso para o grupo:

Terapeuta: Vi que vocês estavam na sala de espera conversando.

Gabriel: é ganhei um jogo de computador e tava falando.

Gustavo: é eu já tenho

Graziela: eu não tenho mas eu quero comprar

Pergunto o nome do jogo. Gustavo me fala que se chamava Sin City. Gabriel cai na gargalhada, afirmando que era preciso “traduzir” para que eu pudesse compreender sobre o que eles estavam falando. Então, Graziela começa me explicando que esse é um jogo de montar cidade, Gabriel, também me explica sobre o jogo e Gustavo também, o que mostra que todos conhecem o jogo. Gustavo conta como está o seu jogo, conta sobre a família que ele montou, que ele escolheu. Graziela comenta que poderia ser assim na realidade, e lamenta não poder escolher.

Gabriel, então me pergunta se nos iríamos jogar algo. Devolvo a pergunta ao grupo. Graziela concorda com a proposta de jogar e Gustavo também acata. Então proponho que eles escolham o jogo. Os jogos estavam em outra mesa ao lado da mesa em que estávamos sentados. Nenhum dos integrantes se levantou para escolher. Coloquei, novamente, ao grupo que eles podiam escolher. Então os 3 integrantes se levantaram e foram escolher. Gabriel puxou um dos jogos, afirmando ser aquela a sua escolha. Graziela concordou com a escolha e Gustavo também. O jogo escolhido foi “Qual é a música”. Nenhum dos integrantes conheciam o jogo, então sugeri que lêssemos as regras do jogo. Gustavo pergunta se teriam que ler:

Gustavo: tem que ler tudo isso aqui (apontando para o papel que estava na mão de Gabriel)

Terapeuta: é temos que ler para entendermos como se joga (Graziela, Gabriel e Gustavo se olham)

Gustavo: quem vai ler? Um de nós? A senhora vai escolher?

Terapeuta: o que acham de cada um ler um pouquinho?

Gabriel: pode ser

Graziela: tudo bem

Gustavo: (abaixa a cabeça) Deixa eu ver? Ai o que eu vou fazer. Como eu vou ler isso? Ta ó eu poço ler essa folha (apontando para as regras do jogo) e ai vocês (apontando para Graziela e Gabriel) lêem essa? Ó já vou avisar, vocês não vão conseguir entender nada. E eu tenho muita vergonha (leva a mão ao rosto)

Terapeuta: vamos lá Gustavo... nós vamos entender sim e qualquer coisa se você quiser podemos te ajudar

Graziela: é mesmo

Gustavo começou a ler as regras, então percebeu que estava lendo a parte errada, pois aquele não era o início. Ele procurou o começo das regras e Gabriel mostrou a ele onde estavam. Gustavo então novamente, deu início à leitura. Após ter lido uma parte das regras interrompe sua leitura perguntando se iria ter que ler de novo. Em seguida continua lendo. Gustavo novamente interrompe a leitura afirmando que ele estava gaguejando e que era a vez de Graziela. Graziela sugere uma leitura silenciosa para explicar após. Gustavo e Gabriel concordam. Graziela coloca ao grupo que só faltava um pedaço pequeno de texto para ser lido. Gabriel propõem que Graziela realize essa leitura integralmente em silêncio, se assim ela quisesse. Então, eu o questiono querendo saber se ele não iria ler. Ele responde afirmando que na semana que passou ele tinha lido um texto. Graziela resolve então que iria ler tudo e logo após explicaria o que entendeu. Ao terminar a leitura ela coloca ao grupo que inicialmente era preciso decidir quem seriam os jogadores e quem seria o

apresentador. Gabriel propôs que a apresentadora fosse a terapeuta. Graziela colocou ao grupo a sua vontade de ser a apresentadora e perguntou sobre a possibilidade de tanto ela quanto a terapeuta serem as apresentadoras. Gustavo e Gabriel concordam. Graziela continuava a explicar as regras do jogo: Gabriel e Gustavo decidiriam quem iria iniciar o jogo. Eles tiraram no par ou ímpar e Gustavo venceu. Graziela explicou que o jogo era composto por fases e que na primeira fase os participantes tinha que cantar um música que tivesse uma determinada palavra. Essa palavra era determinada pela escolha da nota musical. Ao falar a nota musical que cada jogador podia escolher aleatoriamente era necessário ler nas cartas , referentes a fase 1, a palavra que correspondia aquela nota. Graziela explicou a segunda fase e as demais ela não lembrava. Gustavo sugeriu que jogássemos até a fase 2 primeiro e depois quando tivesse na fase 3 retomariamos as regras dessa fase.

O jogo teve início:

Graziela: vamos começar?

Terapeuta: vamos. Gustavo fala uma nota

Gustavo: si

(Terapeuta pega a carta da mesa correspondente a fase 1 e mostra pra a Graziela)

Terapeuta: cante uma música com a palavra...

Graziela: Carnaval

Gustavo: ahhh não sei (olha para Gabriel)

(silêncio)

Terapeuta: sua vez então Gabriel. A nota

Gabriel: sol

Terapeuta: cante uma música que tenha a palavra

Graziela (puxa a carta da mesa): felicidade

Gabriel: tem que cantar

Terapeuta: é

Gabriel: ahhh... não sei

Terapeuta: Uma nota Gustavo

Gustavo: sol

Graziela: a palavra é calor

Gustavo: ahhhh.... não tem música com essa palavra

Gabriel : tem mas a gente não sabe

(silêncio)

Gustavo: eu passo.

Terapeuta: uma nota

Gabriel: dó

Graziela: semana

Gabriel: não sei também

(Gabriel começa a rir)

Graziela: que foi?

Gabriel: é que a gente não sabe nada

(Graziela e Gustavo começam a rir também)

Terapeuta: Gustavo

Gustavo: mi

Graziela: dia

Gustavo: só que , que é música chata

Terapeuta: mas não tem problema

Gustavo (riu, abaixou a cabeça): a não, não sei não

Gabriel: então eu...si

Terapeuta: cante uma música com a palavra..

Graziela: caipira

Gabriel: não sei

Gustavo: fá

Graziela: cante uma música com a palavra (Graziela passa a carta para terapeuta apontando a palavra)

Terapeuta: triste

Gustavo: um dia triste, um lugar pra ler um livro.. ahh não lembro o resto

Graziela: a um pedaço já ta bom né?

Terapeuta: é.

Assim as rodadas continuaram. Agora Gustavo estava na fase 2. Gustavo retoma que nessa fase as regras eram diferentes. Graziela explica, de novo, que na fase 2 ele deveria completar a parte da música que estava faltando. Na seqüência teve um momento no qual Gustavo não lembrava como se completava a música, mas Gabriel que ainda estava na fase 1 lembrava. A terapeuta sugeriu que ele cantasse apenas para que Gustavo lembrasse e ele cantou. O tempo da terapia acabou, a terapeuta propôs ao grupo continuar o jogo na próxima sessão:

Terapeuta: Bom nosso tempo chegou ao fim. A semana que vem a gente continua se vocês quiserem

Gabriel: ahhh pena que acabou.

Gustavo: não podemos ficar mais

Terapeuta: não nosso horário já deu

Gabriel: acaba mó rápido

Terapeuta: a semana que vem nos veremos

Gustavo: ta então vamos jogar de novo

Gabriel: é eu também quero

Graziela: eu também. Mas eu posso ter uma tabela também?

Quero cantar

Terapeuta: tudo bem. Está combinado. Até a semana que vem

Comentários e Discussão:

Observamos que os integrantes do grupo já estavam interagindo fora da sala de terapia, o que mostra o estreitamento da vinculação entre eles que compartilham seus interesses pessoais. Vê-se, portanto, novamente neste grupo, o funcionamento integrado das subjetividades organizando-se de modo inconsciente por intermédio de identificações (KAËS, 1997).

A vinculação permitiu que os integrantes pudessem compartilhar e realizar acordos para desenvolver a atividade proposta que era a de leitura da regra do jogo. Isso permitiu o auto questionamento de Gustavo quanto ao seu jeito de ler. Vemos que assim como no grupo 1 a mediação deixa de efetivar-se apenas por intermédio da terapeuta.

Nessa sessão o jogo funcionou como conector do grupo (KAËS, 1997) e permitiu a Gustavo mostrar seu sofrimento diante da leitura, revelando seu vínculo com grupos externos ao de terapia. Graziela, por sua vez, embora não tenha verbalizado o seu sofrimento, sugeriu sua possível presença ao esquivar-se de ler em voz alta. Aqui, como no grupo 1, podemos trazer a consideração de Rodrigues (2005, in FRIEDMAN E PASSOS) a respeito de que compartilhar o sofrimento tem a capacidade de diminuí-lo.

Pichon Riviére (1982) afirma que em toda situação vincular é necessário que se inclua a noção de papel. Esta caracteriza-se por ser transitória e por ter uma função determinada, que aparece em uma situação determinada e em cada pessoa em particular. É isso que se pode observar quando Graziela mostra o desejo de assumir o papel de líder do grupo e se propõe a ser a apresentadora do jogo, também quando Gustavo assume um papel de organizador do grupo.

3º relato (10ª sessão terapêutica)

Essa sessão terapêutica iniciou-se apenas com a presença de Gustavo que chegou atrasado para a terapia. Graziela e Gabriel não compareceram.

Gustavo disse que tinha duas coisas para me falar, uma era “mais ou menos” e a outra era ruim. Afirmou que queria falar sobre as duas. Pergunto então a ele o que aconteceu

Gustavo: a mais ou menos é que...vai tudo os meus primos para a escola

Terapeuta: para qual escola?

Gustavo: é vai dois pra uma e vai um monte pra outra. Vai meu primo Vitor, meu primo Felipe, meu irmão Leandro, meu irmão Ricardo

Terapeuta: seu irmão Ricardo??

Gustavo : é essa é a outra coisa que tenho pra falar..., mas essa é a ruim... é...é vou acabar essa, tá?! Então eu, tudo aqui nessa escola, minha prima nessa escola, meu irmão no Tucunduva e ai meus 3 vizinhos que vão pro Fabiana

Terapeuta: seus primos vão estudar na mesma escola que você, então?

Gustavo: é. Eu gosto dela. Mas é que as vezes eu me irrita

Terapeuta: por quê?

Gustavo: porque as pessoa falam do meio jeito de ler, falam que não dá pra entender. E agora com meus primo e irmão lá vão ficar falando que nem meu pai, minha mãe e meu tia, que eles falam bem melhor que eu.

Terapeuta: ahhh entendi. É isso que está te deixando tão nervoso e aflito?

(silêncio)

Gustavo: é...

Terapeuta: mas me conta como é isso.

Gustavo : ahhh é assim, quando eu vou mal na escola a professora chama, aí ela fala pra minha mãe um monte de coisa e fala que eu falo ruim, e leio ruim. Minha mãe fala que sabe e que meu irmão que é menor que eu é melhor. E que o

Ricardo também. E que ela não entende nada do que eu falo e leio.

Terapeuta: e o que você fala?

Gustavo: nada

Terapeuta: e que tal você começar a dizer algo

Gustavo: o que que eu vou falar se ela não gosta de mim

Terapeuta: Ela dizer isso não significa que ela não gosta de você.

Gustavo: ela não gosta porque eu não sei ler

Terapeuta: Não sabe? Mas você leu aqui, lembra ?

Gustavo : é

Terapeuta: então não é que você não sabe ler

Gustavo: é . Mas então...mesmo assim ela não gosta de mim porque eu não leio igual os outros

Terapeuta: é claro, você não é igual os outros. Já pensou se todas as pessoas fosse iguais? Cada um tem mais facilidades para uma coisa e dificuldades em outra.

Gustavo: é sou bom no futebol

Terapeuta: tá vendo

Gustavo: ahhhh. Então...acho que entendi

Terapeuta: o que?

Gustavo: assim eu posso ter dificuldade para ler e falar as vezes, mas não é que eu não sei, porque eu leio e falo...aquí né??? E eu tenho outras facilidades... que é o que eu sei fazer...e que ninguém é tão bom quanto eu.

Terapeuta: é, legal

Em seguida Gustavo colocou que outra coisa ainda estava deixando ele triste e como ele disse “essa era a coisa ruim” a qual ele havia se referido. Gustavo me perguntou se ainda dava tempo de falar e se eu podia escuta-lo. Então, Gustavo começou a me contar que seu pai estava falando que ele não era filho dele. Segundo Gustavo esse assunto tinha começado na casa dele, porque Gustavo foi pedir ao seu pai para ficar com um filhote da cachorra do namorado da irmã. Seu pai estava bravo e gritou com ele, disse que ele só dava problema e também falou que ele não era seu filho. Perguntei para Gustavo como tinha sido ouvir isso e ele me respondeu:

Gustavo: você não conta nem pra minha mãe?

Terapeuta: claro que não, esse espaço é seu lembra?

Gustavo: eu fui pro quarto e chorei. Mas eu liguei o som do computador pra ninguém escutar.

Terapeuta: foi difícil então.

Gustavo: minha mãe falou que era mentira, na hora. E lá eu fingi que nem liguei. Sabe assim, que nem me importava se ele era meu pai.

Terapeuta: na hora que estava a discussão?

Gustavo: é. Mas eu me importo.

Terapeuta: eu sei que é difícil, e que você ficou chateado...

Gustavo expressou sua vontade de sair de casa. Eu disse a ele que atitudes como essa não resolveriam esse tipo de problemas. Gustavo me perguntou se eu achava que seu pai tinha dito aquilo sem querer. Eu

devolvi a questão a ele. Gustavo respondeu dizendo que achava que havia sido sem querer, mas que mesmo assim tinha ficado triste e sua mãe também. Depois Gustavo colocou que não iria sair de casa e que achava que por ele ter me dito isso, eu iria “cobra-lo”, mas percebeu que eu não havia feito isso. Gustavo pediu, então para falar uma outra coisa, foi quando referiu a falta dos outros integrantes do grupo: Gabriel e Graziela. Referiu-se a eles afirmando sentir sua falta e dizendo que preferia o grupo quando todos vinham, pois assim, podiam “trocar idéias”.

Comentários e Discussão:

Observamos, mais uma vez, que Gustavo apresenta suas vivências com os grupos externos ao de terapia, mostrando como constituem a singularidade de sua subjetividade (KAËS, 1997). Vemos, assim, que tanto com o grupo familiar próximo (pai e mãe) como com o estendido (primos e tia) se estabelece um vínculo por meio do sentimento de cobrança, que o remete a um sofrimento em relação ao uso de sua linguagem. A esse respeito vemos sua receptividade ao que lhe diz a terapeuta, a medida que, com bastante facilidade, reconhece-se como pessoa com dificuldades mas também com qualidades.

Outro sofrimento importante para a constituição da subjetividade de Gustavo, aparece quando relata seu conceito sobre ser ou não filho daquele que considera ser seu pai. A esse respeito vemos que o acolhimento da terapeuta permite um o bom vínculo e ele compartilha com ela o que não revela a sua mãe “mas eu me importo”, “fui pro quarto e chorei”. Compartilha sua dor e pode, desse modo, aliviá-la.

Podemos considerar ainda que Gustavo revela uma vinculação com Graziela e Gabriel quando refere que sente falta deles.

4º relato (13ª sessão terapêutica)

Graziela, Gustavo e Gabriel retomaram os atendimentos após as férias, que foi o tema inicial desta sessão:

Graziela: é as férias foram bem legais

Gabriel: é também gostei. Eu fui lá pra casa do meu pai.

Gustavo: é eu voltei só porque a gente combinou de voltar hoje, mas vou sair daqui e vou direto pra praia.

Terapeuta: nossa...

Graziela: você não sabe como...

Gabriel: lá na casa do meu...

Gustavo: eu passei o ...

Terapeuta: Calma!! Temos que falar um de cada vez. Assim não vou conseguir entender nenhum de vocês. Sei que todos tem muita coisa para contar. E dá tempo de todos contarem.

Quem vai começar?

Graziela: eu

Gabriel: iii lá vai....

(Gabriel suspira e debruça o corpo na mesa de terapia.

Gustavo ri)

Terapeuta: como assim, lá vai?

Gabriel: é que ela, de nós três é a que mais fala. E se ela começa a gente não fala

Terapeuta: Calma, já disse que dá pra todo mundo falar. Cada um vai contando uma coisa. Vamos combinar assim, não

é pra contar tudo de uma vez, vamos falando aos poucos e em ordem. Quem será o primeiro

Gabriel: ela (apontado para Graziela)

Terapeuta: e depois?

Gabriel: ahh pode ser eu

(Terapeuta olhou para Gustavo)

Gustavo: ahhh tudo bem. Eu sou por último

Terapeuta; então vai

Graziela, então começou a contar sobre o seu Natal e ano Novo. Contou que tinha passado o Natal em sua casa e o Ano Novo na praia e que havia realizado pedido a Yemanjá. Em seguida Gabriel colocou que era a sua vez de falar:

Gabriel: agora eu!

(Todos olham para Gabriel)

Gabriel: uma vez de cada. Agora eu conto onde eu passei o natal e ano novo, aí depois é o Gustavo

Terapeuta: Tudo bem para todos assim?

(Graziela e Gustavo balançam a cabeça verticalmente concordando com a decisão)

Gabriel começou a contar sobre o fim de ano dele. Disse que havia passado o Natal em sua casa com a sua mãe e o Ano Novo com o seu pai, o que tinha sido “mó legal” e que achava que ia para lá morar com o seu pai. Gabriel apontou para Gustavo dizendo que era a sua vez.

Gustavo contou que passou tanto o Natal quanto o Ano Novo na praia, com a sua família.

Quando Gustavo acabou de falar, Graziela ergueu a mão:

Terapeuta: o que foi?

Graziela: é to erguendo a mão porque quero falar...

Terapeuta: a como na escola

Graziela: é (e ri)

Terapeuta: a não precisa ser igual a escola aqui né

Gustavo: é Deus me livre.

(Graziela e Gabriel começam a dar risada, olhando para Gustavo. Gustavo sorri)

Gustavo: não escola é mó ruim. Tudo ta errado, tudo não pode. O jeito de ler é assim, não pode ser do meu... porque né? Ahhh e tudo vale nota.

Terapeuta: é aqui é diferente. Não estou aqui para avaliar vocês, estou aqui para ajudar vocês

Gustavo: é

Gabriel: á pra ouvir a gente

Graziela: é, pra agüentar a gente

(Todos riem)

Gabriel: então vamos continuar falando. Você (aponta para Graziela) E não precisa erguer a mão não.

Graziela retomou o que havia falado por último: os pedidos feitos por ela a Yemanjá. Gabriel pergunta a ela quem era Yemanjá. Graziela respondeu dizendo que ela era uma Santa e era do mar. Ela explicou que no Ano Novo entregam-se flores a ela, pulam-se 7 ondas e

fazem-se 7 pedidos. Eu acrescentei dizendo que Yemanjá era uma Santa de um tipo de religião e que haviam outras religiões:

Gustavo: é eu sou evangélico

Gabriel: iii eu nem sei o que eu sou.... eu não vô para igreja nenhuma

Graziela: é eu sou espírita. Minha mãe é, minha tia... iii todo mundo.

Terapeuta: é além da religião espírita, da evangélica, também tem a budista, a católica e outras. A religião faz parte da nossa cultura, normalmente seguimos a religião de nossos pais.

Gabriel: vou ver com a minha mãe o que ela é...

Gustavo perguntou a Graziela o que ela havia pedido. Graziela respondeu que iria contar apenas um de seus pedidos:

Graziela: eu pedi pra ela levar meu irmão, pra ele ir morar lá na Bahia, com a minha tia

Terapeuta: por quê?

Graziela: porque ele é um pentelho e eu não agüento mais ele, assim pelo menos ele deixa minha mãe mais pra mim.

Terapeuta: como assim?

Graziela: é que se não ele fica grudado nela o tempo inteiro. E só faz o que ele quer.

Terapeuta: ahhh entendi. Isso é difícil para você

Gabriel colocou novamente que era sua vez de falar. Ele retoma a sua vontade de ir morar com o seu pai. Eu pergunto aonde seu pai mora. Ele respondeu que morava em Minas Gerais. Gustavo pergunta a ele:

Gustavo: aonde?

Gabriel: em Minas

Terapeuta: acho que o Gustavo quer saber aonde de Minas, qual a cidade

Gabriel: ahhhh, acho que é em Uberlândia

Gustavo: a minha mãe conta que ela era de Minas, mas acho que é de Belo Horizonte

Gabriel: a eu não conheço nada só lá mesmo onde meu pai mora. È mó legal, as escolas são mó legais.... e tem muita coisa pra fazer. E eu queria morar com meu pai, porque tenho mó saudades.

(Gabriel abaixa a cabeça)

Graziela: ahhh, num fica triste.

Gustavo: é aqui você tem amigos?

Gabriel (começa a chorar): é porque eu queria que minha mãe também morasse lá, porque eu podia ficar com os dois...mas ela num quê.

Graziela: é pai e mãe só complica viu. Ahh e irmão também

Gustavo: é mesmo, eu fui lá pra praia aí minha mãe não queria ir, aí meu pai queria. A minha irmão não queria, porque queria ficar com o namorado e minha mãe não queria deixar ela sozinha. Viu como irmão, pai e mãe complica.

Eu disse que essa conversa me pareceu que eles queriam ter mais a atenção de suas mães. Graziela afirmou que concordava com que eu havia dito e completou comentando sua vontade de ser filha única. Gustavo também concordou, dizendo que “seria mais fácil”. Gabriel colocou que ele vivia essa situação de ser filho único, já que sua irmã não morava com ele. Colocou que isso era bom e que sua mãe lhe dava atenção. Colocou ainda que quando sua irmã aparecia em sua casa ele não gostava, dizendo que tudo era feito para ela e do jeito dela. Após a fala de Gabriel, Graziela disse:

Graziela: tá vendo... por isso que eu fiz meu pedido

Terapeuta: porque será que vocês querem a atenção da mãe só par vocês?

Gabriel: por que aí ela faz tudo que a gente quê

Gustavo: é e não tem que dividir nada , para dar pra todos iguais seria só eu. Seria mais presente também

Graziela: é mesmo heim??

Terapeuta: ahhh e mais alguma coisa?

Gustavo: ahh e também não ia comparar eu com ninguém.

Graziela: isso é veradade

Gabriel: é mesmo

Gabriel olhou para o relógio e perguntou se já tinha acabado. Respondi que sim Gabriel e Gustavo lamentam ter terminado a terapia.

Comentários e Discussão:

Observamos que nessa sessão Gabriel teve o papel de organizador do grupo (PICHON RIVIÉRE, 1982). Foi ele quem realizou a mediação entre os membros do grupo.

O tema abordado por Graziela quanto a Yemanjá não era do conhecimento de todos os integrantes do grupo. Gabriel explicita isso, e permite que surja uma explicação, favorecendo o desenvolvimento de linguagem. Por meio desse desenvolvimento, os membros do grupo encontram vínculos subjetivos relacionados à religiosidade, cada membro tem uma posição pessoal diante da religião. Isso como afirmam Puget e Berenstein (1993) mostra o estabelecimento do vínculo, regido por modelos socioculturais que implicam elementos constantes.

A esse respeito podemos considerar ainda, a partir de Kaës (1997:99) que a “articulação entre sistema psíquico complexos regido por níveis de organização e funcionamento heterogêneos” torna possível “as continuidades entre as formações e processos de um espaço psíquico para outro” pelo fato da heterogeneidade ser parcial em função dos modelos socioculturais que implicam elementos constantes as subjetividades.

Vemos aqui, que a religião foi um conector para o grupo (KAËS,1997)

Nessa sessão, observou-se que ocorreu um vínculo de compartilhamento entre Graziela e Gustavo pela vontade de serem filhos únicos o que também incluiu Gabriel pela vivência de ser filho único de fato. Compartilharam ainda o sentimento de não querer dividir a atenção da mãe, marcando, mais uma vez, o comum das subjetividades.

O discurso de Gustavo que diz que seria bom ser filho único porque assim não haveria comparação, mostra, mais uma vez o vínculo que se

estabelece por meio da cobrança com o grupo familiar, geradora de sofrimento.

5º relato (16ª sessão terapêutica)

Nessa sessão terapêutica Graziela, Gustavo e Gabriel chegaram atrasados para a terapia. Ao chegarem estavam os três juntos. Graziela bateu na porta da sala de terapia e perguntou se eles poderiam entrar:

Graziela: podemos entrar?

(A terapeuta olhou para a porta da sala)

Terapeuta: olá

Gabriel: estamos atrasado, né?!

Gustavo: pode entrar ainda?

Terapeuta: é estão atrasados sim, mas ainda temos um tempo. Podem entrar. Está tudo bem?

Gabriel: a gente veio junto, aí atrasamos porque a gente resolveu comprar chiclete.

Terapeuta: ahhh vocês vieram juntos? Os três?

Graziela: é sim

Terapeuta : e vocês se atrasaram porque foram comprar chiclete?

Gustavo(sorrindo):é também. Mas é que a gente chegou muito cedo aí fomos ali na frente. Só que aí perdemos hora.

Eu coloco a eles que poderíamos conversar no tempo que restava. Todos concordaram, Gabriel e Gustavo dizendo: “ta bom” e Graziela com um gesto de cabeça. Então, eu coloco um tema para ser discutido:

Terapeuta: A semana passada vocês tinham pedido para eu trazer a gravação [gravamos uma sessão há duas semanas atrás e eles assistiram há uma semana atrás, por ter sido essa a data em que consegui reservar a sala de vídeo]. E eu trouxe. Nós vimos juntos na sala de vídeo, e não pudemos conversar depois. Queria que você falassem um pouco sobre o que vocês acharam.

(silêncio)

(Graziela abaixou a cabeça e começou a rir. Gustavo e Gabriel riram em seguida)

Gustavo: ai meu Deus!

Terapeuta: Como foi ver vocês em terapia?

Gabriel: ahhh.... eu achei... estranho

Terapeuta: estranho? Estranho como?

Gabriel: ahhh assim.... éééé... eu falo mesmo daquele jeito?

Terapeuta: Qual jeito?

Gabriel: ahhhh... sei lá... chiado

Terapeuta: você achou isso?

Gabriel: é achei....

Terapeuta: e vocês o que acharam?

Graziela: achei que eu também falo estranho. Assim meio chiado também e enrolado

Terapeuta: e você? (olha para Gustavo)

Gustavo: é...é “mó” confuso pra entender o que eu falo e o que leio também.

Terapeuta: Nossa vocês perceberam tudo isso?

Gustavo: é

Gabriel: acho que eu nunca tinha visto um filme meu

Graziela: nem eu...só tinha visto foto

Terapeuta: e então, foi bom perceber tudo isso de vocês?

Gabriel: é mais ou menos

Terapeuta: por quê?

Graziela: da minha parte porque confirmou que minha mãe tinha razão ...e eu achava que era só pra me encher o saco que ela falava de como eu falava.

Terapeuta: ah!

Gabriel: é eu nunca tinha parado pra me ouvir... e eu nem achava que eu falava assim

Terapeuta: assim?

Gabriel: é assim como a minha mãe dizia que eu falava... bebê que fala assim, né? Putz vou ficar encanado...

Gustavo: é, todos tinham razão. Mas não esqueci do que a gente falou aquele dia que vim sozinho... e, ainda vale?

Terapeuta: claro que vale. Mas nem a Graziela nem o Gabriel sabem do que estamos falando, conte para eles.

Gustavo: ai tenho vergonha.

Terapeuta: Quer que eu fale?

Gustavo: não é.. Então, é que nesse dia eu tava “mó” triste porque falavam de mim. Aí aqui a gente falou que tem gente que tem dificuldade em algumas coisas, mas isso não é que é burro, ou anta. E também tem qualidades em outra coisa.

Terapeuta: Nós conversamos que tem coisas que algumas pessoa fazem com mais facilidade que outras e outras com mais dificuldade.

Gustavo: é.

(silêncio)

Gustavo: para mim...o que é mais é ler.

Graziela: ahhh pra mim é agüentar minha mãe falando que eu falo estranho.

Gabriel: é ...acho que é isso também.

Terapeuta: é por isso que estão aqui.... para superarmos isso, que está difíci.l

Gabriel: ahhh...é.

Terapeuta: e o que é fácil?

Graziela: dançar.

Gabriel: pra mim é fácil matemática

Gustavo: para mim jogar bola.

Terapeuta: que mais?

Gustavo: jogar computador.

Graziela: é e vídeo game.

Gabriel: é.

Terapeuta: Estão vendo... quantas facilidades, quantas qualidades vocês tem?

Graziela: é...

(Gabriel e Gustavo olham para a terapeuta atentamente)

Por fim pergunto se eles teriam mais alguma coisa para colocar, todos me respondem dizendo que não com um gesto de cabeça. Eles se despedem e vão embora.

Comentários e Discussão:

Nessa sessão observamos que os integrantes do grupo, ao verem a sua própria gravação, descobrem o que os outros percebem em suas falas e que eles não haviam percebido ainda. Assim, o que era uma demanda de suas mães passa a ser demanda própria. Isso favorece que possam motivar-se para o trabalho fonoaudiológico. Pois a exemplo do que dizem Puget e Berenstein (1993) as integrantes ascendem, neste momento, a um projeto vital compartilhado, compreendendo o sentido da terapia em suas vidas.

Nessa sessão formaliza-se, assim, um vínculo entre os integrantes do grupo pela dificuldade que agora todos reconhecem em si mesmos. Isso, segundo entendemos, dá um sentido pessoal a terapia que realizam, ou seja, não a realizam apenas porque a mãe ou algum adulto acha que precisam dela. Ocorre, assim, na dimensão da singularidade um salto qualitativo na constituição de subjetividade (Kaës, 1997) ou na constituição da identidade individual (Zimmerman, 2000) dos 3 participantes. Isto ao mesmo tempo compõe o psiquismo do grupo ou a dimensão coletiva da subjetividade (KAËS,1997) e ainda dimensão da identidade grupal e social (ZIMERMAN, 2000).

Vale considerar que esse salto qualitativo na constituição da subjetividade, singular e coletiva, parece bastante coerente com o momento em que aparece, momento que como mostra David (2000) parece possibilitar a expansão da capacidade de interação entre os integrantes, modificando suas relações com os outros. Referimo-nos ao fato dos 3 integrantes terem chegado juntos e adiantados para à sessão e, a seguir terem ficado tão envolvidos entre si que acabaram perdendo a hora, chegando atrasados à própria sessão, mas bastante motivados para prosseguir com o trabalho fonoaudiológico.

Gustavo mostra esse movimento de apropriação quando, trouxe de volta na presente sessão, de modo muito pertinente para todos, a possibilidade de permitir que todos percebam ter dificuldades e qualidades. Proporcionou assim o envolvimento dos outros membros de modo a fazer explicitar as dificuldades e necessidades deles que são semelhantes as suas.

A partir desta discussão apresentamos, no próximo capítulo, as conclusões.

CONCLUSÃO

Partindo da definição de Berenstein (2001) que entende vínculo, como uma “estrutura inconsciente que une um ou mais sujeitos (...) em base a uma relação de presença” pudemos concluir que essa estrutura inconsciente foi se configurando nos grupos aqui estudados a partir:

- de elementos que exerceram a função de conectores do grupo (KAËS, 1997). Estes foram jogos, tema do conhecimento mútuo entre os integrantes tais como: preconceito, religião e vivência escolar e familiar.
- dos papéis assumidos (PICHON RIVIÉRE, 1982) pelos participantes do grupo, que foram os de líder, mediador, organizador e co-terapeuta.
- do compartilhamento de vivências comum no caso da discriminação sentida em relação às suas falas e do compartilhamento de vários interesses pessoais e sentimentos, tais como a cobrança dos grupos externos (família e escola) e o sofrimento na fala.
- da ascensão de um projeto vital compartilhado (BERENSTEIN, 1993) que foi o de encontrarem a motivação para a terapia em suas vidas, quando perceberam em si mesmos seus problemas de fala e o de perceberem a melhora na fala e no desempenho escolar.

Podemos concluir, à partir disso, que o processo de configuração de vínculos no âmbito terapêutico é também um processo de desenvolvimento tanto de atitudes socioculturais como de linguagem. Isso organizou-se, no

nosso caso, por meio de acordos, negociações, pedidos de licença, materializados em verbalizações crescentes entre os integrantes do grupo como mostram as últimas sessões em relação as primeiras. Tal condição, acreditamos, mostra a relevância do vínculo no processo terapêutico fonoaudiológico.

BIBLIOGRAFIA

CARVALHO, M.R.T. **Experimentações com grupos terapêuticos na fonoaudiologia.** 2004, 157f. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

CORRÊA, M.B. **Considerações sobre terapia de grupo na clínica fonoadurológica.** In: Lier-de Vitto, M.F. Fonoaudiologia no sentido da Linguagem. São Paulo: editora Cortez, 1997.144f.

DAVID, R.H.F. **A fusão das cores: o sentido terapêutico na clínica fonaudiológica de grupo.** 2000, 117f. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

FREITAS, A.P. CASTRO, G.S. A Constituição de Processos Dialógicos em um Grupo de Jovens com Deficiência Mental. In: Revista Brasileira de Educação Especial, volume12, número1 (Marília): Ática, 2006. Quadrimestral.49-64

FRIEDMAN, S. & PASSOS, M.C. “O Grupo Terapêutico em Fonoaudiologia: Uma Experiência com Pessoas Gagas Adultas, **In: Abordagens Grupais em fonoaudiologia: contextos e aplicações** SANTANA, AP; BERBERIAN, AP; GUERINELHO, AC; MASSI, G (orgs.), São Paulo, Plexus Editora, 2007.

KAËS, R. **O grupo e o sujeito do grupo. Elementos para uma teoria psicanalítica do grupo.** 1997. Trad. José de souza e Mello Werneck. São Paulo: casa do Psicólogo, 1997.

LORES, C. **Grupo de crianças e de familiares: uma perspectiva de atuação fonoadurológica em unidade básica de saúde.** 2000,151f. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

MEZAN, R. **Subjetividades Contemporâneas.** In. Instituto Sedes Sapientiae, número especial (São Paulo): 1997.

OSÓRIO, L.C. et al. **Grupoterapia Hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986. 358f.

PANHOCA, I. LEITE, A.P. D. **A constituição de Sujeito no grupo terapêutico Fonoaudiológico – identidade e subjetividade no universo da clínica fonoaudiológica**. In: Distúrbios da Comunicação, volume 15, número 2 (São Paulo): Educ. 2003. Quadrimestral.

PANHOCA, I. **O grupo terapêutico-fonoaudiológico e a literatura infantil – constituindo um saber**. In: Distúrbios da Comunicação, volume 11, número 1 (São Paulo): Educ. 1999. Quadrimestral.

PASSOS, M.C.A.P.P. Atendimento fonoaudiológico em grupo: princípios estruturantes de uma teoria terapêutica. 2004, 81f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Fonoaudiologia), pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

PICHON- RIVIÉRE, E. **Teoria dos vínculo**. São Paulo: editora Martins Fontes, 1995.143f.

SAFRA, G. **O uso do Material clínico na pesquisa psicanalítica**. In: Silva, M. E. L. Investigações e psicanálise. Campinas: Papyrus, 1993.

SANTOS, V.R. **Fonoaudiologia e grupo: construção de um processo terapêutico**. 1993, 76f. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

WEFFORT, M.F. **Grupo, indivíduo, saber e parceria: malhas do conhecimento**. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996. 17-33

ZIMERMAN, D.E. **Fundamentos básicos das grupoterapias**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000. 22-233

ANEXOS

ANEXO 1**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo****Termo de consentimento livre e esclarecido****Informado para o paciente**

Nome do participante:.....Data.....
 Pesquisador Principal: Juliana Chica Lopes

1. *Título do estudo* : “ O vínculo e sua relevância no trabalho terapêutico fonoaudiológico com grupos”
2. *Propósito do estudo*: o propósito deste estudo é estudar os vínculos produzidos nos grupos terapêuticos para compreender como eles podem facilitar ou dificultar o processo terapêutico.
3. *Procedimentos* Participei junto com outros 3 pessoas de atendimentos terapêuticos em grupo, que será filmado uma vez por mês para que a pesquisadora obtenha dados para sua investigação
4. *Riscos e desconfortos*: Não existem riscos médicos ou desconfortos associados com este projeto,.
5. *Benefícios*: Os resultados deste estudo podem ajudar outras terapêutas a entender melhor a função do vínculo na terapia em grupo.
6. *Direitos do participante*: Eu posso me retirar deste estudo a qualquer momento.
7. *Confidencialidade*: De forma a registrar exatamente o que foi dito e feito por mim, um registro de filmagem em VHS será usado. A fita será vista e ouvida somente pelo investigador principal e pelos membros autorizados do grupo de pesquisa .Compreendo que os resultados deste estudo poderão ser publicados em jornais profissionais ou apresentados em congressos profissionais, mas que, minhas identidade não será revelada a menos que a lei o requisite.
8. *Se tiver dúvidas posso telefonar para as responsáveis a qualquer momento.*

Eu compreendo meus direitos como um sujeito de pesquisa e voluntariamente consinto em participar deste estudo. Compreendo sobre o que , como e porque este estudo está sendo feito. Receberei uma cópia assinada deste formulário de consentimento.

Assinatura do sujeito

data _____

Assinatura do pesquisador

ANEXO 2

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Termo de consentimento livre e esclarecido informado à instituição

Instituição : Casa do Adolescente
Pesquisador Principal: Juliana Chica Lopes

Data 05/10/06

1. *Título do estudo* : “ O vínculo e sua relevância no trabalho terapêutico fonoaudiológico com grupos”
2. *Propósito do estudo*: o propósito deste estudo é estudar os vínculos produzidos nos grupos terapêuticos para compreender como estes podem ser facilitadores ou dificultadores no processo terapêutico de pacientes com problemas de linguagem.
3. *Procedimentos* *Filmarei meu atendimento terapêutico a 2 grupos de 4 sujeitos cada com o propósito de realizar o estudo dos vínculos ali produzidos.*
4. *Riscos e desconfortos*: Não existem riscos médicos ou desconfortos associados com este projeto,.
5. *Benefícios*: Os resultados deste estudo podem ajudar os pesquisadores a entender melhor um dos pilares que sustentam a grupoterapia: *o vínculo.*
6. *Se tiver dúvidas posso telefonar para a pesquisadora responsável a qualquer momento.*

Declaro que obtive de forma apropriada os esclarecimentos necessários a respeito da realização da pesquisa nesta instituição e que estou de acordo com sua realização.

Casa do Adolescentes

Instituição

data _____

Assinatura do responsável pela Instituição

ANEXO 3**TRANSCRIÇÃO**1ª SESSÃO – GRUPO 1

Terapeuta: Então vamos começar, né?! A gente precisa se apresentar. Porque vocês me conhecem, mas não conhecem uns aos outros. Vocês lembram meu nome?

Leandro: Juliana. (Neste momento o paciente se mexe na cadeira, como se estivesse indo um pouco mais para frente e sorri).

Terapeuta: é Juliana! (olhando para Leandro) Quer começar se apresentando?

(Leandro balança a cabeça demonstrando que sim.)

(olhando para terapeuta)

Terapeuta: Então diga o seu nome, o motivo de estar aqui, sua idade...

Leandro: meu nome é Leandro, tenho catorze.

(terapeuta direciona olhar para outro integrante do grupo: Luiz Fernando)

(Ele olhando para terapeuta)

Luiz Fernando: me, me... meu nome é Felnando, eu tenho dose.

(Luiz Fernando abaixa a cabeça)

(Terapeuta direciona olhar para a outra integrante do grupo: Laura)

Laura: meu nome é Laura e eu tenho dose ano.

Terapeuta: Vocês já participaram de algum grupo, alguma vez.

Leandro: já eu

(Laura balança a cabeça afirmando que sim)

Terapeuta: Você também (olhando para Leandro) e você, também, já (olhando para Laura). Vocês já sabem quais as regras que a gente tem num grupo?

(Luiz Fernando balança a cabeça negando. Laura e Leandro direcionam o olhar para a terapeuta)

Terapeuta: o que a gente tem que fazer?!

(silêncio)

Terapeuta: Sempre respeitar um ao outro, a opinião do outro... Sempre quando a gente for escolher alguma coisa vamos escolher todos juntos. Mais alguma coisa que vocês queiram por como regra do nosso grupo?

Leandro: não.

(Luiz Fernando e Laura abanam a cabeça dizendo que não)

Terapeuta: então ali em cima da mesinha tem alguns jogos vocês podem levantar e escolher um pra gente jogar hoje. Tá bom?

(Todos os integrantes do grupo ficaram olhando para a terapeuta)

Terapeuta: pode ir. Ali ó (aponta a mesa)

(Leandro leva a mão direita ao rosto e sorri. Luiz Fernando ri)

Terapeuta: então vou falar quais que tem. Tem jogo da memória, quebra cabeça, stop. Vocês conhecem?

(Luiz Fernando dirige olhar para Laura e depois para Leandro. Leandro balança a cabeça negando).

Terapeuta: Gostam de jogar algum? Ahh tem dominó, também!

(Luiz Fernando olha para Leandro novamente. Leandro desvia o olhar, olhando para a parede. Luiz Fernando ri e fixa seu olhar na mesa)

Terapeuta: o que vocês gostariam de jogar?

(Laura se ajeita na cadeira)

Laura: escolhe

Terapeuta: o que vocês acham de escolhermos todos juntos?

Laura: pode ser também

Terapeuta: então vamos! O que vocês gostariam de jogar?

Luiz Fernando: dominó

(Terapeuta dirige olhar aos outros)

Leandro : Dominó (responde levando a mão direita ao rosto)

Laura: dominó vai.

Terapeuta: você pega ali, tá atrás de você.

(Laura se levanta, vira-se de costa para a mesa, pega o jogo da memória na mão, olha a caixa, devolve e pega o dominó)

Terapeuta: é esse? Então vamos lá! Vocês sabem as regras do dominó?

(Luiz Fernando balança a cabeça afirmando que sim)

Terapeuta: então vamos repassar quais são, só pra ver se é igual para todo mundo?

Laura: nove peça.

Terapeuta: nove peças? E pra vocês? (Terapeuta dirige o olhar para os outros integrantes do grupo)

(Luiz Fernando afirma que sim com a cabeça e Leandro desvia o olhar, direcionando-o para baixo. Nesta posição balança a cabeça mostrando um gesto positivo)

Laura: uma peça seis é o que joga primeiro

Terapeuta: é a que começa, pois é a maior. E o que mais?

Laura: só

(terapeuta mistura as peças)

Terapeuta: será que vai dar nove peças para cada um?

Laura: então, vamo sete!

Terapeuta: acho melhor, vamos ? (dirige o olhar para os outros)

(cada um escolhe as suas peças)

Terapeuta: certinho?

(Luiz Fernando balança a cabeça dizendo que não)

Terapeuta: não tem sete?

(Luiz Fernando balança a cabeça afirmando que não)

Laura: então, vamo seis!

(Laura, Leandro e a terapeuta devolvem uma peça. Luiz Fernando pega o que falta. Todos olham para a terapeuta)

Terapeuta: quem tem a maior, pode começar.

(Luiz Fernando inicia jogando. Como seqüência jogou então Luiz Fernando primeiro, Leandro em segundo, Laura em terceiro e a terapeuta por último. Esta ordem ocorreu espontaneamente, cada um foi colocando sua peça)

(Na segunda rodada, Luiz Fernando olhou para Leandro na hora dele jogar e a partir daí, Luiz Fernando passou a acompanhar com o olhar a vez de cada jogador. Na terceira rodada Leandro olha as suas peças e não joga, leva os dois braços ao alto e se espreguiça na cadeira)

Laura: não tem?

(Leandro balança a cabeça e olha para a terapeuta. Terapeuta então lhe indica as peças que deveriam ser compradas. Laura também não tinha peça)

Terapeuta: vai comprar também?

(Laura confirma com a cabeça e compra as duas últimas peças do jogo)

Terapeuta: e agora tem?

(Laura com a cabeça responde que sim. Quando é a vez de Leandro jogar de novo ele se estica na cadeira)

Leandro: não tenho!

Terapeuta: passou?

(O jogo continuou. Ao chegar de novo na vez de Leandro ele repetiu o mesmo gesto)

Leandro: tscha tscha...

Terapeuta: também não?

(Luiz Fernando coloca sua última peça. Ele estica as mão para frente e as abana mostrando que acabou)

Terapeuta: ganhou?

(Luiz Fernando abana a cabeça afirmando que sim)

Terapeuta : muito bem!

(Os outros integrantes colocam as peças que estavam em suas mãos no centro da mesa. Eu começo a virar todas para baixo. Luiz Fernando me ajuda e depois os outros também)

Terapeuta: quem embaralha?

(Luiz Fernando com o cotovelo esquerdo apoiado na mesa e o queixo apoiado na mão esquerda olha para mim. Ninguém responde).

(Silêncio)

(Terapeuta, novamente, embaralha)

(Cada um pega as suas peças. Luiz Fernando continua na mesma posição. Leandro conta as peças após ter escolhido. Desta vez foi Leandro que iniciou o jogo. Na terceira rodada desta partida. Leandro olha suas peças por duas vezes. Se espreguiça na cadeira)

Leandro: não tenho

(Luiz Fernando olha para Leandro e em seguida para Laura)

(Laura olha para Luiz Fernando e para Leandro)

Laura: então compra, ué!

(Laura olha para terapeuta)

(Leandro compra uma peça, ao invés de encaixá-la nas laterais com a regra pede, encaixou em uma peça do meio do jogo)

Terapeuta: essa peça cabe ai?

(Luiz Fernando balança a cabeça dizendo que não)

Laura: não

(Leandro, pega sua peça de volta. Na rodada seguinte ele repete o gesto)

(Laura pega a peça, olha para Leandro e empurra a peça em direção a ele)

Laura: está errado essa (neste momento seu olhar esta voltado para a terapeuta)

(Luiz Fernando novamente acabou o jogo. Mostrou as duas mão e as abanou)

(Laura ia colocar uma peça e Luiz Fernando a interrompe, olhando para ela)

Luiz Fernando: ga, ga... ganhei!

Terapeuta: parabéns! Já vi que gosta de dominó. O que mais vocês gostam?

Laura: eu di desenha.

Terapeuta: e vocês?

Luiz Fernando: desenha, joga futebol e vídeo game.

Leandro: joga bola e desenha vai...

Terapeuta: querem desenhar?

(Luiz Fernando olha para Laura e depois para Leandro. Laura abana a cabeça)

Terapeuta: então vamos lá

(Terapeuta abre a gaveta pega uma caixa de lápis de cor, lápis preto e folha. Durante este momento nenhum dos integrantes se olharam. Para usarem o material esperavam quem estivesse com a caixa escolhendo o lápis devolve-la para então pegar. Não falaram verbalmente. Em alguns momentos Laura olha para a terapeuta e em seguida em um gesto rápido abaixa a cabeça novamente. Leandro ao acabar de desenhar ergue os braços e se espreguiça na cadeira com uma voz baixa diz que havia terminado.

Terapeuta aguada que todos terminem)

Terapeuta: conta pra gente o que você desenhou? (Olhando para Leandro)

Leandro: um jogador de futebol.

Terapeuta: você, Luiz Fernando?

Luiz Fernando: um, um, um... carro, uma casa, uma álvole, um sol.

Terapeuta: Laura?

Laura: uma casa, uma árvore, um passarinho e uma nuvem.

Terapeuta: posso guardar?

(Todos me dão o desenho na mão)

Terapeuta: Vamos combinar uma coisa. Próxima semana não nos veremos porque é feriado, então nos veremos só na outra. Combinado? Vocês querem falar alguma coisa?

(Dizem que não com a cabeça)

Terapeuta: Então é isso nosso horário hoje, já deu.

2ª SESSÃO – GRUPO 1

Luiz Fernando e Laura entram na sala

Terapeuta: Oi. Como estão?

Luiz Fernando: bem

(Laura balança a cabeça verticalmente dizendo que sim)

Terapeuta: O que vocês gostariam de fazer hoje?

(Em cima da mesa havia jogos, papel, canetas esferográficas, canetas hidrográficas e lápis de cor)

Luiz Fernando: jô, jô...jogar um jogo

(Laura balança a cabeça verticalmente novamente)

Terapeuta: Você também quer? (olha para Laura)

(Laura balança a cabeça verticalmente novamente)

Terapeuta: então vamos escolher

(Laura olha para Luiz Fernando)

Laura: escolha!

(Luiz Fernando estica seu braço e puxa o primeiro jogo que estava em cima da mesa. O jogo que Luiz Fernando escolheu era imagem em ação)

(Silêncio)

(O jogo ficou em cima da mesa onde estávamos todos sentados. Luiz Fernando e Laura olham para a terapeuta, e em seguida para o jogo em cima da mesa. Eles não mexem no jogo.)

Terapeuta: vamos olhar para ver se é esse que vamos jogar?

(Luiz Fernando abre a caixa do jogo e inicia manipulando as peças. Larissa permanece apoiada com as mãos em cima da mesa.)

Terapeuta: vocês conhecem esse jogo?

Laura: não.

Luiz Fernando: não...o.

Terapeuta: vamos, então, ver as regras?

(Laura tira as regras e entrega a terapeuta)

Terapeuta: vocês querem que eu leia?

(Laura balança a cabeça verticalmente)

Luiz Fernando: é...é

Terapeuta: Vocês não querem ler comigo?

Luiz Fernando: não

(Terapeuta colocou as regras em cima da mesa e iniciou a leitura)

Terapeuta: O objetivo do jogo é levar o peão até a última casa do tabuleiro. Os jogadores devem ser divididos em equipes. As cartas devem ser embaralhadas. Cada equipe escolhe um peão e coloca no início do tabuleiro. Roda-se a roleta para ver quantas casas a primeira equipe vai andar. Escolhe-se quem vai fazer a mímica ou quem vai desenhar para cada equipe. Essa pessoa escolhida, de uma das equipes, terá de desenhar ou fazer a mímica de uma palavra. Essa palavra é definida conforme a categoria em que o peão da equipe parou. Então, o desenhista da equipe puxa uma carta, olha na carta a mesma categoria em que o peão está no tabuleiro e ele terá que desenhar ou fazer a mímica para que o restante da mesma equipe adivinhe. Por isso, só ele pode ver a palavra. As categorias são: pessoa, lugar, ação (PLA) ; objeto (O) ; lazer (L) , difícil (D). As rodadas seguintes seguem igual. Se a equipe não acertar, volta a casa que estava.

(Durante a leitura Luiz Fernando e Laura olhavam atentamente para a terapeuta. Quando a terapeuta acabou de ler as regras olhou para os integrantes do grupo)

Terapeuta: e então?

Laura: gostei

(Luiz Fernando balança a cabeça verticalmente concordando com o que Laura havia dito).

(Silêncio)

Terapeuta: e as regras?

Luiz Fernando: ah sei lá...acho que eu entendi

Terapeuta: Aaaah... e, como vamos jogar?

(Silêncio)

Terapeuta: fazendo mímica ou com desenho?

Luiz Fernando e Laura: mímica (falam simultaneamente)

(Luiz Fernando olha para Laura e ela olha para ele)

Laura: e as equipes?

Terapeuta: E quanto as equipes o que poderemos fazer já que estamos só em três?

(Silêncio)

Terapeuta: o que podemos fazer?

(Luiz Fernando olha para os lados. Laura balança a cabeça horizontalmente indicando negatividade e sobe os ombros).

Terapeuta: por que as regras propõe que a gente se reúna em equipe?

(Luiz fernando olha para o tabuleiro do jogo em cima da mesa. Laura abaixa a cabeça).

Terapeuta: porque enquanto um faz a mímica, o outro da mesma equipe adivinha, não é?

Laura: ah é

(Laura dirige o olhar para a terapeuta. Luiz Fernando balança a cabeça verticalmente, apontando positividade).

Terapeuta: o que vocês acham se fizermos assim. Em cada rodada dois de nós faz a mímica e o outro é o jogador que tem que acertar o que vai estar sendo dito, tenta adivinhar, se adivinhar anda se não fica na casa que estava.

(Laura e Luiz Fernando concordaram fazendo sinal com a cabeça. Escolheram os pinos de cada um e a cor das cartas que seriam usadas. Laura girou a roleta e olhou para terapeuta)

Silêncio

Laura: vamo decidir quem começa?

Terapeuta: ahhh... vamos decidir quem começa a jogar girando a roleta? O número maior começa? Pra mim está bom assim e para você Luiz Fernando?

Luiz Fernando: tá

Laura: três

(Luiz Fernando gira a roleta)

Luiz Fernando: cin, cin...cinco

(Luiz Fernando empurra a roleta em direção a terapeuta)

(Terapeuta gira a roleta).

Terapeuta: cinco

(Luiz Fernando riu e girou novamente a roleta)

Terapeuta : cinco de novo. Agora eu (terapeuta gira a roleta): Dois

(Luiz Fernando ri novamente olhando para terapeuta).

Terapeuta: Então, Luiz Fernando começa, depois a Laura e depois eu.

(Luiz fernando sorriu. Laura olha atenta para o tabuleiro)

Terapeuta: pode iniciar, não pode?

(Luiz Fernando fica olhando para terapeuta)

Terapeuta: vamos lembrar as regras! Depois que decidimos quem será o primeiro jogador, tem que rodar de novo a roleta para ver quantas casas vai andar.

(Luiz Fernando roda a roleta. Pega seu peão do tabuleiro e percorre quatro casas)

Terapeuta: vamos retirar a carta para a mímica?

(Laura balança a cabeça verticalmente apontando que sim. Terapeuta pega a carta da mesa e mostra a Laura).

Terapeuta: PLA (pessoa, lugar ou ação). Pode ser qualquer um, lembra?

(Terapeuta sentada estica os dois braços na altura do ombro, trás os antebraços para cima e junta as duas mãos. Ao mesmo tempo em que a terapeuta realizava os gestos Luiz Fernando cruzou os seus braços e riu)

Luiz Fernando: ca, ca...casa

Terapeuta: isso

(Agora é a Laura quem joga. Laura roda a roleta. Anda 4 casas. Terapeuta e Luiz Fernando se olham).

Terapeuta: nós que temos que pegar a carta (e olha para Luiz Fernando)

(Luiz Fernando sorri. Após alguns segundos com sua mão direita faz o gesto para que eu pegue a carta da mesa)

Terapeuta: eu que vou pegar a carta?

(Luiz Fernando balança a cabeça)

Terapeuta: Bom a casa que ela parou é igual a sua, então pode ser lugar, pessoa ou ação.

(Terapeuta puxa da mesa a carta)

Terapeuta: olha só

(Luiz Fernando se inclina a mesa para ver o cartão)

Luiz Fernando: é fácil!

Terapeuta: você faz a mímica?

Luiz Fernando (imediatamente abana a cabeça horizontalmente, ri e diz): vô, vô...você, você.

(Terapeuta então se levanta da cadeira, dá dois passos e dá um pulo)

Laura: pular, pular

Terapeuta: é isso aí. Agora é minha vez de andar!

(Terapeuta gira a roleta e anda 1 casa. A casa parada é novamente PLA)

(Silêncio)

(Luiz Fernando e Laura olham atentamente para a terapeuta. Terapeuta olha para eles)

Terapeuta: vocês não vão tirar a carta e fazer a mímica para eu adivinhar?

(Laura balança a cabeça horizontalmente, afirmando que não. Luiz Fernando desvia o olhar olhando para baixo)

Laura: vamo jogar outro jogo?

Luiz Fernando: é vamos

(Terapeuta olha para os dois integrantes do grupo. Luiz Fernando abana a cabeça concordando com o que Laura falou)

Terapeuta: tudo bem, mas vamos conversar sobre o porquê mudar de jogo agora? Vocês não queriam jogar esse?

Laura: é mas....

(Luiz Fernando olha para baixo. Silêncio)

Laura: é que é muito difícil. E eu não sei jogar?

Terapeuta: como assim?

Laura: não sei fazer mímica

Luiz Fernando: e, e ...e ,eu tenho vergonha

Laura: é....também

Terapeuta: então não é que você não sabe, você só está com vergonha.

Laura: é

Terapeuta: muito bem. Mas, então, não precisamos dizer que não sabemos, vamos falar que ainda estamos com vergonha um do outro . Vocês querem tentar trocar a mímica pelo desenho?

(Laura abana a cabeça afirmando que não)

Luiz Fernando: ahh... também não vai

(Silêncio. Carlos Eduardo cruzou os braços. O silêncio permaneceu)

Terapeuta: tudo bem, eu entendi Nós aqui vamos sempre respeitar um ao outro, isso inclui nossos limites também.

Laura: você não está braba?

Terapeuta: não

Luiz Fernando: achei que ia ficar também

Terapeuta: não, esse espaço é do grupo e o grupo junto resolve o que é melhor. Se vocês não gostaram da atividade não tem problema.

Laura: ai que bom!

(Silêncio)

Terapeuta: bom nosso horário já deu. Vamos nos encontrar a semana que vem, tá certo?

3ª SESSÃO – GRUPO 1

(Leandro e Laura entram na sala de atendimento)

Terapeuta: tudo bem?

Leandro: bem

(Laura balança a cabeça verticalmente)

(Silêncio)

Terapeuta: e na escola?

Leandro: tô de férias

Laura: eu também, graças a Deus!

Terapeuta: e deu tudo certo?

Leandro (balançou a cabeça verticalmente e em seguida afirmou): deu! Sem nota vermelha

Laura: eu também, até disseram pra minha mãe que eu melhoiei muito

Terapeuta: ahh... vocês melhoraram na escola?! Que bom !

(Laura sorri)

Laura: minha mãe está mó feliz

Leandro: minha também

(Silêncio)

Laura: agora nas férias eu vô aproveitar e descansar.

Terapeuta: você vai ficar em casa descansando?

(Laura balança a cabeça verticalmente afirmando que sim)

Terapeuta: e você Leandro?

Leandro: ahh eu vou ficar jogando bola.

(Laura mexeu-se na cadeira, juntou sua mão, intercalou os dedos, depois soltou)

Laura: eu parei de jogar bola

Leandro: por quê?

(Laura olha para terapeuta)

Terapeuta: é também estou curiosa para saber, assim como o Leandro, o porquê você parou de jogar bola, já que você gosta tanto.

(Laura abaixou a cabeça)

Laura: porque quando eu jogo o meu pé dói.

(Silêncio)

Laura: mas...

(Silêncio)

Laura: talvez volto...

(Laura imediatamente ergue a cabeça)

Terapeuta: e com você está se sentindo por ter parado algo que gostava tanto?

Laura: tô triste

Leandro: dá pra ver

Terapeuta: é você sempre nos contou sobre os seus jogos, e como você gosta de jogar. Mas, enquanto você não volta você pode estar pensando em outra coisa que você goste para estar fazendo.

Laura: ouvir música

(Leandro ri)

Laura: ou desenhar. É só o que eu gosto

Leandro: também gosto de desenhar

Terapeuta: e o que vocês preferem desenhar?

Laura: a o que vier a cabeça

Leandro: gosto de ver para desenhar

Laura: ahh... eu também gosto de assistir filme.

(Leandro arruma o boné, olha para a terapeuta, se ajeita na cadeira indo mais para frente, se apóia na mesa)

Terapeuta: você quer dizer algo?

(Leandro abana a cabeça verticalmente dizendo que sim)

Leandro: eu também gosto de filme. Só isso

Terapeuta: de que tipo de filme vocês gostam?

Laura: terror

Leandro: ação

(Silêncio)

Terapeuta: Vocês perceberam que pela primeira vez, juntos, a gente passa um tempo maior podendo falar das preferências que cada um tem. Como é isso para vocês?

Laura: é bom

(Leandro abana a cabeça concordando)

Laura: por isso que eu gostei de cá. A gente faz um monte de coisa e também conversa.

(Leandro olha para cima e balança repetidamente a cabeça. Terapeuta e Laura olha para ele)

Leandro (ri): É eu to concordando. Por isso eu quase não falto.

Laura: ah.. e também eu melhoiei

(Leandro balança a cabeça novamente verticalmente apontando uma confirmação).

Terapeuta: melhorou...

Laura: é tirava “i” agora não tiro mais

Leandro: é na escola!

Terapeuta: e o que vocês estão esperando para o nosso trabalho para o ano que vêm?

(Silêncio)

(Laura se arruma na cadeira. Leandro olha para cima, depois olha para Laura. Laura olha para Leandro)

Laura: você ou eu vai falar agora?

(Leandro com o dedo indicador da mão direita aponta para Laura)

Laura: fazer o que a gente tá fazendo!

Terapeuta: como é o que a gente tá fazendo?

Leandro: escrever, jogar, conversar, desenhar...

Terapeuta: a vocês estão propondo que o nosso trabalho aqui seja realizado o anos que vem da mesma forma como estamos fazendo.

Laura: é! Eu gosto assim!

(Leandro balança a cabeça verticalmente. Alguém pelo lado de fora da sala bate na porta)

Terapeuta: pode entrar!

(Luiz Fernando abre a porta)

Luiz fernando: pó, pó, pó...posso entlar?

(Laura, Leandro e terapeuta olham para Luis Fernando na porta).

Terapeuta: pode

Leandro: você tá atrasado!

(Laura riu e olhou para Luiz Fernando)

Luiz Fernando (ofegante): é, é, é. O, o...ônibus demolou chegar.

(Silêncio)

Terapeuta: bom, vamos explicar o que estávamos fazendo aqui no grupo hoje?

(Luiz Fernando olha para Laura. Em seguida para Leandro. Silêncio)

Terapeuta: quem pode contar para ele?

(Laura com o dedo indicador da mão direita aponta para Leandro)

Leandro (apontando para si mesmo afirma): eu????

Luiz Fernando sorri e Laura abaixa a cabeça)

Leandro: a gente falou do que a gente gosta.

Laura: agora a gente tava falando daqui da fono

(Silêncio)

Laura: assim... como é ta aqui

Luiz Fernando: é eu achando o melhor bom

Laura: tem que dizer o porquê é bom

Luiz Fernando: ah. pol, pol...polque tá me ajudando. Na fala

Terapeuta: E o ano que vem?

Luiz Fernando: eu quero melholar mais

Terapeuta: como assim ?

Luiz Fernando: na fala

Terapeuta: ahh?!

Luiz Fernando: pol,pol...polque falam que eu falo enrolado

(Luiz Fernando olha para baixo)

Laura: eu quero continuar ir bem na escola, tirando “S” e melhoia na fala.

Leandro: eu também

Luiz Fernando: agora a gente só vai voltar em janeiro, né?

Terapeuta: isso o posto de saúde fecha e retoma as atividades na segunda semana de janeiro.

Luiz fernando: fecha pro natal!

Laura: e ano novo!

(Silêncio)

Laura: no Natal eu vou pra um lugar que é quieto...esqueci o nome... Ah não importa, é que não vai ter nada pra fazer.

Luiz Fernando: sitio?

Laura: acho que é isso

Leandro sorriu

Luiz fernando: eu vou ficar aqui mesmo

Leandro: vou pra casa da minha tia

(Luiz fernando se espreguiça. Leandro e Laura olham para ele)

Laura: Aí, ano novo vou tá aqui.

Leandro e Luiz Fernando afirmam juntos: também

(Silêncio)

Terapeuta: bom como estamos no fim do ano, falando de Natal, me contem: e se vocês pudessem fazer um pedido, o que vocês iriam pedir?

Luiz fernando: qualquer coisa?

(Terapeuta balança a cabeça verticalmente apontando que sim)

Luiz Fernando: e, e , eu queria ser rico

(Leandro e Laura caíram na gargalhada. Luiz Fernando sorriu)

Laura: eu ia pedir par ir bem na escola, e poder estudar mais

Leandro: eu também

Terapeuta: e o que o grupo acha dos pedidos de cada um?

Laura: o meu eu já to conseguindo

Leandro: eu também

Luiz Fernando: eu posso conseguir ganhar na lotelia

(Laura e Leandro gargalharam novamente)

Terapeuta: e o por que você queria ganhar na loteria para ser rico?

Luiz Fernando: não sei

(Laura e Leandro olharam atentamente para Luiz Fernando)

Laura: mas você não ia fazer nada?

Luiz fernando: e, e ...eu ia estudar numa escola de rico!

(Leandro riu. Laura Ficou olhando para Luiz Fernando)

Terapeuta: Por quê?

Luiz Feranndo: não sei

Terapeuta: não sabe?!

Luiz Fernando: é ma, ma..mais glande

Terapeuta: e vocês o que acham? (Terapeuta olhou para Leandro e Laura)

Laura: a, eu acho que é igual. As mesma matéria, professores. Mas muda...

Terapeuta: como assim?

Laura: a eles são ricos e, nós, somos diferentes

(Laura caiu na gargalhada. Leandro e Luiz fernando também riram. Terapeuta sorriu)

Laura: a minha escola é grande

Leandro: a minha também

Laura: a também muda o nome

Terapeuta: Tudo bem o nome muda mesmo, mas muda de escola para escola, cada uma tem o seu nome. Quero saber por que vocês acham que há diferença? Que diferença é essa?

(Silêncio)

Laura: fala ai (aponta para Leandro)

Leandro: eu já falei bastante, fala você (olha e aponta para Laura)

Laura: eu também já falei, então fala você (aponta para Luiz Fernando)

(Luiz Fernando abaixa a cabeça)

Laura: a é justo vai...porque você chegou depois. Você falou menos. E foi você que falou que queria ser rico

Luiz Fernando: Ta, ta, ...tá. É que sei lá. Mi, mi, mi...minha mãe diz que as outras escolas são melholes. Que a que eu tô, tem muita bagunça e bliga.

Laura: isso tem mesmo. A minha também

Leandro: Também

Luiz Fernando: é isso.

Terapeuta: é, vocês viram como a gente sabe o porquê a gente coloca um assunto

Luiz Fernando: é ...é. viu eu sei polquê.

Terapeuta: vocês querem dizer mais alguma coisa ou podemos encerrar por hoje?

Luiz Fernando: podemos! Agola que eu falei podemos. Acho que eu tava tímido

(Silêncio)

Laura: a então até janeiro!

Terapeuta: até e boas férias para vocês!

Luiz Fernando: tchau

Laura: Tchau

Leandro: Tchau

4ª SESSÃO – GRUPO 1

Laura e Leandro chegaram atrasados por 10 minutos. Então, eles entraram na sala. Laura entrou primeiro e sentou na cadeira que estava encostada na parede. Leandro sentou-se dando o espaço de uma cadeira de Laura. Laura se acomodou na cadeira, olhou para o chão apoiou sua mão em seu corpo. Leandro sentou na cadeira e em seguida escorregou seu corpo, levando o quadril levemente para frente, virou a aba do boné para trás.

Terapeuta: olá!

Laura: oi

Leandro:oi

Terapeuta: tudo bem com vocês?

Laura e Leandro balançam a cabeça verticalmente indicando confirmação. Mas não se expressaram verbalmente.

Terapeuta: como passaram essas semanas em que não nos vimos?

Laura: bem

Leandro sorri, leva a mão ao rosto e balança a cabeça repetindo o gesto anterior. Um momento de silêncio tomou conta da sessão

Terapeuta: vocês ficaram de férias, passamos duas semanas sem nos encontrar, vamos lá... o que vocês tem para contar?

Laura: nada de mais, só que ...joguei bola

Leandro: também

Terapeuta: aonde?

Laura: tô jogando lá no campinho que tem perto de casa

Leandro: eu jogo em casa

(Silêncio)

Laura: eu tava jogando lá e tem umas mulher lá que fala que só porque eu e minha irmã joga bola e anda com os menino ela fala que nós somos sapatão.

(Terapeuta e Leandro olham para Laura atentamente).

Laura: é, só por isso, eu muquetei ela

Terapeuta: como?

Fernando riu

Laura: eu bati nela, ela vem zuar eu

Leandro: nem tem nada ver isso aí

Laura: é eu falei que tinha muita mulher que jogava futebol. E disse que mesmo que eu fosse ela não tinha nada vê com a minha vida. Preconceito né?!

Terapeuta: é vocês viram. Existe preconceito para tudo

Leandro: é pra preto. Já me xingaram sim

Laura: eu muqueto, não quero nem saber

Terapeuta: é difícil essa questão para vocês?

Laura: a pra mim preconceito é tudo, até falarem da minha fala é.

Leandro: para mim também. E não pode.

(Silêncio)

Terapeuta: já que esse assunto emergiu aqui no grupo hoje o que vocês acham de escrever sobre isso.

Laura: ahhh bom

Leandro: tá.

(Laura e Leandro pegaram o papel que estava em cima da mesa. Laura dobrou a folha e dividiu ao meio. Terapeuta abriu a gaveta pegou dois lápis e entregou a eles. Laura se ajeitou na cadeira, com a sua mão direita escrevia com a esquerda segurava a folha. Ela se debruçou em cima da mesa e escreveu. Leandro escreveu com a mão direita, a esquerda ficou em baixo da mesa. Sua cadeira estava um longe da mesa, Colocou o corpo para frente e se debruçou na mesa. O silêncio permaneceu enquanto eles escreviam).

Leandro: Acabei

Laura: ainda não

(Leandro ficou debruçado na mesa, enquanto esperava por Laura)

Laura: cabe também

Terapeuta: vocês vão querer ler o que vocês escreveram?

(Alguém pelo lado de fora da sala bate na porta. Era Lucas que havia chegado para terapia. Lucas abriu a porta)

Lucas: licença? Dá para entrar?

(Laura, Leandro e Terapeuta olhavam para a porta. Após sua fala olharam para terapeuta)

Terapeuta: pode, não pode?

(Terapeuta olha para os demais integrantes do grupo)

Laura: pode

Leandro: aham

Lucas: oi

(Lucas escolheu a cadeira do canto que ainda estava vazia e sentou-se).

Lucas: minha mãe depois quer falar com a senhora, porque eu cheguei atachado.

Terapeuta: tudo bem

Lucas: tem uns pobemas lá em casa. Mas acho melhor ela falar depois.

Terapeuta: tá bom!

(Silêncio)

Terapeuta: hoje aqui no grupo surgiu a questão do preconceito

Laura: é porque eu contei que me chamaram de sapata.

(Lucas olhou para Laura)

Terapeuta: O Leonardo e a Laura escreveram sobre preconceito. Eles iam ler, tudo bem?

Lucas: tudo

Terapeuta: quem começa

Laura: eu poço começar

(Laura leu seu texto em voz alta):

Laura: Preconceito é uma, é mal e não bom. È algo mal que as pessoas tem. Eu não gosto de preconceito. É quando uns maltratam outros só por causa de cor de pele, ou sexo, ou outra coisa.

Leandro: agora eu!

(Leandro leu seu texto em voz alta):

Leandro: eu não gosto de provocar outro. Pessoa preconceituosa quer xingar de veado e bolota e travesti

Lucas: então me chamá de polinha também é preconceito.

Laura: é

Terapeuta: e como a gente conversa com as pessoas que tem preconceito?

Laura: eu bato

Lucas: tepentento de quem é eu pato

Leandro: e se a gente conversasse com as pessoas?

Laura: Ah! eu falei pra mulher que não era só porque eu jogava bola que eu era

Terapeuta: é. E como você se sentiu depois?

Laura: aaah, aliviada

(Silêncio)

Leandro: talvez ela se sentiu melhor não porque bateu mas porque falou

Terapeuta: Muito bem. Acredito que é isso mesmo. Ao invés de responder com raiva, agredir, talvez seja melhor mostrar respondendo sem raiva, mostrando um outro lado.

(Silêncio. Laura balançava a cabeça verticalmente para dizer que sim. Lucas também)

Lucas: mas eu fico com muita raiva

(Laura abaixou a cabeça. O grupo fica em silêncio por alguns segundos)

Terapeuta: vocês querem dizer mais alguma coisa?

Todos balançaram a cabeça horizontalmente apontando que não. Lucas estava com a cabeça baixa, Leandro e Laura olhavam para a terapeuta).

Terapeuta: então por hoje é isso, nosso horário já deu

(Leandro se levantou da cadeira rapidamente)

Leandro: tchau

Laura: tchau

(Lucas permaneceu sentado)

Lucas: você pode falar com a minha mãe?

Terapeuta: sim. Vamos chamá-la para que ela entre ta certo?

Lucas: posso ficar também

Terapeuta: você prefere estar junto?

Lucas: aham

Terapeuta: então sim. Vamos chama-la comigo?

Lucas e terapeuta se levantam e saem da sala.

5ª SESSÃO – GRUPO 1

Terapeuta: oi.

Lucas: tudo bem?

(Laura abana a cabeça verticalmente)

Leandro: também

Terapeuta: tudo

Luiz Fernando: tudo também

Lucas: comiko tampém tá! Minha mãe foi na reunião de escola

Terapeuta: já está tendo reunião?

Lucas: é pa começar. Eu fui com ela. Está tudo bem!

Laura: aah... Eu sempre vou com minha mãe! É senão ao os professor mente. Eles invetam um monte de coisa. Mas eu fui da última vez. Ai, quando tô, eles não inventam nada. Falaram que eu fui bem.

Leandro: eu, não vô não.

Lucas: eu fô, Porque se não minha mãe não me conta tuto.

Terapeuta: porque Leandro você não vai?

Leandro: Porque eu gosto de ficar dormindo.

Luiz Fernando: eu vou também. Pla ver o que falam. Mas às vezes eu fico!

Laura: nessa última eu também fui porque eu queria ver minhas amigas, porque umas vão sair.

Terapeuta: a vão mudar de escola?

Laura: é porque falam que lá na escola não é boa, porque fumam e bebem.

Terapeuta: e você o que acha?

Laura: eu gosto. Porque assim, uns vão para o Manoel. O Manoel Didito. A Didito você não pode falar na sala porque já chama as mães ou pai. Ai eu prefiro ficar na minha mesmo. Vou para uma pior?

Lucas: Eu kosto da minha, mas tem umas pessoa que eu não kosto.

(Leandro balança a cabeça repetitivamente para os lados. Luiz Fernando olha para Lucas)

Terapeuta: ãh?

Lucas: é que tem uns que me zoam

(Leandro olha para o Lucas)

Lucas: ai, destes eu não kosto

(Lucas e Laura olham para Leandro).

Leandro : eu?!?! Eu gosto mais ou menos. Porque tem briga lá, ai chamam o conselho tutelar.

(O grupo olha para Luiz Fernando)

Luiz Fernando: a, a, ah, na minha também me zoam, também.

Laura: na minha também tem briga. Mas chama o pai com a mãe, ai se não resolve, chama o conselho.

Luiz Fernando: a tem bliga na minha também

Leandro: eu briguei já. Mas não na escola

(O grupo dá gargalhadas)

Luiz Fernando: aaahh, eu não bligo não.

Laura: na minha escola chamam minha mãe direto.

(O grupo gargalha, novamente)

Lucas: eu tampém priko na escola, xingam eu. Mas você não fala, tá?

(Leandro olhou para Lucas)

Leandro: o que?

Lucas: que eu priko para minha mãe.

Leandro : aaaaah.

Terapeuta: aqui é um espaço do grupo. O que se fala aqui é daqui.

Laura: as menina mechem comigo e ai eu brigo.

Leandro: lá na minha escola as meninas brigam também. Uma puxa os cabelos da outra. Eu vivo separando briga lá.

Terapeuta: a você separa a briga dentro da escola?

Laura: eu separo às vezes. Mas quando provocam eu, aaah, vou deixar. Sabe, elas xingam meu pai. E eu, não gosto que xinga meu pai.

Lucas: eu priko tampém porque falam do meu cheito de falar. Ai eu fico prafo.

Laura: a o meu também. Elas provocam de todo o jeito

Luiz Fernando: dã, dã...dão apelido

(Luiz Fernando junta as mãos e cruza os dedos. Leandro se ajeita na cadeira levantando mais seu corpo)

Leandro: é a mesma coisa

Terapeuta: dão apelido? Como assim?

Lucas: é falam que eu sou burro, que eu não sei fala, ou que eu sou ciança... a um monte mesmo.

Luiz Fernando: é também. Lá alguns falam que eu tenho problema.

(Silêncio)

Terapeuta: e como é isso para vocês?

Laura: é ruim. Mas, eu ponho outro!

Lucas: eu também!

Luiz Fernando: é isso!

(Leandro balança a cabeça concordando)

Laura: é mas que nem a gente já falou, eu as vezes falo para eles verem que eu não tô nem aí, porque esse é meu jeito

(O grupo olhou para Laura)

Laura: não era isso, que falamos?

Terapeuta: sim. Vocês se recordam?

Luca: é ,mas ainda não consiko só confersar, ou pala falar que não é, mais sem ofender, ou pra mostrar que eu não to nem ai. Eu fico pafo e tiste.

Laura: mas você tem que fazer. Porque se não você ta concordando com eles

Lucas: eu fou tentar...

Leandro: é. Agora não me zoam muito.

Lucas: em casa tampém pode fazer assim?

Terapeuta: Por quê? Como é em casa?

Laura: igual, ou até pior.

Lucas: até minha irmã me zoa.

Leandro: é agora ta melhor. Mas minha mãe reclamava do meu jeito até para ler.

Terapeuta: a O Leandro está dizendo que agora está melhor. Por quê?

Leandro: por que antes a minha mãe reclamava e ai eu não lia mais. Agora ela já entendeu que é assim que eu leio. E ela até fala que eu tô lendo melhor

Luiz Fernando: a, a...a minha mãe falou que eu não posso deixar de vir. Pol, pol... que ela já esta vendo que eu melhorei

Laura: minha mãe falou que eu melhorei, porque parei de atropelar as palavras. Só de vez em quando, quando eu tô nervosa que eu falo assim, muito rápido.

Lucas: a minha mãe parou de rir

Terapeuta: e o que o grupo acha de tudo isso?

Laura que é por isso que precisamos vir aqui

(Os outros integrantes do grupo concordam fazendo sinal com a cabeça)

Lucas: e os pais entendem também

Terapeuta: como assim?

Lucas: aaah é que se a senhora não explica eles acham que é preguiça.

Leandro: é

Laura: ou então que é de propósito só pra irritar

Luiz Fernando: é veldade.

Laura: e também eles passam a apoiar a gente. Pelo menos minha mãe ta me apoiando até na escola.

(Silêncio)

Terapeuta: nosso horário está acabando. Gostaram da nossa conversa

Lucas: Kosteí.

Laura: eu também.

Terapeuta: Então, está bom.

(Todos os integrantes do grupo olham para terapeuta)

Terapeuta: até a semana que vem.

Laura: até. Tchau

Luiz Fernando se levanta. Levanta a mão fazendo sinal de tchau. Leandro também se levanta e faz tchau com a mão).

Terapeuta: Tchau

Lucas: tchau

TRANSCRIÇÃO GRUPO 2

1º SESSÃO – GRUPO 2

(Pacientes entram na sala. O primeiro a entrar foi Gustavo, ele sentou na cadeira próxima a janela. Depois, Graziela que sentou na cadeira do meio e por fim Gabriel que sentou na cadeira próxima a porta de entrada)

Terapeuta: Olá! Tudo bem com vocês?

(Gustavo, Graziela e Gabriel balançam a cabeça simultaneamente de maneira vertical, apontando confirmação)

Terapeuta: vocês todos já me conhecem e então, vou pedir que vocês se apresentem um para os outros.

(silêncio)

Terapeuta: quem quer começar?

(Gustavo abaixa a cabeça; Graziela sorri e balança a cabeça horizontalmente, apontando negatividade. Gabriel levanta o braço direito)

Gabriel: Eu. Eu começo vai. Meu nome é Gabriel.

(Lucas olha para o seu lado esquerdo onde estava sentada Graziela. Ela sorri e leva suas duas mãos ao rosto)

Graziela: Eu?? Ai meu Deus! Ahhhh... meu nome é Graziela, mas gosto que me chamem de Grazi.

(Graziela olha para seu lado esquerdo onde estava sentado Gustavo. Gustavo ajeita-se na cadeira)

Gustavo: eu sou o Gustavo.

(Silêncio)

Terapeuta: Porque vocês não falam um pouco mais de cada um?!

Graziela: Como assim? De quê?

Terapeuta: Do que vocês quiserem falar, o que preferirem.

Gabriel: Ahhh... pode ser assim, pode ser do que eu gosto?

Terapeuta: pode (afirmando também com a cabeça)

Gabriel: Eu gosto de jogar vídeo game e mexer no computador.

Gustavo: Eu gosto disso também.

Graziela: Gosto de computador e, e de vídeo game também.

Terapeuta: Olha, que legal! Vocês gostam das mesmas coisas.

(silêncio)

Graziela: Você quer que fale mais? (olhando para a terapeuta)

Terapeuta: Vocês querem falar mais?

Graziela: Ahhh... é que eu não sei o que falar.

(Silêncio. Todos abaixaram a cabeça, se olharam, olharam para a terapeuta e abaixaram a cabeça novamente. Graziela ergueu a cabeça rapidamente)

Graziela: Ahhh eu vou falar vai... eu e ele (Graziela aponta para Gabriel) estamos na mesma escola.

Terapeuta: Ahhh é?

Gustavo: Eu não. Eu to no Tucunduva (nome da escola)

Graziela. Eu no Barcala (nome da escola)

Gabriel: é eu também to no Barcala

(Gustavo olha para Graziela e para Gabriel. Em seguida olha para a terapeuta)

Gustavo: Mas eles estão na mesma sala?

(Terapeuta dirige o olhar para Gabriel e para Graziela. Nenhum dos dois integrantes responde a pergunta de Gustavo)

Terapeuta: Boa pergunta Gustavo. Eu também não sei... e aí vocês estão na mesma sala?

Gabriel: Não! Eu sou da sexta “A” eeee ela... eu não sei...

(Graziela sorri e abaixa a cabeça)

Graziela: Eu to na “B”. è a sala da Mari, da Tati, da Mile.

Gabriel: A minha é da Dani

(Graziela abaixa a cabeça)

Terapeuta: E vocês conhecem essas mesma pessoas?

Graziela: È ela também é minha amiga... é mais ou menos

Gabriel: Eu não falo com elas não... são bagunceiras

(Graziela olha para Gabriel)

Gustavo: (dirigindo o olhar para a terapeuta) no Tucunduva tem outras salas de sexta também, mas eu gosto é da minha lá.

(silêncio)

Terapeuta: Vocês tem bastante coisas em comum. Estão na mesma série, gostam das mesmas coisas...

(Todos os integrantes olham para a terapeuta. Graziela balança a cabeça verticalmente , apontando confirmação)

Terapeuta: (olhando para Graziela e Gabriel) E vocês já eram amigos?

Graziela: A gente nunca se falou

(Gabriel olhou para terapeuta sorriu e desviou seu olhar para baixo. Ao mesmo tempo balançava seu cabeça verticalmente , apontando confirmação).

(silêncio)

Terapeuta: Vamos conversar sobre o porque estão aqui na fono?

(Graziela balança a cabeça verticalmente mostrando que concorda, Gabriel olha para terapeuta e sorri e Gustavo abaixa a cabeça e desliza seu corpo pela cadeira, afundando)

Terapeuta: Bom todos vocês estão aqui por um motivo, não é?

Graziela: É ..eu tô.

Gabriel: Eu tô

(Gabriel balança a cabeça verticalmente, confirmando)

Terapeuta: Então... e por quê estão aqui?

Graziela: Minha mãe diz que eu falo rápido e errado e que não da pra entender nada.

Gabriel: A minha... ela diz que eu falo estranho...e... e....

(Silêncio)

Gustavo: Lá em casa dizem que eu sou burro! Porque não sei ler direto e escrever também. Também falam que eu falo embolado as vezes.

(Silêncio)

Terapeuta: E como é isso pra vocês?

(Silêncio)

Gustavo: ruim, ué!

Graziela: é! Ruim.

(Gabriel balança a cabeça verticalmente confirmando)

Terapeuta: Ruim? Mas ruim como?

Gabriel: ahhh.... porque é motivo pra zoar a gente

Gustavo: e nas brigas, jogar na cara

Graziela: não precisa ser nas brigas não. Joga na cara a qualquer hora.

Terapeuta: mas quem “zoa” vocês? E quem joga na cara?

Graziela: os irmãos, a mãe....

Gabriel: é

Gustavo: e o pai também!

Terapeuta: Entendi.

Graziela: Mas eu não deixo barato não....

Terapeuta: Como?

(Gabriel ri. Em seguida Gustavo e Graziela também começam a dar risadas)

Terapeuta: porque estão rindo?

Gabriel: é que achei engraçado ela dizer isso.

Terapeuta: engraçado?

Gabriel: é...de não deixar barato...

Terapeuta: é Grazi, conta isso melhor...

Graziela: eu xingo.... bato....Não tô nem aí

Terapeuta: Ahhhh. Nossa isso mostra o como essa situação te incomoda né.

(silêncio)

Terapeuta: e vocês (olha para Gustavo e para Gabriel) o que vocês fazem?

Gabriel: eu não tenho esse problema com meus irmão. Minha irmã é mais velha e menina não dá pra bater, e se eu xingo ela fala que eu sou uma “criançona” mesmo. Aí deixo quieto.

Gustavo: eu não sei uns arranca rabo lá em casa. Eu cá minha irmã o eu com meu pai.

Terapeuta: quantos irmão vocês tem?

Gabriel: eu tenho uma só

Gustavo: eu tenho uma mais velha e um mais novo.

Graziela: eu tenho 3. só que eu só gosto da caçula. Os outros dois são uns pentelhos.

Terapeuta: e Gustavo você se dá bem com seu irmão?

Gustavo: ahhh... não... a minha mãe faz tudo que ele quer. Ai me irrita. Eu me dou bem com meu cunhado

Terapeuta: a sua irmã já é casada?

Gustavo: mais ou menos.

Gabriel: a minha é!

Terapeuta: ahhh tá.

(silêncio)

Gustavo: meu cunhado... ele é mó gente boa. Me leva passear na moto dele, divide o station comigo e compra fitas, Cd...

Terapeuta: ele divide o que com você?

(Gabriel e Graziela se olham, olham para Gustavo e caem na gargalhada)

Gabriel: Play Station.... é um vídeo game. Já vi que com a senhora vamos ter que traduzir as coisa..... (sorrindo) Mas não tem problema.

Terapeuta: é tem algumas coisas que eu não conheço a maneira como vocês chamam (Gustavo olhando para terapeuta sorri. Graziela e Gabriel também olhavam para terapeuta)

(silêncio)

Terapeuta: *E me contem outra coisa... Vocês acham que vocês tem mesmo alguma dessas dificuldades as mães de vocês falaram que vocês tem?*

Graziela: eu acho que não...acho que minha mãe fala pra implicar comigo. Porque ela só protege os outros, eu não

Gustavo: ahhh todo mundo fala não é só minha mãe.

Gabriel: pra mim eu falo que nem todo mundo. Mas minha mãe fala que não que eu pareço uma criança falando, que é estranho e feio...

Terapeuta: Bom vocês que não acham.... o que vocês acham que vão fazer aqui?

Graziela: aqui....

Terapeuta: é aqui na fono?

Graziela: ahhh... é minha mãe falou que eu vou melhorar

Gabriel: é

Gustavo: a minha também

Terapeuta: Como é ter que melhorar algo que a gente não percebe?

Gabriel: sei lá....

Graziela: ahhhh....

(Gustavo abaixa a cabeça e sorri)

Terapeuta: primeiro acho que precisamos perceber isso né?! Precisamos entender o que está acontecendo...

Graziela: pensando bem... é isso

(Gabriel e Gustavo se olham e caem na gargalhada)

Terapeuta: Bom por hoje é só nosso horário já deu. Nos vemos a semana que vem. Tchau.

Graziela: Tchau

Gabriel: Tchau

Gustavo: Tchau. Até a semana que vem

2º SESSÃO – GRUPO 2

(Terapeuta vai até a sala de espera chamar os integrantes do grupo. Na sala Gustavo e Gabriel estão em pé ao lado da cadeira onde Graziela está sentada. Os 3 estavam conversando. Entram para a sala de terapia)

Terapeuta: Oi. Como estão?

(Gabriela e Gabriel balançam a cabeça verticalmente com um sorriso no rosto. Em seguida Gustavo faz o mesmo gesto)

Terapeuta: Vi que vocês estavam na sala de espera conversando.

Gabriel: é ganhei um jogo de computador e tava falando.

Gustavo: é eu já tenho

Graziela: eu não tenho mas eu quero comprar.

Terapeuta: ahhh legal! E que jogo que é?

Gustavo: Sim Citty.

Gabriel: (cai na gargalhada. E ainda rindo afirma:) Tem que traduzir esqueceu.

(Gustavo e Graziela também riem)

Graziela: é um jogo de montar cidade

Terapeuta: ahhh de montar cidade? Como assim?

Gabriel: é muito legal. Você monta tudo

Gustavo: monta a família

(terapeuta olhava para os integrantes)

Graziela: é você ganha dinheiro

Gustavo: a mãe fica grávida para ter os bebês do pai

Terapeuta: a muito legal. Então o Gabriel comprou agora, e já começou a jogar?

Gabriel: ainda não. Tem que instalar e to tentando

Gustavo: eu já jogo

Terapeuta: ahhh e você quer contar um pouco como está seu jogo?

Gustavo: eu já contei pra eles. Vô contar para senhora só da família ta?

Terapeuta: tudo bem? O que você quer contar?

Gustavo: na minhasó tem minha mãe eu e meu pai.

Terapeuta: ahhh

Gustavo: é porque no jogo eu posso escolher...e faço como eu quero

Terapeuta: é verdade. No jogo podemos escolher.

Graziela: pena que não podemos escolher de verdade

(Terapeuta olha para Graziela)

Graziela: se não eu ia escolher não ter irmão

Terapeuta: assim como escolheu o Gustavo no jogo né?

(Gustavo estava com a cabeça baixa e ergue)

Terapeuta: não tem problema. Isso acontece porque algo está incomodando. Mas ...

Gabriel: pode passar!

Terapeuta: isso

(silêncio)

Gabriel: Hoje vamos jogar?

(Graziela e Gustavo sorriem)

Terapeuta: todos querem jogar?

(Graziela balança a cabeça verticalmente apontando que sim. Gustavo segue o mesmo gesto)

Terapeuta: então vamos escolher o jogo

(Em cima da mesa ao lado da mesa em que estávamos, haviam 4 jogos: show do milhão; stop; qual é a música e imagem e ação)

(Graziela, Gabriel e Gustavo se olham e em seguida olham para a terapeuta)

Terapeuta: podem escolher!

(Os 3 se levantam e vão até a mesa. Gustavo puxa o jogo “qual é a música”)

Gabriel: eu escolho esse

Graziela: a pra mim pode ser esse

Gustavo: ta pode ser.

(Gabriel pegou as regras na mão, manipulou o papel e olhou para Gustavo e Graziela)

Terapeuta: Vocês sabem jogar?

(Todos balançam a cabeça negando.

Terapeuta: Então vamos ler as regras para ver

Gustavo: tem que ler tudo isso aqui (apontando para o papel que estava na mão de Gabriel)

Terapeuta: é temos que ler para entendermos como se joga

(Graziela, Gabriel e Gustavo se olham)

Gustavo: quem vai ler? Um de nós? A senhora vai escolher?

Terapeuta: o que acham de cada um ler um pouquinho?

Gabriel: pode ser

Graziela: tudo bem

Gustavo: (abaixa a cabeça) Deixa eu ver? Ai o que eu vou fazer. Como eu vou ler isso? Ta ó eu poço ler essa folha (apontando para as regras do jogo) e ai vocês (apontando para Graziela e Gabriel) lêem essa? Ò já vou avisar, vocês não vão conseguir entender nada. E eu tenho muita vergonha (leva a mão ao rosto)

Terapeuta: vamos lá Gustavo... nós vamos entender sim e qualquer coisa se você quiser podemos te ajudar

Graziela: é mesmo

Gustavo (inicia a leitura): ohhh. Quem ganha mais ponto....uí cada o começo. (Gustavo manipula o papel) Ahhaqui (continua manipulando o papel)

Gabriel (que estava ao lado dele olha para a folha e apontando para o papel afirma) : está aqui ó!

Gustavo (iniciou, novamente, a leitura): Quem ganha mais pontos a música vale poder cantar, é contar no final. Dica ao adultos e leias as instruções a seguir com atenção e ao mesmo tempo vai jogando com a criança. Para três jogadores ou mais... é ou...ou equipes. Contendo 125 cartas com perguntas e pa... pei... levanta a mão pedindo que espere. Tarefas, 77 figuras, nadas...notas musicais e quatro marcadores. Objetivo do jogo é completar a escala musical, de outro primeiro. O jogador cam...cam...campeão de 5 vezes. Uma cantar, segunda quem canta, três uma música ca e na quatro leiam na no natas, na cinco par pó.

Gustavo (levanta o rosto e diz): vai ter que ler de novo? E em seguida continua a ler: pa pagando a música. A cada acerto a equipe o jogador ganham a nata musical. As fichas ficam com o nome da natas musicais, como ré, fa, sol, la, si, dó. Ai ...é, é colocado a primeira linha do ma...mar...marcador para formos a espera. (Gustavo interrompe a leitura e diz: tô gaguejando muito, agora é sua vez (passa a folha para Graziela

Graziela: eu posso ler em voz baixa?

Gustavo: por mim

Graziela: aí depois eu explico o que eu entendi

Terapeuta: você prefere?

Graziela: é, porque entendo melhor

Terapeuta: o que vocês acham? (dirige o olhar para Gabriel e Gustavo)

Gabriel: pode ser

Graziela: mas só tem um pedacinho....

Gabriel: pode ler tudo se quiser

Terapeuta: você não vai querer ler.

Gabriel: ahhh, a semana passada eu li o texto lembra

Graziela: é eu leio tudo então porque sobrou pouco

Terapeuta: então está bem. Quando você acabar de ler nos avise

(Silêncio)

Graziela: acabei. Precisamos escolher quem será o apresentador e quem serão os jogadores

Gabriel: a senhora é o apresentador (apontando para terapeuta)

Graziela: eu também quero ser. Pode ser as duas?

Terapeuta: o que vocês acham?

Gustavo: pode ser

Gabriel: pra mim tudo bem.

Terapeuta: você não prefere jogar? (dirigindo-se para Graziela)

Graziela: não

Terapeuta: e vocês querem que eu jogue?

Gabriel: não

Gustavo: é não

Gabriel: você tem que ser a apresentadora. Aí como ela também quer fica as duas

Terapeuta: por quê?

Gabriel: porque a senhora é a mais velha

Terapeuta: ahhh

Gabriel: e os mais velhos tem o papel mais importante

Terapeuta: entendi. Tudo bem se vocês preferem assim. Mas, não preciso ter o papel mais importante. Aqui somos todos importantes.

Graziela: vocês dois tem que decidir quem vai começar. Ai depois vocês vão escolher uma destas notas pelo nome. Aí com essas cartas nós vamos ler o que está escrito na frente da nota, e cada carta de cor diferente é uma fase. A fase um é cantar uma música que tenha a palavra que a gente falar, que é da carta né?! A outra fase é continuar a música que ta escrita na cartinha. A outra esqueci.

Gustavo: vamos jogar essa duas fase ai quando a gente mudar pra outra a gente l^eno papel se não vamos esquecer

Graziela: é ta

Gabriel: pode (olha para terapeuta)

Terapeuta: tudo bem

Gabriel: então vamos tirar para ou impar. Eu sou par

Gustavo: impar.

Terapeuta: já

Gustavo: eu ganhei, eu começo.

Terapeuta: Graziela acaba de explicar como se joga

Graziela: é então aí você vai falando pelas notas. Quando você acertar além de passar a fase você ganha aquela nota e coloca na cartela. Aí pra próxima rodada não precisa mais falar a nota que você já ganhou porque você tem que falar as outras pra ganhar. É isso

Terapeuta: então ao falar qual nota você escolhe nós apresentadores vamos ler o que estiver escrito na frente dessa nota. Se vocês acertarem ficam com a nota pra vocês se não ficam sem nota. Para vencerem o jogo vão ter que completar no marcadora todas as notas, por isso se vocês já tiverem por exemplo a nota dó não precisam escolher ela de novo pois se ganharem nada vai valer.

Graziela: é isso

Terapeuta: entenderam?

(todos balançaram a cabeça)

Graziela: vamos começar?

Terapeuta: vamos. Gustavo fala uma nota

Gustavo: si

(Terapeuta pega a carta da mesa correspondente a fase 1 e mostra pra a a Graziela)

Terapeuta: cante uma música com a palavra...

Graziela: Carnaval

Gustavo: ahhh não sei (olha para Gabriel)

(silêncio)

Terapeuta: sua vez então Gabriel. A nota

Gabriel: sol

Terapeuta: cante uma música que tenha a palavra

Graziela (puxa a carta da mesa): felicidade

Gabriel: tem que cantar

Terapeuta: é

Gabriel: ahhh... não sei

Terapeuta: Uma nota Gustavo

Gustavo: sol

Graziela: a palavra é calor

Gustavo: ahhhh.... não tem música com essa palavra

Gabriel : tem mas a gente não sabe

(silêncio)

Gustavo: eu passo.

Terapeuta: uma nota

Gabriel: dó

Graziela: semana

Gabriel: não sei também

(Gabriel começa a rir)

Graziela: que foi?

Gabriel: é que a gente não sabe nada

(Graziela e Gustavo começam a rir também)

Terapeuta: Gustavo

Gustavo: mi

Graziela: dia

Gustavo:só que , que é música chata

Terapeuta: mas não tem problema

Gustavo (riu, abaixou a cabeça): a não, não sei não

Gabriel: então eu...si

Terapeuta: cante uma música com a palavra..

Graziela: caipira

Gabriel: não sei

Gustavo: fá

Graziela: cante uma música com a palavra (Graziela passa a carta para terapeuta apontando a palavra)

Terapeuta: triste

Gustavo: um dia triste, um lugar pra ler um livro.. ahh não lembro o resto

Graziela: a um pedaço já ta bom né?

Terapeuta: é .

(Gustavo sorri)

Terapeuta: vai Gabriel

Gabriel: agora eu acerto. Si

Graziela: noite

Gabriel: não sei

Gustavo: agora é diferente né?

Graziela: é agora tem que completar. (Graziela pega uma carta): de noite eu rondo a cidade a te procura sem encontra no mei de olhares espio em todos os bares

Gustavo: não sei

Graziela: vai você (apontando para o Gabriel)

Terapeuta : mas leia para eles saberem a continuação

Graziela: espio você não está.

Gabriel: agora eu... eu to na outra fase né?

Graziela: é

Gabriel: dó

Graziela: valsa

Gabriel: ahhh não sei de novo

Gustavo: eu... escolho mi

Graziela: alô to lingando para saber com você está, eu tava atoa e por isso resolvi ligar...

Gustavo não sei, não me lembro....ai mas eu conheço

Gabriel: rindo: eu sei, mas não posso cantar....

Terapeuta: então canta Gabriel só para ele se lembrar

Gabriel: para contar que sonhei com você...né?

Graziela: é

Terapeuta: Bom nosso tempo chegou ao fim. A semana que vem a gente continua se vocês quiserem

Gabriel: ahhh pena que acabou.

Gustavo: não podemos ficar mais

Terapeuta: não nosso horário já deu

Gabriel: acaba mó rápido

Terapeuta: a semana que vem nos veremos

Gustavo: ta então vamos jogar de novo

Gabriel: é eu também quero

Graziela: eu também. Mas eu posso ter uma tabela também? Quero cantar

Terapeuta: tudo bem. Está combinado. Até a semana que vem

(Silêncio)

(Ninguém levanta da cadeira)

(Terapeuta se levanta, e então todos levantam)

Terapeuta: tchau

Gabriel: ahhh tchau né

Gustavo é fazer o que , tem que ir né

Graziela: tchau até

3º SESSÃO – GRUPO 2

(Gustavo chegou após o horário de atendimento. Os dois outros integrantes do grupo, Graziela e Gabriel, não haviam comparecido. Gustavo bate na porta da sala me questionando se eu podia falar com ele. Gustavo relatava que sabia que estava muito atrasado, mas afirmava que precisava muito, mas muito mesmo falar comigo. Solicitei que Gustavo entrasse para a sala de terapia.)

Terapeuta: olá, entra... como está?

Gustavo: mais ou menos

Terapeuta: o que foi?

Gustavo é que tenho duas coisas para falar

Terapeuta: duas?

Gustavo: é. Uma é maio ou menos e a outra é ruim.

Terapeuta: e você quer conversar comigo sobre ela?

Gustavo : quero sobre as duas

Terapeuta: ahh...o que aconteceu

Gustavo: a mais ou menos é que ...vai tudo os meus primos para a escola

Terapeuta: para qual escola?

Gustavo: é vai dois pra uma e vai um monte pra outra. Vai meu primo Vitor, meu primo Felipe, meu irmão Leandro, meu irmão Ricardo

Terapeuta: seu irmão Ricardo??

Gustavo : é essa é a outra coisa que tenho pra falar..., mas essa é a ruim... é...é vou acabar essa, tá?! Então eu, tudo aqui nessa escola, minha prima nessa escola, meu irmão no Tucunduva e ai meus 3 vizinhos que vão pro Fabiana

Terapeuta: seus primos vão estudar na mesma escola que você, então?

Gustavo: é. Eu gosto dela. Mas é que as vezes eu me irrita

Terapeuta: por quê?

Gustavo: porque as pessoa falam do meio jeito de ler, falam que não dá pra entender. E agora com meus primo e irmão lá vão ficar falando que nem meu pai, minha mãe e meu tia, que eles falam bem melhor que eu.

Terapeuta: ahhh entendi. É isso que está te deixando tão nervoso e aflito?

(silêncio)

Gustavo: é...

Terapeuta: mas me conta como é isso.

Gustavo : ahhh é assim, quando eu vou mal na escola a professora chama, aí ela fala pra minha mãe um monte de coisa e fala que eu falo ruim, e leio ruim. Minha mãe fala que sabe e que meu irmão que é menor que eu é melhor. E que o Ricardo também. E que ela não entende nada do que eu falo e leio.

Terapeuta: e o que você fala?

Gustavo: nada

Terapeuta: e que tal você começar a dizer algo

Gustavo: o que que eu vou falar se ela não gosta de mim

Terapeuta: Ela dizer isso não significa que ela não gosta de você.

Gustavo: ela não gosta porque eu não sei ler

Terapeuta: Não sabe? Mas você leu aqui, lembra ?

Gustavo : é

Terapeuta: então não é que você não sabe ler

Gustavo: é . Mas então...mesmo assim ela não gosta de mim porque eu não leio igual os outros

Terapeuta: é claro, você não é igual os outros. Já pensou se todas as pessoas fosse iguais? Cada um tem mais facilidades para uma coisa e dificuldades em outra.

Gustavo :é sou bom no futebol

Terapeuta: tá vendo

Gustavo: ahhhh. Então...acho que entendi

Terapeuta: o que?

Gustavo: assim eu posso ter dificuldade para ler e falar as vezes, mas não é que eu não sei, porque eu leio e falo...aqui né??? E eu tenho outras facilidades...que é o que eu sei fazer...e que ninguém é tão bom quanto eu.

Terapeuta: é, legal

(silêncio)

Gustavo: e tem outra coisa

Terapeuta: o que foi

Gustavo : é que eu... tô triste por outra coisa também. Dá tempo de falar? Você pode me escutar

Terapeuta: dá tempo sim. Pode falar

Gustavo:essa é aquela que eu falei que era a ruim...Meu pai está dizendo que não é meu pai. E que minha mãe é sem vergonha.

Terapeuta: mas...como assim?

Gustavo: é que é assim ó: eu fui pedir para ele pra eu ficar com um cachorro do meu cunhado, que ela é uma pit bull e ela deu cria. Ai eu quero um filhote. Porque meu cunhado diz que ela também é minha.

Terapeuta: ahhh...a cachorra do seu cunhado deu cria e você foi pedir para o seu pai um filhote.

Gustavo: é...mas ela também é minha

Terapeuta: ela é dos dois?

Gustavo: é. Eu ajudo a dar banho, comida, sair pra passear. Só que eu queria ter uma lá em casa. Então aí eu pedi pra minha mãe.

Terapeuta: você pediu pra sua mãe antes de pedir para o seu pai?

Gustavo: é falei que eu tinha pedido pro meu pai né? È mas foi pra minha mãe primeiro e depois ela disse pra eu falar com meu pai.

Terapeuta: e aí?

Gustavo: aí meu pai tava bravo. E gritou. Falou que eu era um saco e que só dava problema. E foi aí que ele falou que eu não era filho dele e que minha mãe é sem vergonha.

Terapeuta: E como foi ouvir isso ?

Gustavo: você não conta nem pra minha mãe?

Terapeuta: claro que não, esse espaço é seu lembra?

Gustavo: eu fui pro quarto e chorei. Mas eu liguei o som do computador pra ninguém escutar.

Terapeuta: foi difícil então.

Gustavo: minha mãe falou que era mentira, na hora. E lá eu fingi que nem liguei. Sabe assim, que nem me importava se ele era meu pai.

Terapeuta: na hora que estava a discussão?

Gustavo: é. Mas eu me importo.

Terapeuta: eu sei que é difícil, e que você ficou chateado...

Gustavo: eu estou pensando em sair de casa...

Terapeuta: então Gustavo, como eu tava dizendo, eu sei que você está muito triste com tudo isso, mas tomar atitudes assim não vai resolver seus problemas, não vai fazer passar sua tristeza.

Gustavo (começou a chorar em cima da mesa havia um lápis e uma folha sulfite cortada ao meio. Gustavo inicia um desenho. Enquanto desenhava dizia) :quando eu tiver uma

casa só minha, vou ter um cachorro e nem que eu estiver com muita raiva vou brigar com meus filhos. Você acha que ele disse isso, assim sem querer dizer.

Terapeuta: O que você acha?

Gustavo: acho que sim....mas eu fiquei triste e minha mãe também, ela chorou que eu vi e ficou nervosa e eles brigaram.

(silêncio)

Gustavo: tá bom ...eu não vou sair de casa não tá... é é...achei que você ia me cobrar isso...sabe todo mundo me cobra... você ...você não... Gustavo: posso falar outra coisa, é nada a ver

Terapeuta: diga

Gustavo: porque a Grazi e o Gabriel não vieram

Terapeuta: não sei também

Gustavo: ahhh é ruim quando só vem eu né

Terapeuta: é, você achou?

Gustavo: é achei. Porque quando eles tão, é melhor. Porque eles também falam e a gente troca mó idéia... mas tudo bem né. Agora eu vô.

Terapeuta: e como você está?

Gustavo: foi bom vir, eu nem ia vim. Tô menos triste

Terapeuta: que bom

Gustavo: é bom mesmo...eu gosto de vir... a semana que vem eu venho.Tchau

(Gustavo se levantou)

Terapeuta: Tchau

Gustavo: ahhhh, o Ju

Terapeuta: eu

Gustavo: não conta pra ninguém que eu chorei aqui ta. Ahhh nem pra Grazi e pro Gabriel. Eles são legais mas nem quero que eles fica sabendo.

Terapeuta: tudo bem

Gustavo: tchau.

4º SESSÃO – GRUPO 2

(Graziela, Gabriel e Gustavo entram na sala de terapia)

Terapeuta: Olá, tudo bem? Nossa a quanto tempo não nos víamos.

Graziela: é as férias foram bem legais

Gabriel: é também gostei. Eu fui lá pra casa do meu pai.

Gustavo: é eu voltei só porque a gente combinou de voltar hoje, mas vou sair daqui e vou direto pra praia.

Terapeuta: nossa...

Graziela: você não sabe como...

Gabriel: lá na casa do meu...

Gustavo: eu passei o ...

Terapeuta: Calma!! Temos que falar um de cada vez. Assim não vou conseguir entender nenhum de vocês. Sei que todos tem muita coisa para contar. E dá tempo de todos contarem. Quem vai começar?

Graziela: eu

Gabriel: iii lá vai....

(Gabriel suspira e debruça o corpo na mesa de terapia. Gustavo ri)

Terapeuta: como assim, lá vai?

Gabriel: é que ela, de nós três é a que mais fala. E se ela começa a gente não fala

Terapeuta: Calma, já disse que dá pra todo mundo falar. Cada um vai contando uma coisa. Vamos combinar assim, não é pra contar tudo de uma vez, vamos falando aos poucos e em ordem. Quem será o primeiro

Gabriel: ela (apontado para Graziela)

Terapeuta: e depois?

Gabriel: ahh pode ser eu

(Terapeuta olhou para Gustavo)

Gustavo: ahhh tudo bem. Eu sou por último

Terapeuta; então vai

Graziela: eu???? (começa a rir)

Terapeuta: é você

(todos riem)

Graziela: o Natal eu passei em casa e no ano novo fui pra praia. Fiz vários pedidos a Yemanjá

Gabriel: agora eu!

(Todos olham para Gabriel)

Gabriel: uma vez de cada. Agora eu conto onde eu passei o natal e ano novo, aí depois é o Gustavo

Terapeuta: Tudo bem para todos assim?

(Graziela e Gustavo balançam a cabeça verticalmente concordando com a decisão)

Gabriel: o Natal eu passei aqui em casa com a minha mãe. E o ano novo foi lá com meu pai. Mó legal, eu acho que vou pra lá morar com ele. Agora é você (apontou para Gustavo). Depois eu continuo falando

Gustavo: eu fui pra praia. Nois passou os dois lá. Foi todo mundo. Minha mãe, eu, meu pai, meu irmão, meus primo, tio, tia e meu cunhado e com a minha irmã.

Terapeuta: legal

(Graziela ergue a mão)

Terapeuta: o que foi?

Graziela: é to erguendo a mão porque quero falar...

Terapeuta: a como na escola

Graziela: é (e ri)

Terapeuta: a não precisa ser igual a escola aqui né

Gustavo: é Deus me livre.

(Graziela e Gabriel começam a dar risada, olhando para Gustavo. Gustavo sorri)

Gustavo: não escola é mó ruim. Tudo ta errado, tudo não pode. O jeito de ler é assim, não pode ser do meu... porque né? Ahhh e tudo vale nota.

Terapeuta: é aqui é diferente. Não estou aqui para avaliar vocês, estou aqui para ajudar vocês

Gustavo: é

Gabriel: á pra ouvir a gente

Graziela: é, pra agüentar a gente

(Todos riem)

Gabriel: então vamos continuar falando. Você (aponta para Graziela) E não precisa erguer a mão não.

Graziela: ta então, agora sou eu, né?

Gustavo: é. Eu que falei por último

Graziela: então, eu falei que eu tinha feito um monte de pedido pra Yemanjá

Gabriel: mas quem é essa

Graziela: aiiii, você não sabe???

Gabriel: não

Graziela: é a Santa!!!! Ela é do Mar. Aí no dia do Ano você entrega flor e pula 7 ondas e faz pedidos, pode 7 também

Terapeuta :Yemanjá é uma santa na religião espírita. Mas no nosso país há varias religiões.

Gustavo: é eu sou evangélico

Gabriel: iii eu nem sei o que eu sou.... eu não vô para igreja nenhuma

Graziela: é eu sou espírita. Minha mãe é, minha tia...iii todo mundo.

Terapeuta: é além da religião espírita, da evangélica, também tem a budista, a católica e outras. A religião faz parte da nossa cultura, normalmente seguimos a religião de nossos país.

Gabriel: vou ver com a minha mãe o que ela é...

Gustavo: e o que você pediu pra ela?

Graziela: vou falar um só. Porque não pode falar.

(Graziela olhou paa a terapeuta)

Terapeuta: você fala se você quiser

Graziela: eu pedi pra ela levar meu irmão, pra ele ir morar lá na Bahia, com a minha tia

Terapeuta: por quê?

Graziela: porque ele é um pentelho e eu não agüento mais ele, assim pelo menos ele deixa minha mãe mais pra mim.

Terapeuta: como assim?

Graziela: é que se não ele fica grudado nela o tempo inteiro. E só faz o que ele quer.

Terapeuta: ahhh entendi. Isso é difícil para você

(silêncio)

Gabriel: agora eu. Então eu tava falando que eu queria ficar lá com meu pai

Terapeuta: mas o seu pai mora aonde?

Gabriel: em Minas

Gustavo: aonde?

Gabriel: em Minas

Terapeuta: acho que o Gustavo quer saber aonde de Minas, qual a cidade

Gabriel: ahhhh, acho que é em Uberlândia

Gustavo: a minha mãe conta que ela era de Minas, mas acho que é de Belo Horizonte

Gabriel: a eu não conheço nada só lá mesmo onde meu pai mora. È mó legal, as escolas são mó legais... e tem muita coisa pra fazer. E eu queria morar com meu pai, porque tenho mó saudades.

(Gabriel abaixa a cabeça)

Graziela: ahhh, num fica triste

Gustavo: é aqui você tem amigos?

Gabriel (começa a chorar): é porque eu queria que minha mãe também morasse lá, porque eu podia ficar com os dois...mas ela num quê.

Graziela: é pai e mãe só complica viu. Ahh e irmão também

Gustavo: é mesmo, eu fui lá pra praia aí minha mãe não queria ir, aí meu pai queria. A minha irmão não queria, porque queria ficar com o namorado e minha mãe não queria deixar ela sozinha. Viu como irmão, pai e mãe complica

Terapeuta: Ahhh sabe o que eu acho, que as vezes vocês queriam a mãe de vocês mais pra vocês, assim como a Graziela falou.

Graziela (rindo): é mesmo. Eu podia ser só eu de filha

Gustavo: é ia ser mais fácil

Gabriel: ahhh é que eu sou praticamente sozinho, porque minha irmã não mora mais em casa. E é mó bom. Minha mãe dá mó atenção para mim. Mas também quando ela aparece lá... iii mó saco, porque tudo é pra ela e do jeito dela...

(silêncio)

Graziela: tá vendo...por isso que eu fiz meu pedido

Terapeuta: porque será que vocês querem a atenção da mãe só par vocês?

Gabriel: por que aí ela faz tudo que a gente quê

Gustavo: é e não tem que dividir nada, para dar pra todos iguais seria só eu. Seria mais presente também

Graziela: é mesmo heim??

Terapeuta: ahhh e mais alguma coisa?

Gustavo: ahh e também não ia comparar eu com ninguém.

Graziela: isso é veradade

Gabriel: é mesmo

(Gabriel olha para o relógio)

Gabriel: ahhh já deu???

Terapeuta: é já

Gabriel: ahhh não acredito

Gustavo: que pena meu, mó pouco

Terapeuta: bom agora, as férias acabaram, voltamos a nos ver todas as semanas.

Graziela: tá bom

Gustavo: a semana que vem começa as aulas também

Gabriel : é mesmo

(Terapeuta se levantou e Graziela, Gustavo e Gabriel também)

Gustavo: Tchau

Graziela: Tchau Ju

Gabriel: Tchau

5º SESSÃO – GRUPO 2

(Graziela, Gustavo e Gabriel chegaram atrasados para a terapia. Enquanto esperava eles chegarem fiquei na sala de terapia. Ao chegarem dirigiram-se direto para a minha sala. Estavam os três juntos. Graziela bateu na porta)

Graziela: podemos entrar?

(A terapeuta olhou para a porta da sala)

Terapeuta: olá

Gabriel: estamos atrasado, né?!

Gustavo: pode entrar ainda?

Terapeuta: é estão atrasados sim, mas ainda temos um tempo. Podem entrar. Está tudo bem?

Gabriel: a gente veio junto, aí atrasamos porque a gente resolveu comprar chiclete.

Terapeuta: ahhh vocês vieram juntos? Os três?

Graziela: é sim

Terapeuta : e vocês se atrasaram porque foram comprar chiclete?

Gustavo(sorrindo):é também. Mas é que a gente chegou muito cedo aí fomos ali na frente. Só que aí perdemos hora.

Gabriel: A senhora quer um?

(Gabriel coloca um chiclete em cima da mesa e empurra em direção a terapeuta)

Terapeuta: obrigada! Vou guardar para mais tarde.

Gabriel: a gente também né?!

Graziela: claro que sim, não precisa nem perguntar

Terapeuta: não tem problema perguntar. Mas vou pedir para vocês comerem depois, pois podemos aproveitar esse tempo que resta para conversarmos.

Gabriel: tá bom

Gustavo: é, ta bom

(Graziela balança a cabeça verticalmente apontando confirmação)

Terapeuta:A semana passada vocês tinham pedido para eu trazer a gravação. E eu trouxe. Nós vimos juntos na sala de vídeo, e não pudemos conversar depois. Queria que você falassem um pouco sobre o que vocês acharam.

(silêncio)

(Graziela abaixou a cabeça e começou a rir. Gustavo e Gabriel riram em seguida)

Gustavo: ai meu Deus!

Terapeuta: Como foi ver vocês em terapia?

Gabriel: ahhh.... eu achei... estranho

Terapeuta: estranho? Estranho como?

Gabriel: ahhh assim.... éééé... eu falo mesmo daquele jeito?

Terapeuta: Qual jeito?

Gabriel: ahhhh... sei lá... chiado

Terapeuta: você achou isso?

Gabriel: é achei....

Terapeuta: e vocês o que acharam?

Graziela: achei que eu também falo estranho. Assim meio chiado também é enrolado

Terapeuta: e você? (olha para Gustavo)

Gustavo: é...é mó confuso pra entender o que eu falo e o que leio também.

Terapeuta: Nossa vocês perceberam tudo isso?

Gustavo: é

Gabriel: acho que eu nunca tinha visto um filme meu

Graziela: nem eu...só tinha visto foto

Terapeuta: e então, foi bom perceber tudo isso de vocês?

Gabriel: é mais ou menos

Terapeuta: por quê?

Graziela: da minha parte porque confirmou que minha mãe tinha razão ...e eu achava que era só pra me encher o saco que ela falava de como eu falava.

Terapeuta: ah!

Gabriel: é eu nunca tinha parado pra me ouvir... e eu nem achava que eu falava assim

Terapeuta: assim?

Gabriel: é assim como a minha mãe dizia que eu falava... bebê que fala assim, né? Putz vou ficar encanado...

Gustavo: é, todos tinham razão. Mas não esqueci do que a gente falou aquele dia que vim sozinho... e, ainda vale?

Terapeuta: claro que vale. Mas nem a Graziela nem o Gabriel sabem do que estamos falando, conte para eles.

Gustavo: ai tenho vergonha.

Terapeuta: Quer que eu fale?

Gustavo: não é.. Então, é que nesse dia eu tava mó triste porque falavam de mim. Aí aqui a gente falou que tem gente que tem dificuldade em algumas coisas, mas isso não é que é burro, ou anta. E também tem qualidades em outra coisa.

Terapeuta: Nós conversarmos que tem coisas que algumas pessoa fazem com mais facilidades e outras com mais dificuldade.

Gustavo:é.

(silêncio)

Gustavo: para mim...o que é mais é ler.

Graziela: ahhh pra mim é agüentar minha mãe falando que eu falo estranho

Gabriel: é ...acho que é isso também

Terapeuta: é por isso que estão aqui.... para superarmos isso, que está difícil.

Gabriel: ahhh...é

Terapeuta: e o que é fácil?

Graziela: dançar.

Gabriel: pra mim é fácil matemática.

Gustavo: para mim jogar bola.

Terapeuta: que mais?

Gustavo: jogar computador.

Graziela: é e vídeo game

Gabriel: é

Terapeuta: Estão vendo...quantas facilidades, quantas qualidades vocês tem?

Graziela: é...

(Gabriel e Gustavo olham para a terapeuta atentamente)

Terapeuta: e aí vocês querem dizer mais alguma coisa?

(Todos balançam a cabeça horizontalmente afirmando que não)

Terapeuta: então está bem, até a semana que vem.

Graziela: tchau

Gustavo: tchau, a semana que vem não vamos atrasar.

Gabriel: é..não vamos.... tchau

Terapeuta: tchau

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)